

MARÇO DE 1908

# KOSMO

## SUMMARIO

|                                       |                   |
|---------------------------------------|-------------------|
| Chronica.....                         | Olavo Bilac       |
| O Pavilhão do Estado de Minas Geraes. | Gravura           |
| A Exposição Nacional. ....            | X.                |
| O Pavilhão do Estado da Bahia.....    | Gravura           |
| Fagundes Varella.....                 | Leoncio Corrêa    |
| A Ponte de S. José do Rio Pardo.....  | Y.                |
| A Escola Militar.....                 | Lima Campos       |
| Emboabas.....                         | Mario Behring     |
| Ilha de Paquetá.....                  | Gravura           |
| Helios Seelinger.....                 | Gonzaga Duque     |
| Monumento a Floriano Peixoto.....     | Gravura           |
| Por Darwin.....                       | Fritz Müller      |
| A Romã.....                           | Emilio de Menezes |
| Buenos Aires.....                     | Thomaz Lopes      |
| A Exploração da Borracha na Amazonia. | Gravuras          |
| Carta a um Bacharel.....              | Celso Vieira      |

Malaguti  
R. 23

le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

# A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos  
Sobre a Vida

Autorisada a funcionar pelo decreto  
n. 2245 de Março de 1896.



SEGUROS DE VIDA  
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:

Rs 200.000:000\$000

Sinistros pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000\$000

Apolices com Sorteio Semestral  
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA  
EQUITATIVA

Os sorteios tem logar em 15 de Abril  
e 15 de Outubro de todos os annos.

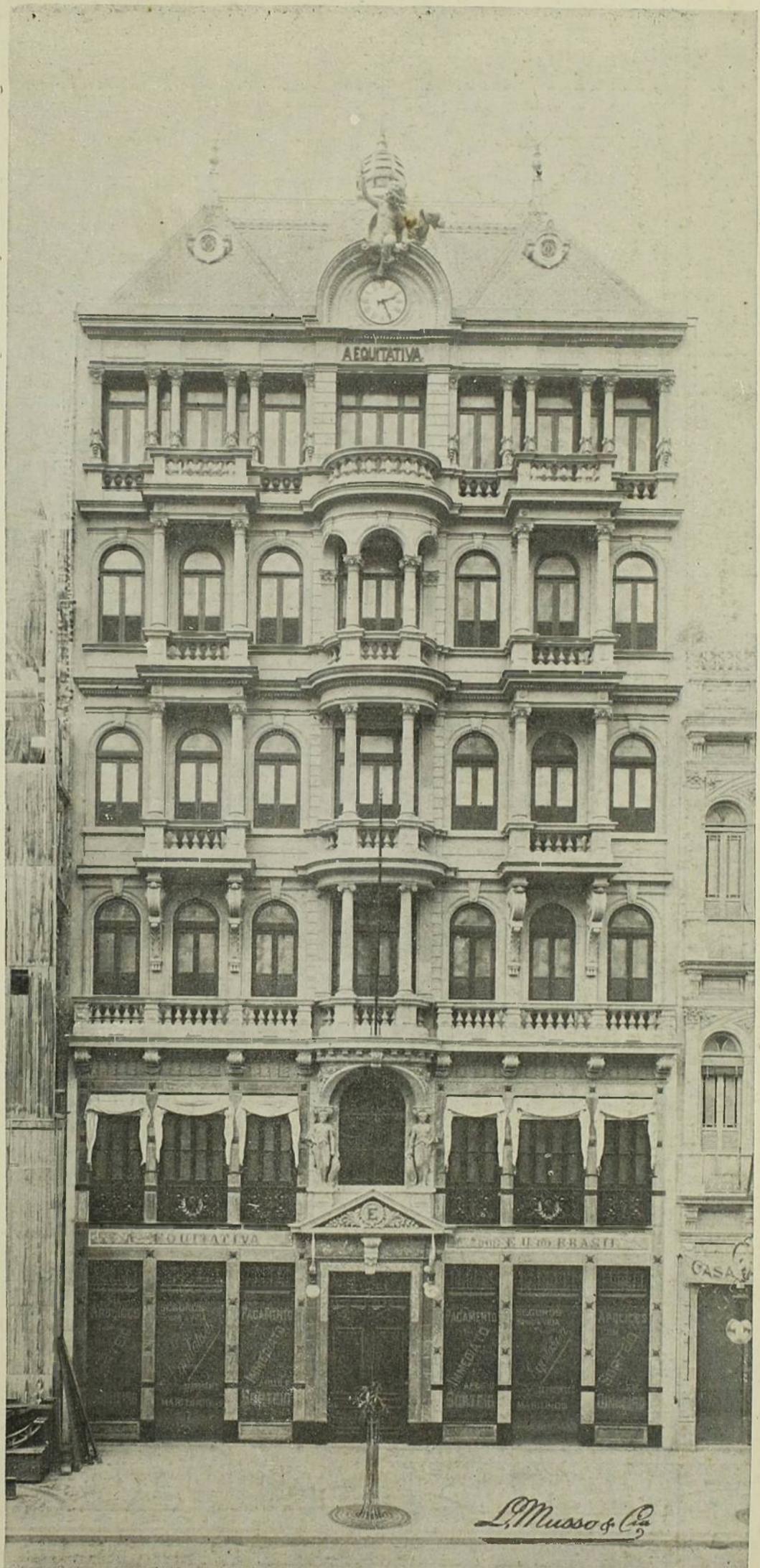
Agencia em todos os Estados  
da União e na Europa

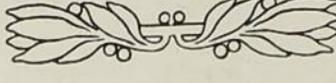
Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125





# O DIARIO

Folha noticiosa illustrada, matutina

IMPRESSA NAS OFFICINAS DE KÓSMOS

Propriedade de J. SCHMIDT

---

Redigida e collaborada por amestradas pennas do jornalismo carioca

---

## REPORTAGEM ILLUSTRADA

---

Retratos, vistas, instantaneos de todos os acontecimentos dignos de nota,  
quer politicos quer mundanos.

---

## CARICATURA — CHARGES DIARIAMENTE

---

Publicação diaria, impressa pelo mais moderno e aperfeiçoado  
processo. Inteira novidade jornalística.

APPARECERÁ EM 1.º DE MAIO PROXIMO

---

## ASSIGNATURAS

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1908 — 20\$000

**Redacção e Officinas:**

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62 — RIO DE JANEIRO





## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario | ASSIGNATURA ANNUAL | Redacção e Officinas  
JORGE SCHMIDT | INTERIOR. . . . 20\$000 | EXTERIOR. . . . 25\$000 | RUA DA ASSEMBLÉA, 62  
| NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000 | RIO DE JANEIRO

ANNO V

MARÇO 1908

N. 3

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### CRONICA

**R**ISONHA e amavel quaresma tem os cariócas este anno! quaresma de penitencias nullas e de regalados prazeres, quaresma que é um prolongamento do Carnaval...

Não trovejasse no pulpito da cathedral a voz iracunda do Sr. Padre Julio Maria, lançando os raios da ira divina sobre esta Babylonia sul-americana, — e ninguem acreditaria estar nesta época das mortificações da carne e do espirito, com que a Igreja pretende preparar-nos para as delicias do céu.

As conferencias do Sr. Padre Julio Maria são o unico signal revelador da quaresma. Naquelle pulpito, Sua Reverendissima é, ao mesmo tempo, Isaias e Ezequiel. As maldições chovem d'alli sobre a cidade peccadora, que commetteu o grande crime, o crime sem perdão de sanear-se, de dignificar-se, de civilisar-se. E a voz iracunda e tremenda brada ás quintas-feiras e domingos: «Cidade abominavel, cidade *smart* e *up-to-date!* o dia vem perto, em que o Senhor te ha-de tirar as avenidas, os automoveis, os cursos, os collares, as gargantilhas, os braceletes, os garavins, as arrecadas, as ligas das pernas, os colletes Pompadour, os anneis, os

pingentes de pedras preciosas, as charpas de seda, os volantes de brocado, e os espelhos! E em lugar de suave cheiro, terás hediondez! e em lugar de cinta, — corda! e em lugar do corpinho de setim, — cilicio! E os teus mais galhardos varões cahirão mortos á espada, e se entristecerão e enlutarão as tuas portas; e desolada te assentarás em terra, com a cabeça coberta de cinzas!»

Pois, sim! Os frequentadores e as frequentadoras das conferencias da cathedral ouvem essas cousas com espanto e medo, — mas com espanto e medo que duram pouco. Ouvidas as ultimas palavras da imprecação do novo Isaias, — os fieis, ainda enxugando os olhos, saem do templo pensando no proximo côurso ou na proxima batalha de confetti, e vão regalar-se nos cinematographos com a contemplação de scenas profanas. Já ninguem tem medo do inferno...

Risonha e amavel quaresma! Se houvesse por ali lojas unicamente destinadas a vender cinzas de penitencia e cilicios de mortificação, — os donos dessas lojas ficariam arruinados este anno. A cinza hoje preferida é o pó-de-arroz; e o cilicio, actualmente predilecto, é o collete *devant-droit*.

E quem ha que jejúe? Não me consta que a matança do gado em Santa Cruz tenha diminuido depois da terça-feira gorda...

Tambem, é verdade que essa prescripção do jejum quaresmal nunca foi rigorosamente



cumprida em tempo algum e em parte alguma do mundo.

Na «Vida de São Godofredo, bispo de Amiens» ha uma interessante narração, na qual se vê que os homens do seculo 10º eram tão inimigos do jejum como os do seculo 20. No dia das cinzas, o Santo Bispo, descalço e coberto de cilícios, exhortou os fieis ao cumprimento do jejum, prohibindo-lhes o consumo da carne. Mas os fieis protestaram, e alli mesmo, á vista do Santo, comeram carne. E o Santo, diz o panegyrista, «fechou os olhos, esperando, para se mostrar rigoroso, que as circunstancias fossem mais favoraveis...»

Essa tolerancia da Igreja não foi desmentida até hoje. Em tróca de algumas missas, de algumas rezas, e de algumas esmolos, a Igreja sempre concedeu, ainda concede, e sempre ha de conceder dispensa da abstinencia.

Já houve tempo, no Rio de Janeiro, em que todas as familias jejuavam. Mas que jejum! Não appareciam nas mesas as carnes prohibidas. Em compensação, que bacalhoadas! que peixadas! que fritadas de camarões e lulas! e que infinita quantidade de travessas, de terrinas e de campoteiras, cheias de bolos, de doces, de compotas, de beijús, de podins, de pastéis, e de biscoutos! O nosso bom povo, querendo compensar a falta das carnes de boi e de porco, empanturrava-se com todas as outras boas cousas permittidas. E a quaresma acabava sendo, não uma quadra de abstinencia, mas uma quadra de formidaveis indigestões. Que modificação, heim?!

As carnes de boi e de porco, e algumas outras, que, como aquellas, pertencem á classe das carnes «escuras» teem hoje inimigos mais temerosos do que os padres: são as higienistas. O medo da molestia e da morte é mais serio do que o medo do inferno. A condemnação ao arthritismo, á neurasthenia e á arterioesclerose atemorisa mais do que a condemnação ás chammas eternas. A abstenção das carnes escuras não é hoje uma imposição da fé: é uma imposição da medicina.

Dos fastos da Igreja constam innumerous exemplos de ascetas e cenobitas, que, em signal de humildade, viviam de rastros pelos campos, comendo as hervas rasteiras, como os animaes inferiores. Foram esses os precursores dos actuaes «vegetarianos.» Antigamente, o consumo exclusivo dos vegetaes visava impedir o accumulo dos peccados na alma; hoje, visa impedir o excesso dos uratos nos tecidos.

Mas, agora, como então, o sabor do fructo prohibido tenta as almas e os corpos: de quando em quando, um asceta, tentado pelo Demonio, devorava no deserto uma avestruz pegada a laço, — como actualmente, não podendo resistir ás exigencias da sensualidade,

os arthriticos devoram criminosamente perdizes com tubaras e pasteis de figado hypertrophado de ganso.

Ai! a carne é fraca, e todos nós viemos ao mundo para peccar!

Mas, deixae lá! Não posso crer que seja peccado o não guardar a prescripção do jejum, nem o de intercalar um carnavalsinho suplementar entre a terça-feira de entrudo e o sabbado de alleluia.

O jejum! Mas lá está escripto, em São Matheus, que Jesus consultado sobre se era licito comer aos sabbados, disse: «Misericordia quero, e não sacrificio!» E lá está tambem attestado, em São Marcos, que o mesmo Jesus, fallando dos judeus jejuadores, exclamou: «Este povo honra-me com a bocca, mas o seu coração está longe de mim!»

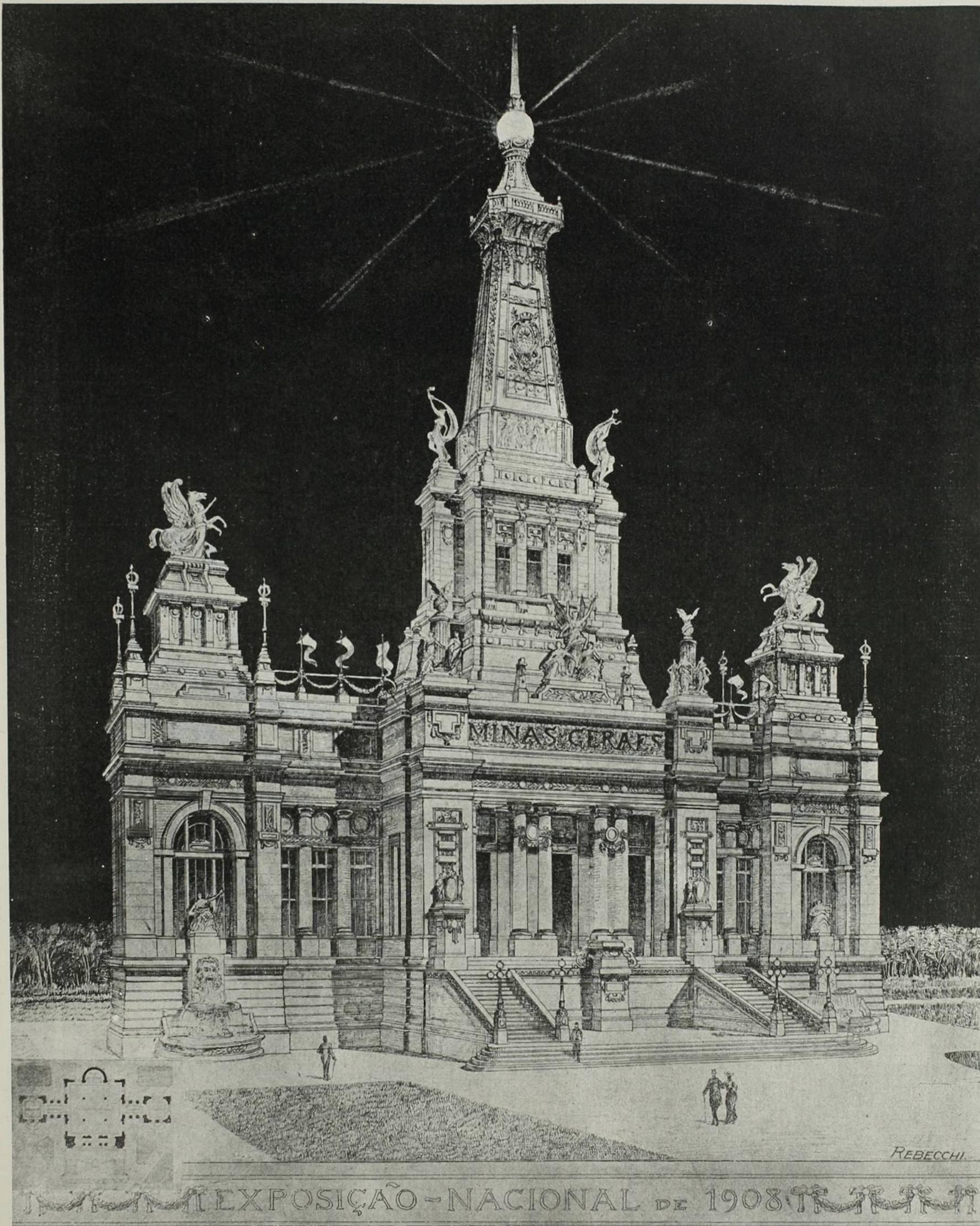
E o Divino Mestre gostava de ver a gente humilde divertir-se e folgar. Nem sempre a tristeza anda alliada á bondade. São mais innocentes os passaros e as borboletas, que passam a vida ao sol, entre ramagens e sobre flores, cantando e revoando, de que os ratos, que vivem nas trévas, infestando os porões das casas, e armazenando no corpo os germens assassinos da peste.

Esse pequeno carnaval complementar não ha-de levar uma só alma, ao Inferno. Que peccado commetteu essa multidão de creaturas pobres e modestas, indo amontoar-se nas alamedas da Avenida Beiramar, a ouvir musica, e a regalar-se com o espectáculo innocuo dos fogos de Bengala e dos foguetes de lagrimas, e a festejar, ao seu modo, sem velha e sem serra, a classica cerimonia da serração da velha.

Tenho para mim que paccado maior é o de estar, pela imprensa e pelo pulpito, a clamar que tudo vae mal, que a Republica é um regimen de falcatruheiros, e que a revolução contra os que governam é um direito e um dever.

Criminosos e máus não são os que dizem a um povo soffredor: «Todos os povos soffrem, porque o soffrimento é uma condição essencial da vida; tu não és mais infeliz do que os outros; toda a terra está cheia de descontentes, porque a perfeição é um ideal inatingivel; consola-te, e contenta-te com o que tens; e diverte-te!» Criminosos e maus são os que dizem: «Tudo está pôdre, e irremediavelmente perdido; todos os homens hão-de ir depois da morte para o Inferno, porque não basta, como castigo, o inferno em que todos elles vivem neste mundo; entristece-te, ó povo, e chora, e revolta-te, e procura ser mais infeliz do que és hoje!»

Isso é que é crime, isso é que é maldade, isso é que é peccado.



O PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES





# A Exposição Nacional

DE 1908

POR ocasião do grandioso certamen norteamericano, commemorativo da incorporação dos vastos e fecundos territorios da Luiziania á grande União, ante os olhares maravilhados dos curiosos, idos de todas as partes do Mundo, desenharam-se as nossas forças economicas, dignas de hombraear com as dos velhos povos dos outros continentes, manifestando-se perfectas em nossos artefactos industriaes, enormes na expansão de nossa agricultura, maravilhosas nos productos de nossa natureza, de sorte a collocar o Brasil em tal situação de avantajamento, que na gigantesca feira bem se póde affirmar — fomos nós os vencedores. Desde a vasta e incomparavel bacia amazonica até as verdejantes coxillas do Rio Grande do Sul, todos os Estados da Federação concorreram com os seus productos proprios, qual mais perfeito e attrahente, mostrando uma feição nova de nosso progresso aos povos concurrentes á Exposição de S. Luiz. E com justo e legitimo orgulho recebemos a innumeravel serie de premios, destinados a recompensa e estimulo do nosso trabalho, do nosso progresso, da nossa fecunda actividade.

Mas si maravilha foi para o estrangeiro esse attestado pujante de nossa vitalidade, força é confessarmos que talvez fossemos nós mesmos os mais maravilhados.

E' que nós vivemos nos desconhecendo. Mais nos interessa quasi sempre o que vai por alem mar do que o acontecido dentro das raias do nosso vastissimo territorio.

Os Estados se ignoram e muita vez o mesmo se dá com os municipios visinhos de um mesmo Estado.

Com extrema admiração chega-nos ao conhecimento que o objecto adquirido pelo mimoso da manufactura, pelo acabamento do todo em luxuoso *magasins* de modas, não é producto das afamadas fabricas d'alem mar e sim das mais modestas de um Estado qualquer. Porque na industria nós só comprehendiamos que o Brasil fizesse alem dos moringues da Bahia, das redes do Maranhão, do algodãozinho mineiro e dos rebenques de couro trançado do Rio Grande, mais uns curiosos berloques que uma hora arrancada á ociosidade malandra dos praieiros arabescava em cascas de coco que a natureza fornece em profusão pelos extensos areiaes do Norte.

A Exposição de S. Luiz veio perturbar-nos essa doce illusão, revelando-nos os progressos da industria nacional de que só falavamos com sorrinhos de mofa e entretanto o Jury internacional galardoava admirado do nosso adeantamento.

D'ahi em deante e mercê desse movimento de progresso que fez com que em um lustro se tornasse o Brasil mais conhecido do que nos quatro seculos que tem de existencia e á força de ouvirmos louvores sobre esse progresso por nós desconhecido em seus multiplos detalhes a idéa do governo actual de reunir a producção de todos os Estados em um grandioso certamen que se abrirá em Junho proximo, de modo a attestar com brilho a verdade dos conceitos sobre nós emittidos em um concerto de louvores que nos anima e nos fortalece como nos enche de suave alegria patriótica.

Votada pelo Congresso Nacional a necessaria autorisação na lei do Orçamento, em 4 de Julho de 1907 e pelo Decreto n. 6544, o Dr. Affonso Penna, presidente da Republica, approvou as bases organizadas pelo Ministro da Industria Viação e Obras Publicas Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Em 10 de Outubro foi nomeada a Commissão Superior composta de 41 membros sob a presidencia do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ex-ministro da Viação, provector lente da Escola de Minas de Ouro Preto e nosso delegado em S. Luiz.

Tres vice-presidentes, os Drs. Luiz Raphael Vieira Souto, Arthur Getulio das Neves e Antonio de Padua Assis Rezende, o primeiro substituido pelo general Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e um secretario geral o Dr. Candido Mendes de Almeida constituem com o Presidente o Directorio Executivo da Exposição:

Constará ella de 4 Secções:

*Agricultura ;*  
*Industria Pastoril ;*  
*Varias Industrias, e*  
*Artes Liberaes.*

Para promover o comparecimento de todos os Estados ao Certamen varios delegados percorrem o paiz inteiro em propaganda, facilitando o trabalho dos governos estadoaes.

Por conta do governo correrão as despesas com o transporte de todos os objectos destinados á Exposição.

O local escollido foi a grande esplanada da Praia Vermelha onde ha bem pouco tempo se erguiam os edificios da Escola Superior de Guerra.

Confiados os trabalhos de construcção á competencia e actividade do Dr. José Mattoso Sampaio Correia, director das Obras Publicas,



quem hoje se dirigir aquelle local certamente não deixará de se admirar das transformações por elle soffridas.

Os velhos pavilhões da Escola tombarão, no mesmo local se erguendo outras construcções destinadas a abrigarem os objectos expostos.

Dos Estados da Federação sómente Minas, S. Paulo e Bahia estão construindo pavilhões independentes e fal-os-ão ainda o Paraná e Santa Catharina.

A Prefeitura do Districto Federal terá também pavilhão á parte.

Das Repartições Publicas terá um pavilhão isolado a Repartição Geral dos Telegraphos.

A Sociedade Nacional de Agricultura construirá também um pavilhão e bem assim a Companhia Progresso Industrial do Bangú.

Ainda concorrerão em pavilhões independentes a casa Herm. Stoltz com uma exposição de machinismos para a Lavoura e a Cervejaria do Estado do Pará.

Portugal, unica nação estrangeira a qual foi dada a concessão de concorrer a Exposição, já tem em obras o seu pavilhão, de estylo ma-noelino.

A Exposição abrir-se-á em 15 de Junho e encerrar-se-á em 7 de Setembro, funcionando diariamente das duas horas da tarde até ás oito

quando se fecharão os pavilhões, continuando entretanto a funcção das diversões até meia noite.

No recinto da Exposição funcção um theatro, um café concerto, varios cinematographos. Haverá ainda outras diversões variadas, montanhas russas, balões captivos, etc.

Funcção restaurantes e *bar* no grande terraço com vista para o mar.

O custo dos bilhetes de entrada variará conforme os dias de 500 rs. a 2\$000.

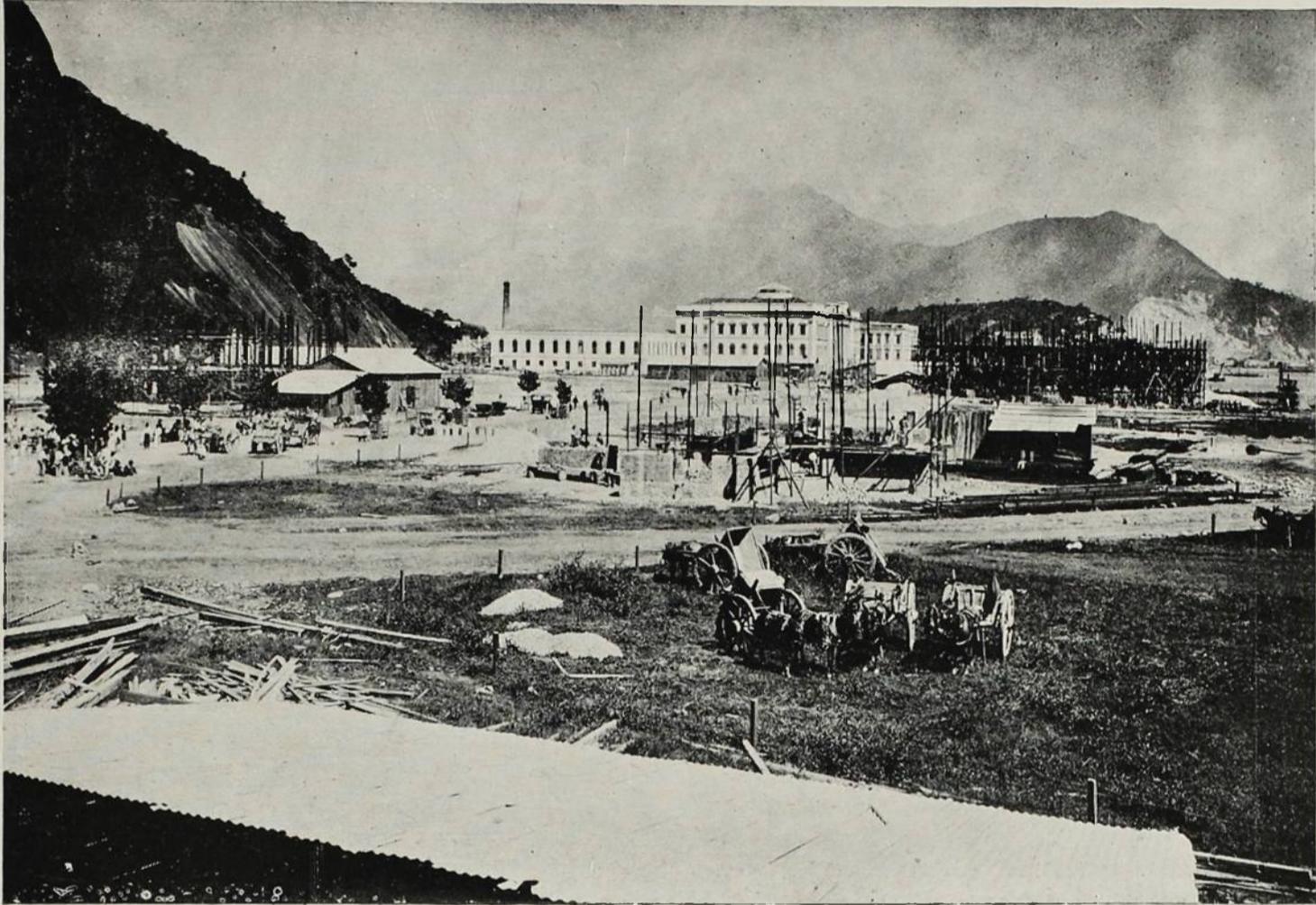
O transporte será dado pelos bonds da Companhia Jardim Botânico que prolongará os seus trilhos até o grande portão da Exposição e pela Companhia Cantareira cujas barcas atracarão em ponte para esse fim especialmente construida.

Um dos mais curiosos attractivos da Exposição será certamente a Secção Pastoril, o pavilhão construido para o gado contendo 300 cocheiras diversas.

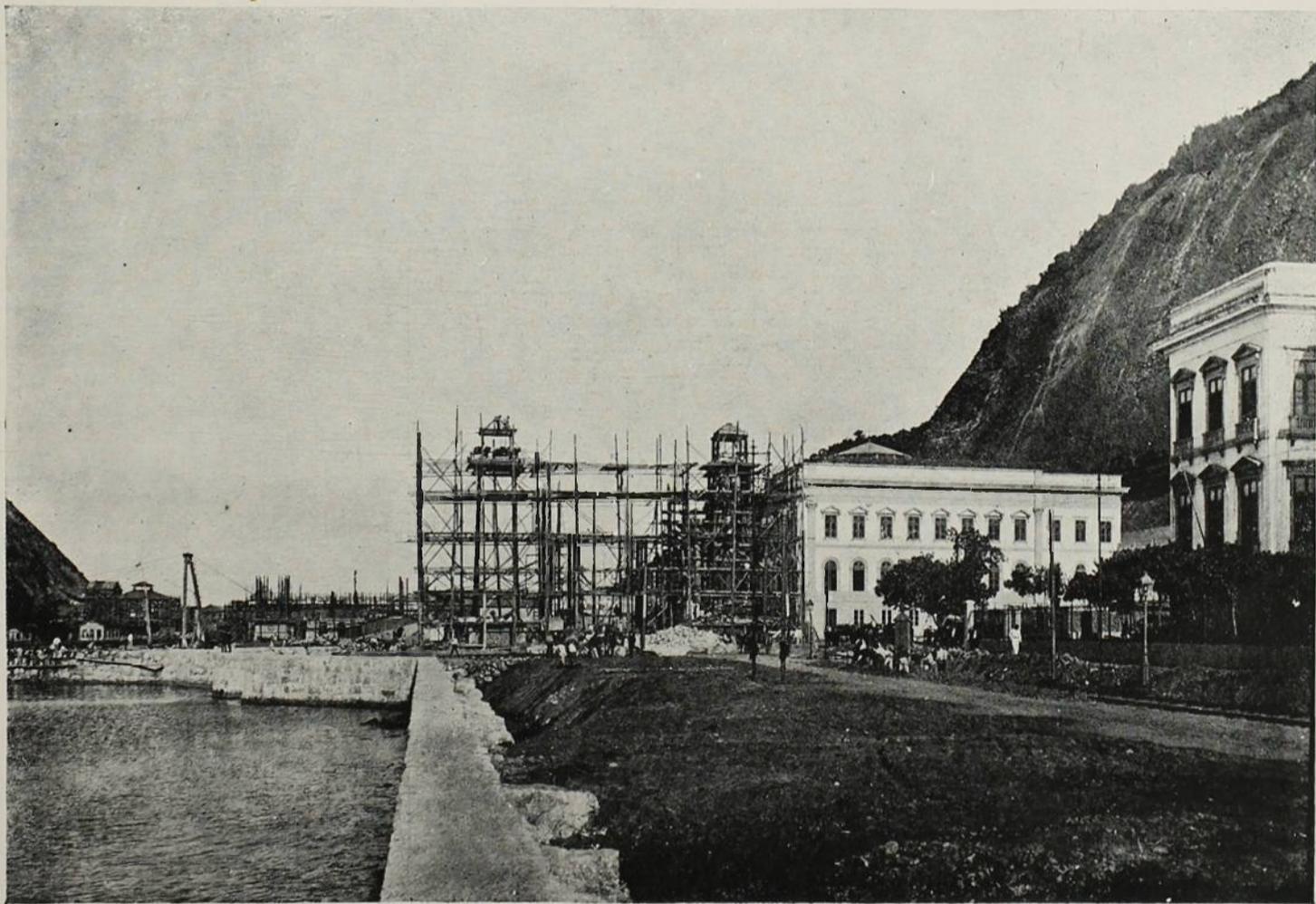
Dous pavilhões são destinados ás machinas.

Kósmos que acompanhará em todos seus numeros o movimento da Exposição, começa hoje a publicar photographias das obras, tomadas em diversas phases da construcção, de modo a dar a impressão perfeita do que vae ser o grandioso certamen.

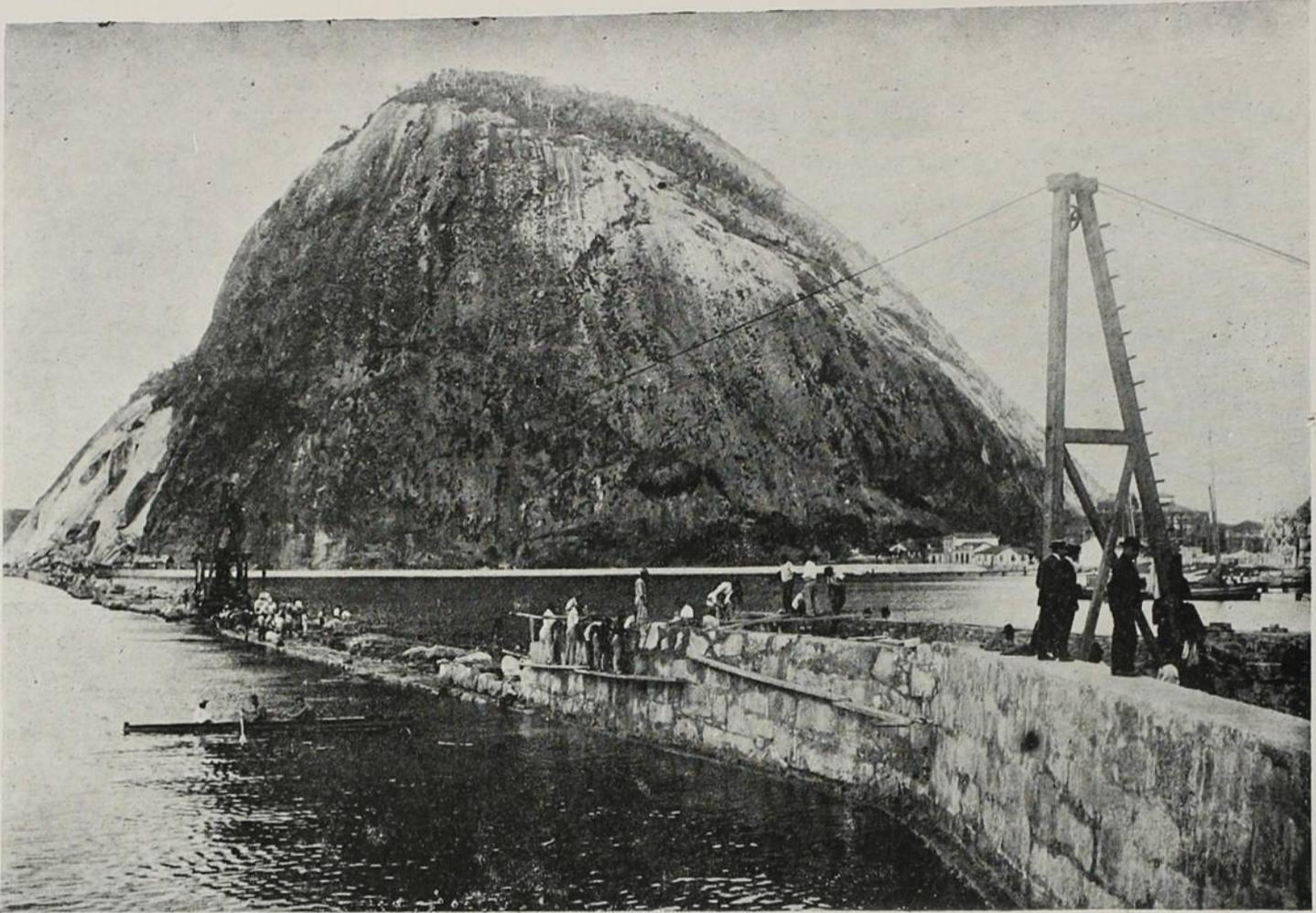




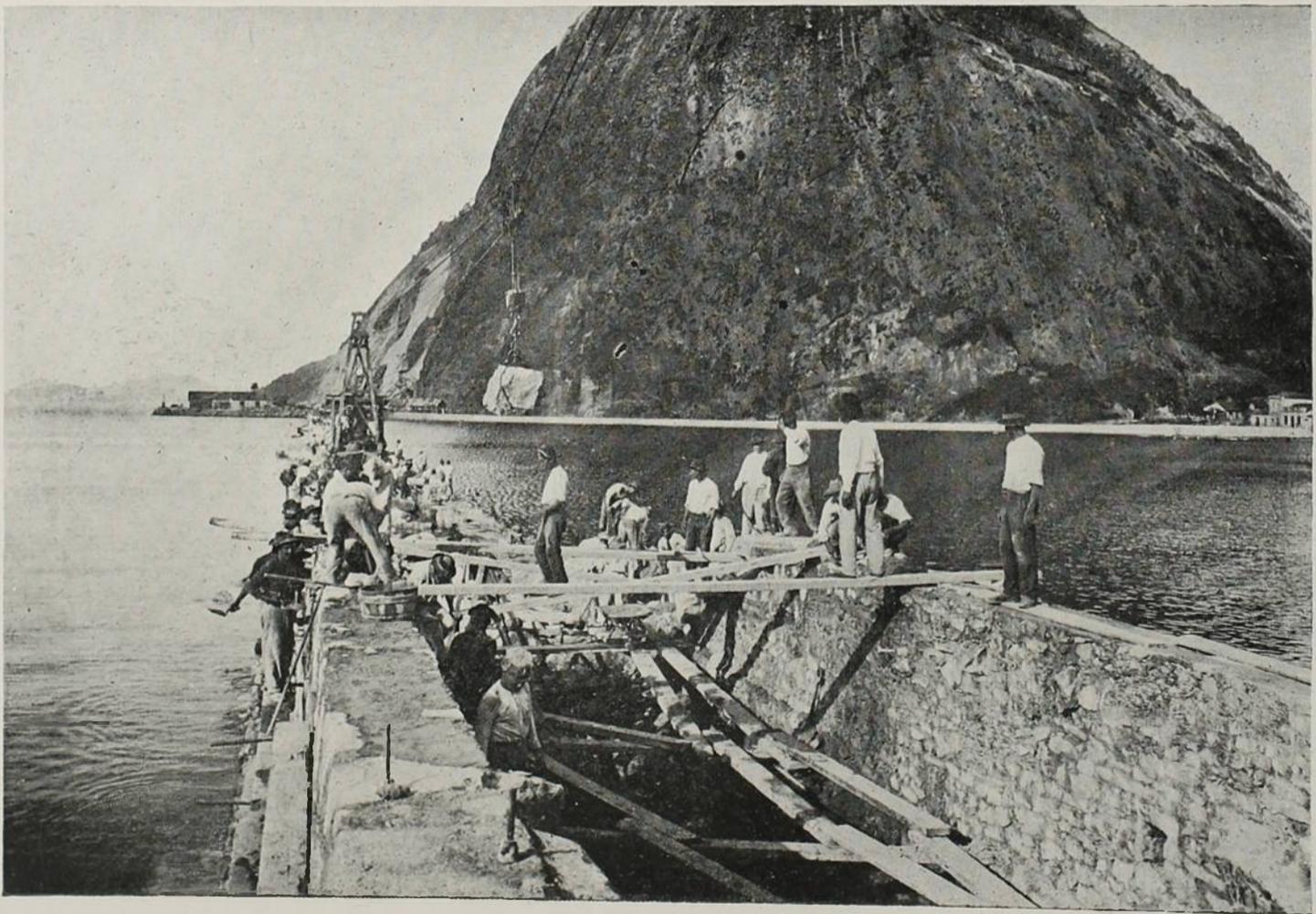
VISTAS DE ALGUMAS CONSTRUCÇÕES



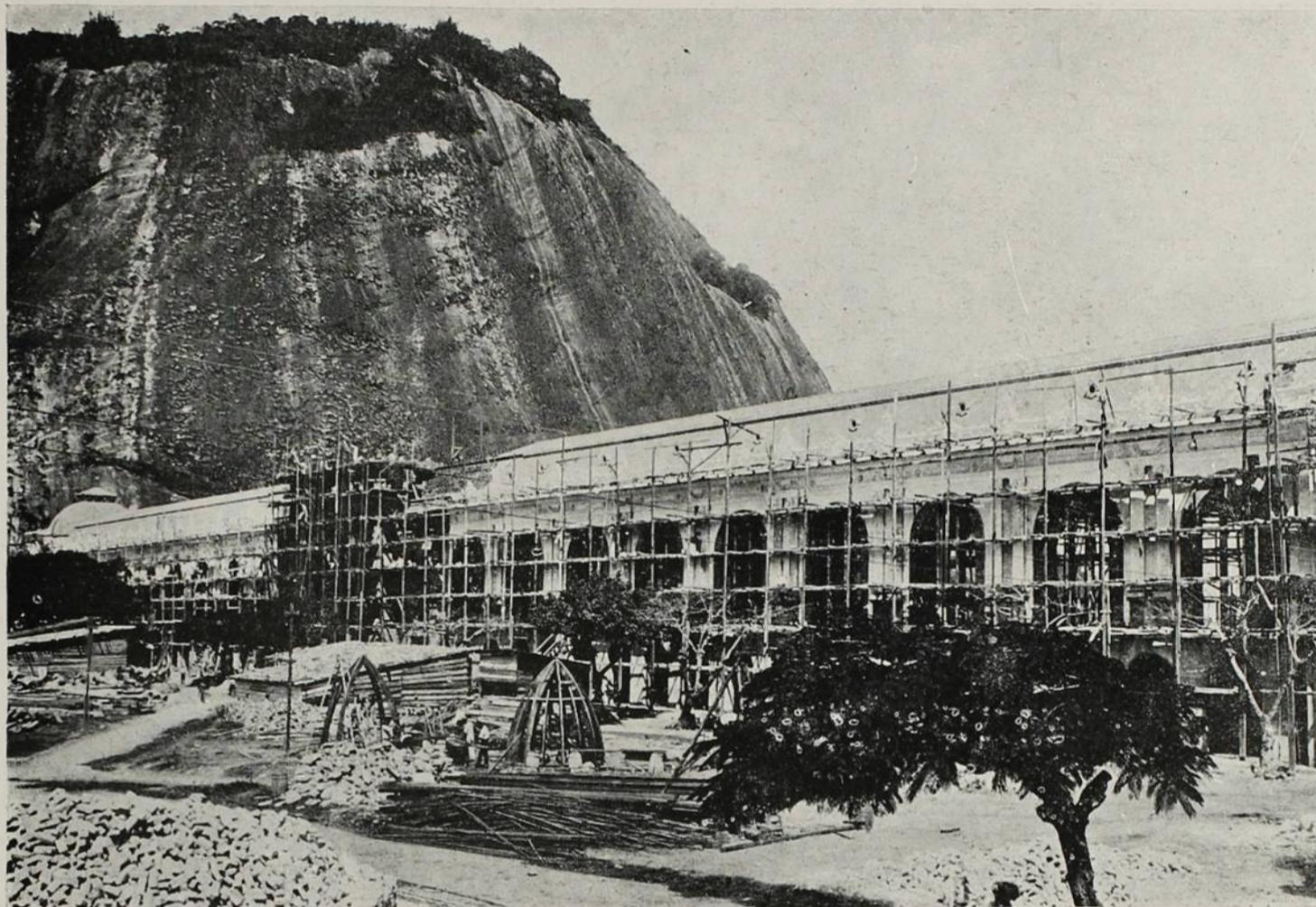
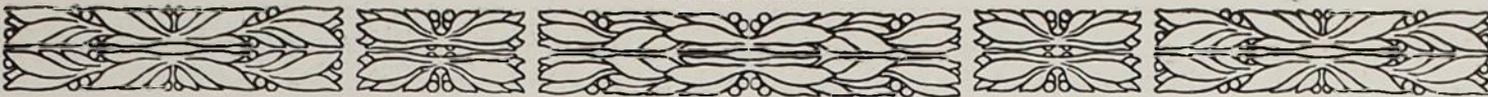
ARCO DA ENTRADA



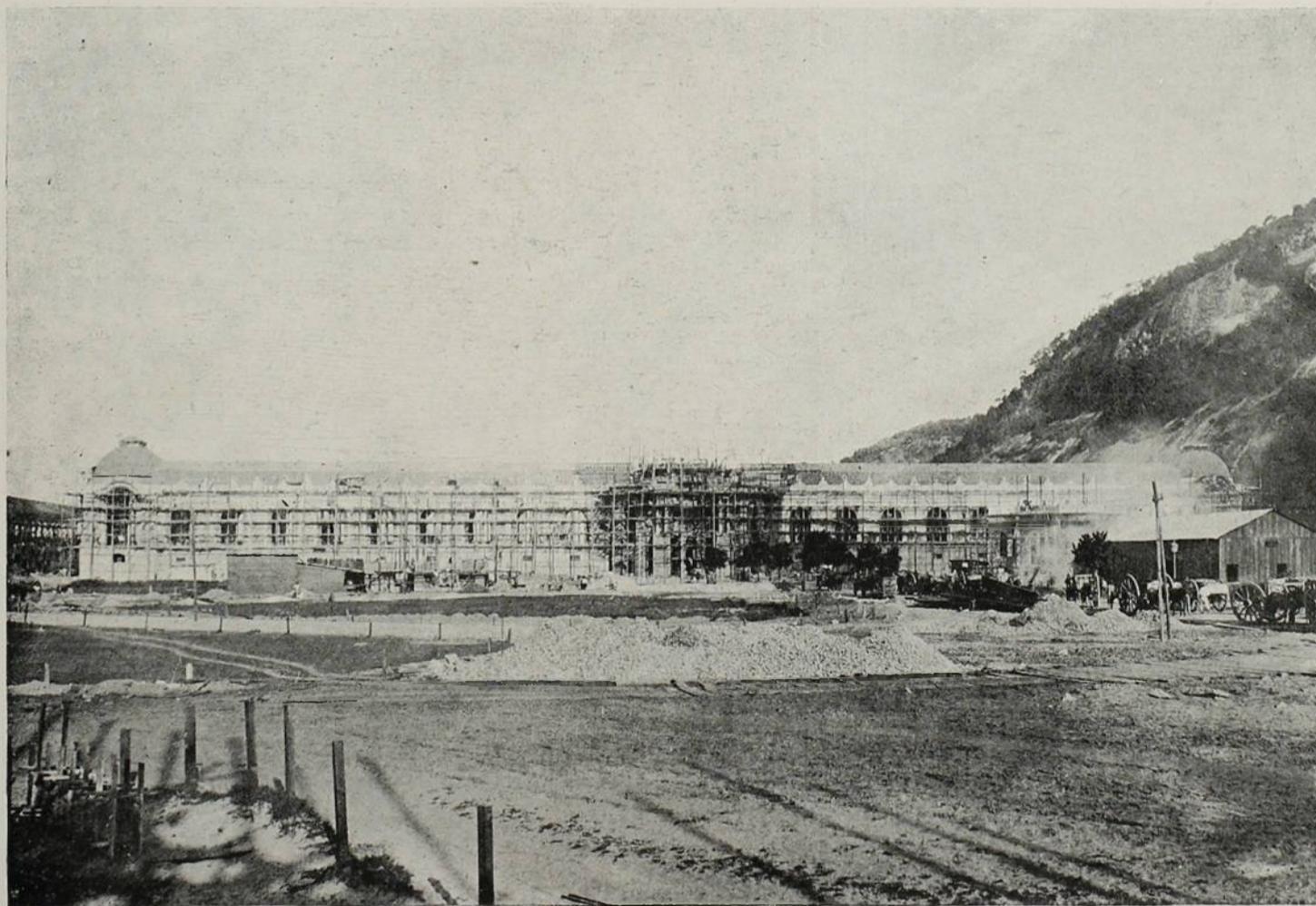
CAES EM CONSTRUCCÃO



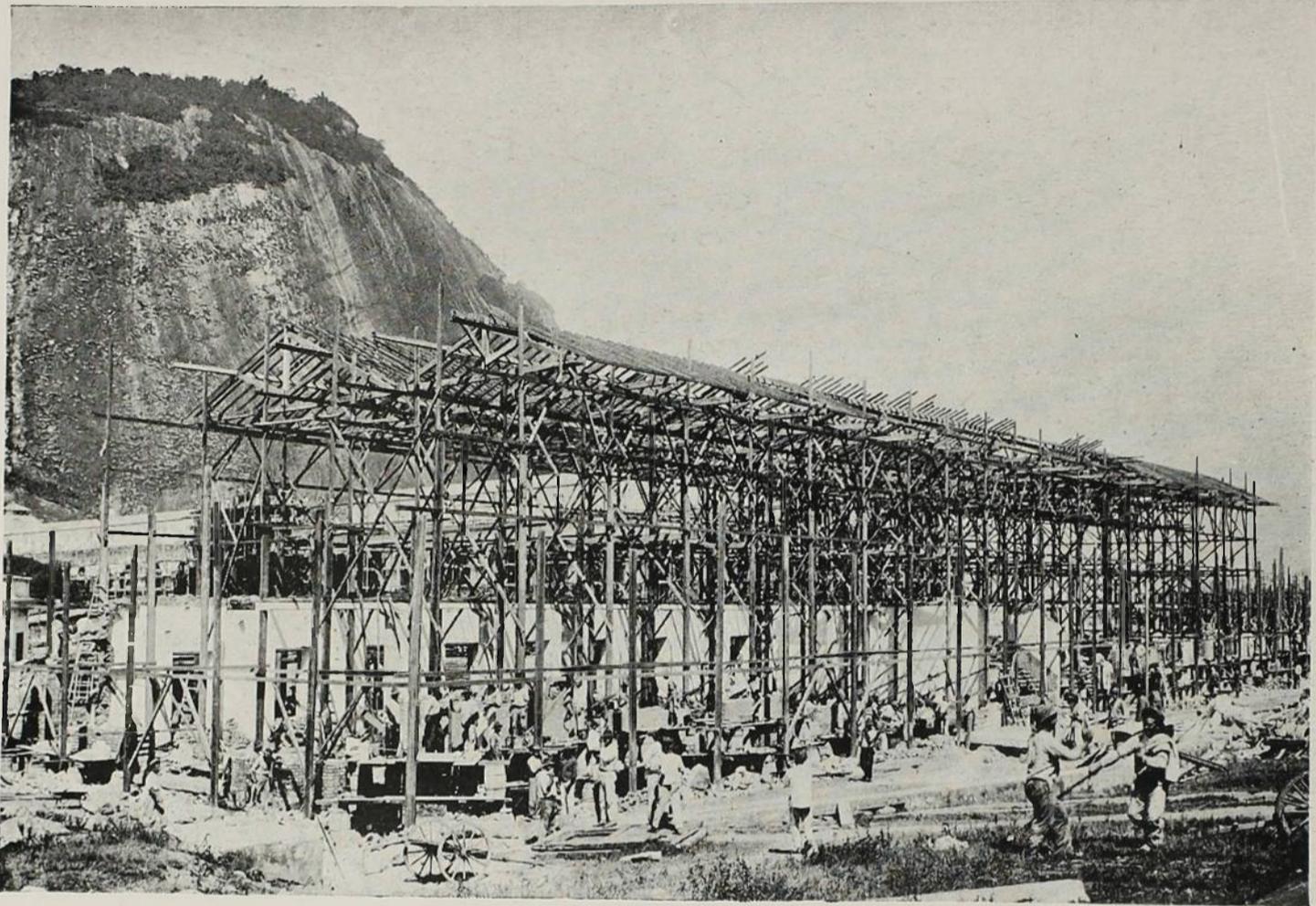
CAES EM CONSTRUCCÃO



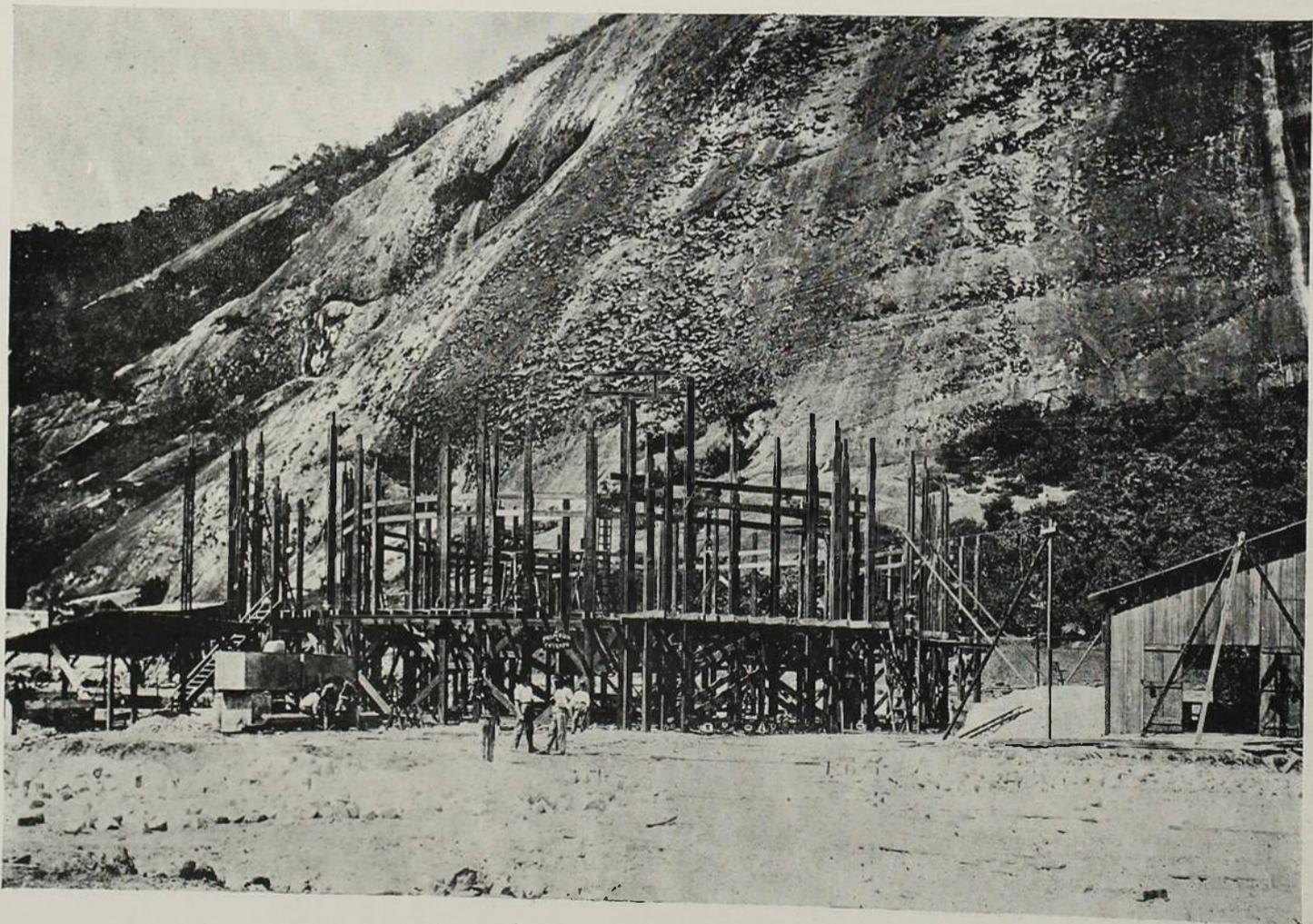
PAVILHÃO GERAL CONSTRUIDO ONDE FOI A ESCOLA MILITAR — LADO INTERNO



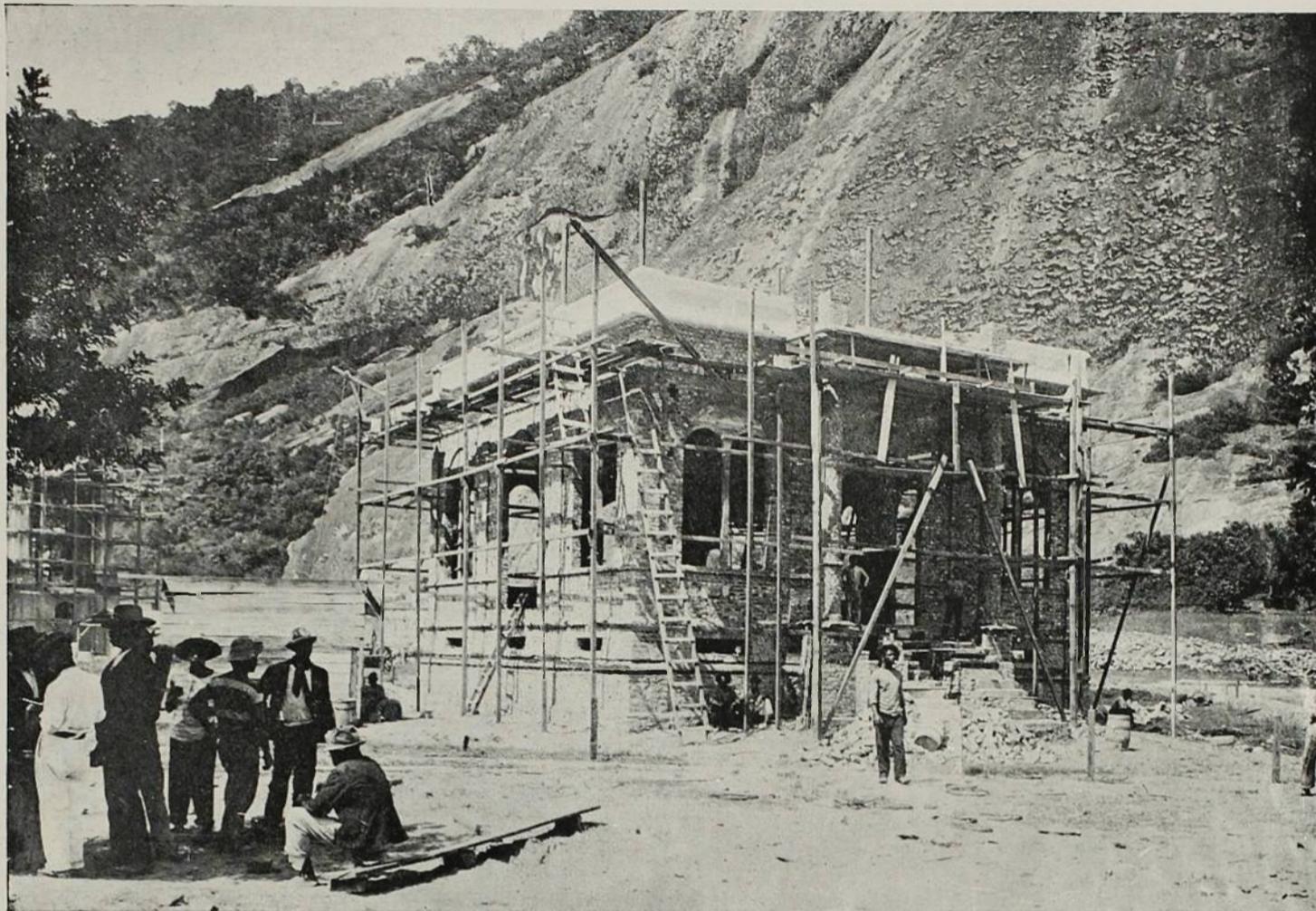
PAVILHÃO GERAL — LADO EXTERNO



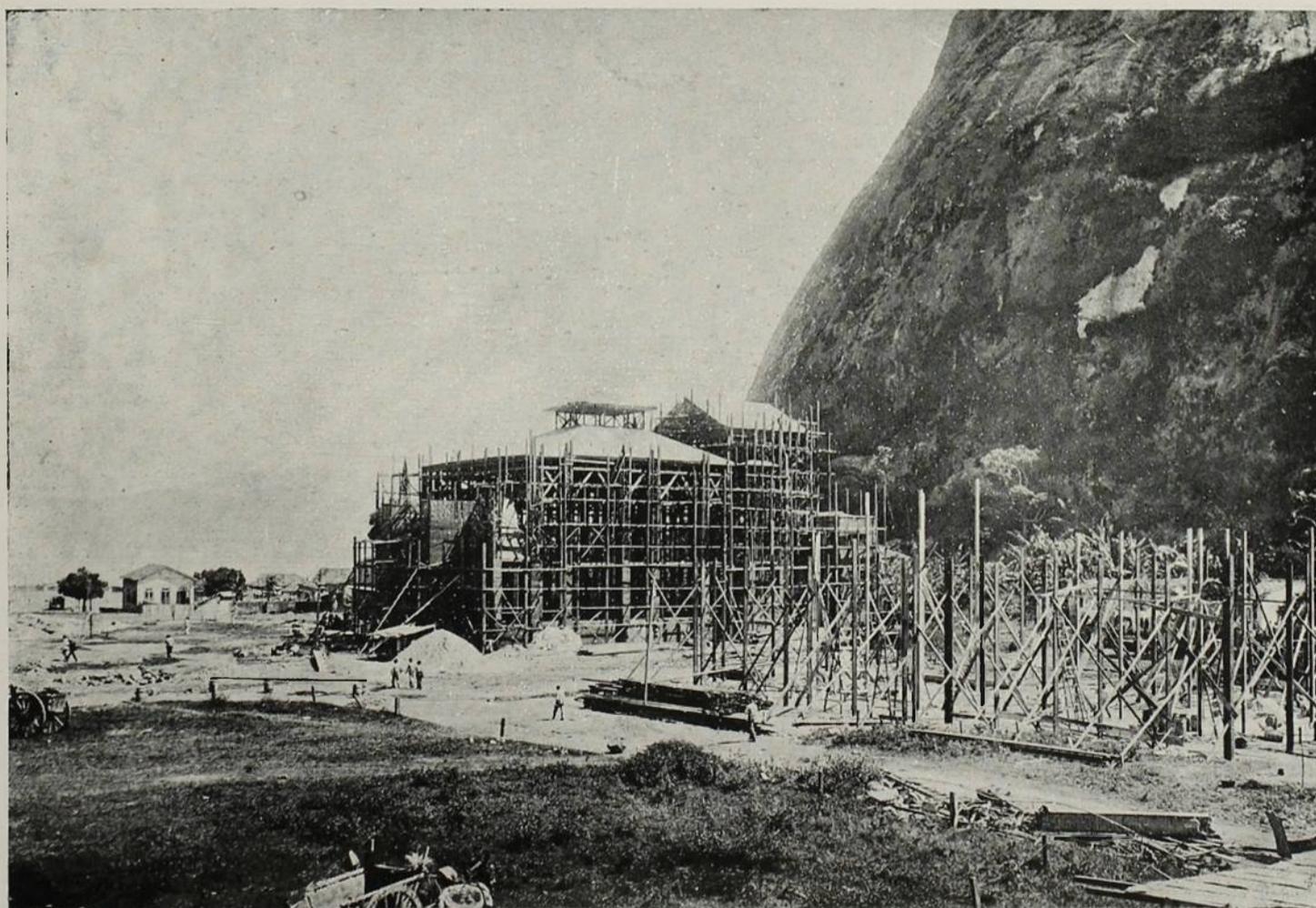
PAVILHÃO DE PORTUGAL



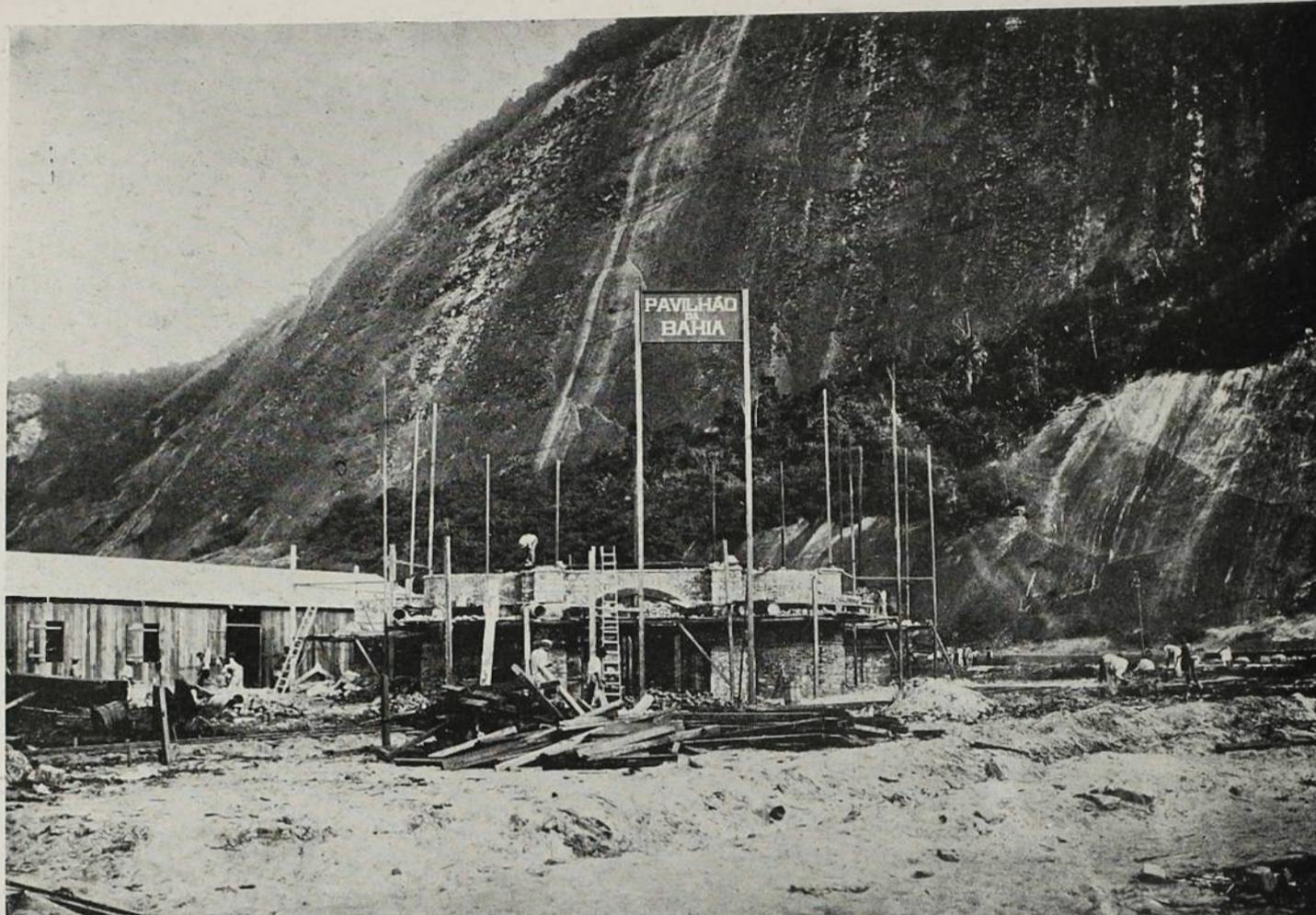
PAVILHÃO DO DISTRICTO FEDERAL



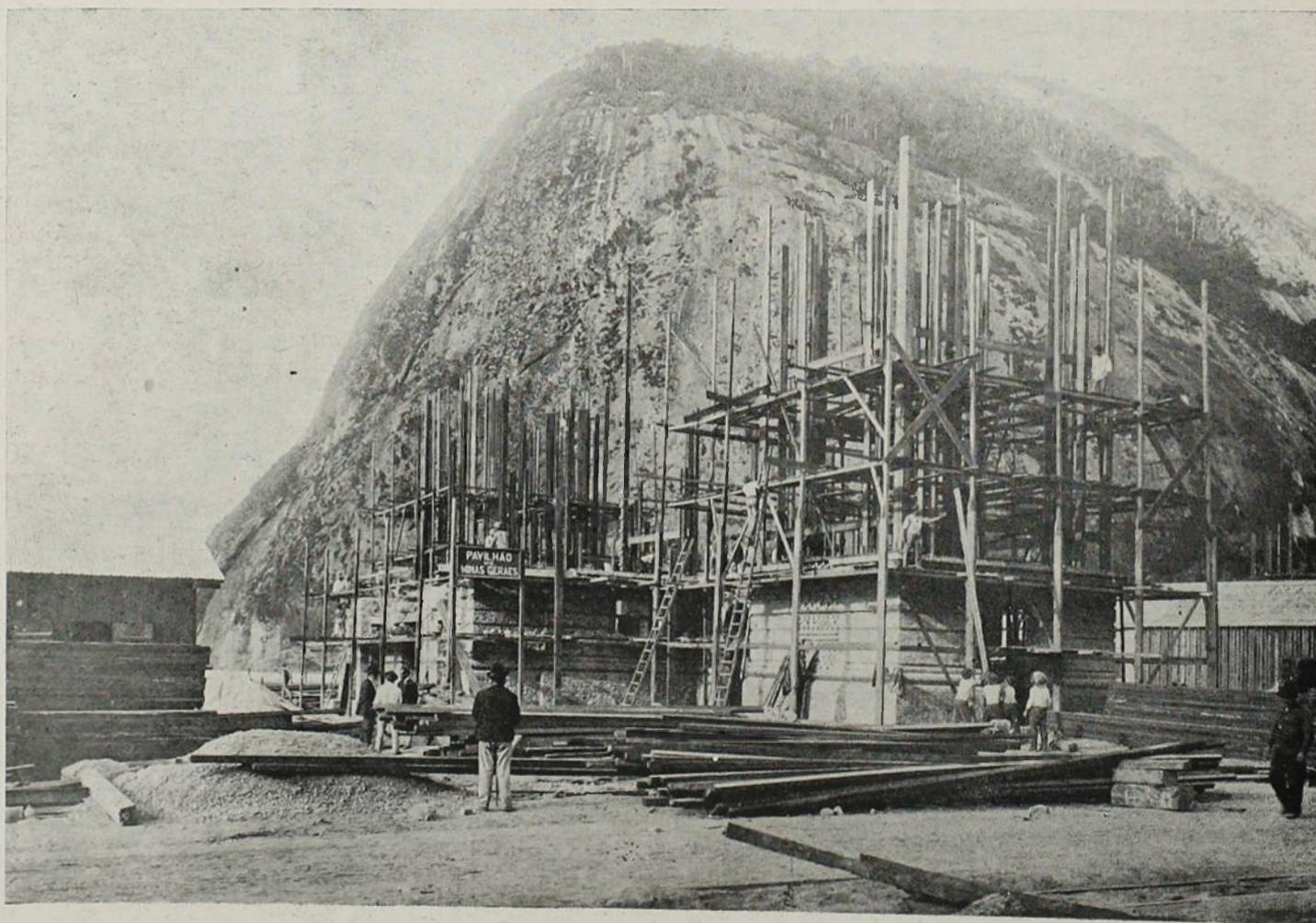
PAVILHÃO DA REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS



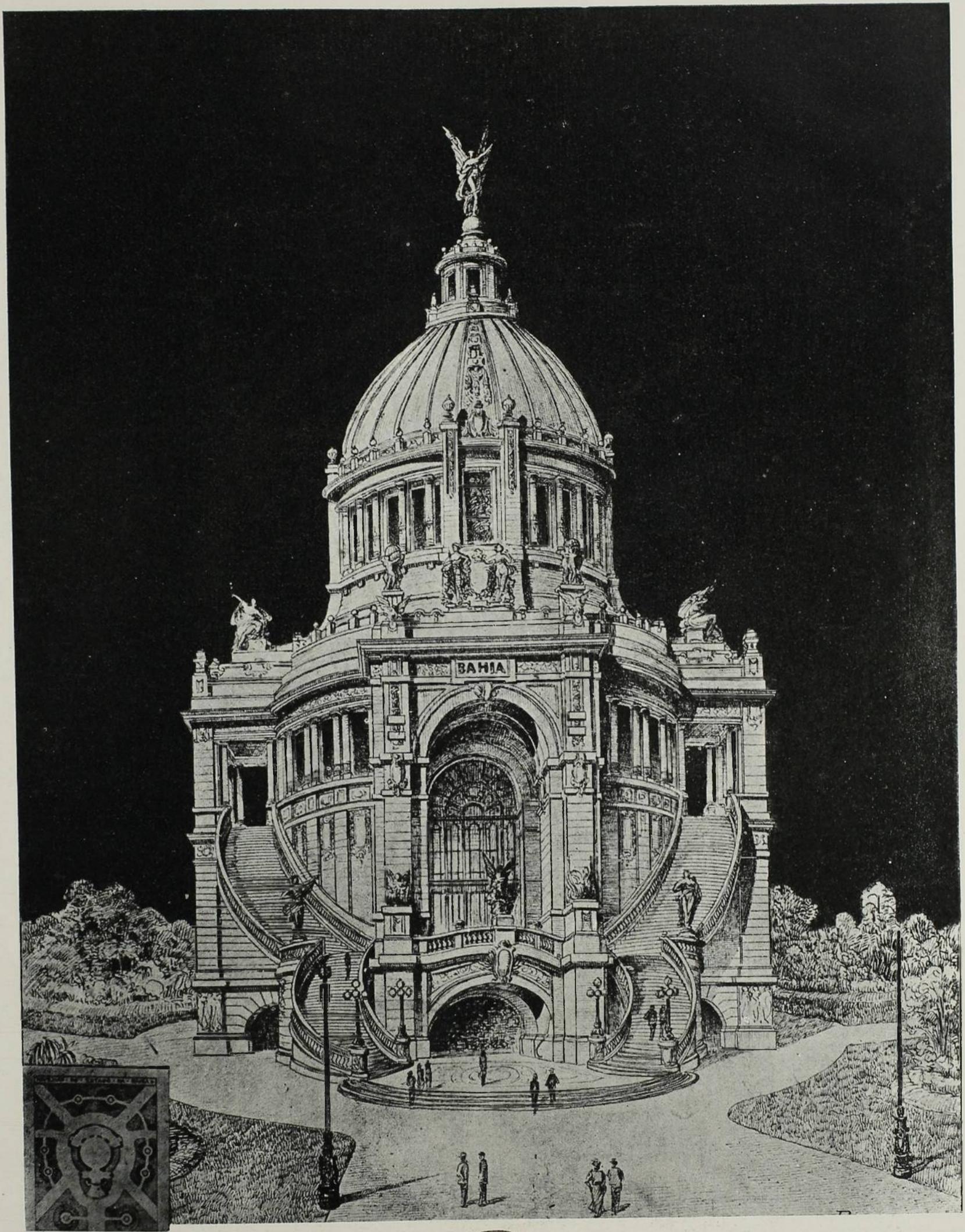
THEATRO



PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA



PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES



EXPOSIÇÃO NACIONAL  
DOS E.U.S. BRAZIL, 1908



PAVILHÃO  
DO ESTADO DA BAHIA

PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA





## Fagundes Varella

**E**ÇA DE QUEIROZ, naquelle alto, naquelle bizarro, naquelle fidalgo estylo que em tão vivo destaque o colloca entre os maneja-dores da lingua portugueza, conta-nos que «em Coimbra, uma noite, uma noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as *Sebentas* na algibeira o largo da Feira, avistára sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente varridas pela lua, que nesse tempo ainda era romantica, um homem de pé, que improvisava.

Parou seduzido, com a impressão que não era aquelle um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquissimo seculo XVIII — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, annunciando verdades. O homem, com effeito, cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rodam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura, e

... os transcendentés recantos  
Aonde o bom Deus se mette,  
Sem fazer caso dos santos,  
A conversar com Garrett!

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem se lembra, conversava com Platão e com Marco Aurelio. Todo o céu era uma radiante academia. Os santos mais illustres, os Agostinhos, os Ambrosios, os Jeronymos permaneciam fóra, pelos pateos divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe impropria a penetrar no concilio dos Philosophos e dos Poetas. Mas o escravo Epicteto apparecia ainda coberto das cicatrizes do latego e dos ferros — e Deus extendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, de onde se esfarellava o barro com que elle fabrica os astros...

Epicteto, meu amigo,  
Quero ouvir o teu dictame,  
E aconselhar-me contigo.

Então — exclama o divino creador d'*A cidade e as serras* — perante este céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, tambem me sentei num degráo, quasi aos pés de Anthero, que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discipulo. E para sempre assim me conservei na vida.»

Ora, eu vou fallar de um outro genio, que não foi um santo como Anthero do Quenthal, mas que foi um Satan, Satan divino e estranho, cuja vida foi formada da argamassa amarga do

soffrimento e da desdita; genio que teve a alma continuamente voltada para o sonho como o heliotropo voltado para a luz; genio que fez do estro a pyrausta ideal a roçar as azas diaphanas pelos astros rutilantes da Fantasia, e que, como um nababo prodigo, desperdiçava ás tontas, as lascas de ouro da mina opulenta que lhe atravessava o cerebro bem formado.

Estudemol-o:

Se quizessemos procurar, entre os nossos poetas, umas farta documentação positiva para estudar as influencias da natureza americana sobre o espirito occidental, certo não encontraríamos na nossa litteratura quem sobrelevasse a Varella. Em Gregorio de Mattos ha uma quasi absoluta despreocupaçáo pelo meio physico; é só a sociedade e o homem que impressionam e fazem vibrar a musa do primeiro dos nossos satyricos. Durão e Basilio da Gama, Porto Alegre e Magalhães, submissos ao grandioso da historia, não tiveram paixão para cantar a natureza. E nem a epopeia é o genero mais proprio para expansões pantheistas.

Gonçalves Dias, com o seu brilhante indianismo, revelou toda a alma indigena munida de instrucção sufficiente para por em relevo a vida, o drama, o heroismo das florestas mas não cantou as florestas do Novo Mundo como Varella — com alma de exul. Alvares de Azevedo é um grande culturista, fechado nas obsessões de amarguras quasi exclusivamente intellectuaes. Casimiro é quem mais se approximaria de Varella, se não fosse aquella especie de luminação de lyrismo, de que andou morrendo. Castro Alves é o espirito mais épico de toda a nossa historia litteraria, e, por isso mesmo, o menos proprio para ser simplesmente um lyrico.

Entre os contemporaneos talvez que eu pudesse citar nomes que têm mais afinidade e similitude com Varella; entre os mortos não encontro nenhum, não digo com o valor mas com a significação do poeta infortunado. Elle representa a alma adventicia, o espirito que veiu de além, a vibrar no novo meio, por todos os lados envolvido de payzagens, de phenomenos, de factos novos: e elle cantou esses factos, esses phenomenos, essas payzagens como um somnambulo, que accordasse em logar desconhecido, cercado de coisas e pessoas estranhas.

Indole profundamente lyrica, parece que tem no coração, a principio, uma fibra unica; depois, uma outra fibra nova, que dir-se-ia tangida então pelo soffrimento, pelas incriveis vicissitudes de sua vida: — é a fibra da fé. A fé e o amor são os dois grandes estimulos do seu genio.

Primeiro, o amor. Tudo que lhe sae do peito é oração anciosa aos anjos com que sonha, mas anjos que resplandecem sempre nos



grandes quadros da nossa natureza. Elle não canta as venturas de um extase sem fazer destacar uma noite magnifica, um firmamento estrellado, uma tarde serena, uma campina deliciosa, um riacho a deslizar madrigalesco nos seios da floresta.

O amor de seus anjos celestes não perde nunca a feição terrena.

Em pós, vai entrando em seu espirito um elemento novo, um desdobramento de qualidades apreciáveis, que o faz buscar outros threnos para centro de suas expansões poeticas. E, então, canta o escravo, o exilado, o carcere o proscripto, o foragido, o engeitado, a criança, a despedida com as notas santas que se afinam no infortunio e no soffrimento alheios.

Dahi por diante é a fé que domina todo o seu espirito, e é então que elle faz a sua obra, a que ha-de ficar, a que ha-de resistir como o bronze, e mais ainda do que elle, porque ha-de resistir victoriosa no espirito das gerações, enquanto nesta terra houver espirito.

No *Evangelho nas Selvas* a poesia do Christianismo se encontra com a poesia da natureza nova, e produz na alma um elance estranho para os incendimentos e os arroubos da fé. E' nesse bellissimo poema que a musa dos profundos mysticismos desperta meiga e carinhosa, solemne e augusta, nos seus deslumbramentos, nas suas aspirações, nas suas canduras celestes. Um vigor harmonico tece as alegrias dessa musa sagrada, musa dos santuarios, rediviva como aquella flor comburente da lenda, symbolo da immortalidade, a Flor da Resurreição.

E tu, mimosa flor dos santuarios!  
Celeste Musa! Socia immaculada  
Dos prophetas hebreus!

invoca o poeta, ao iniciar, como um sacerdote, as cerimoniaes daquella immensa e gloriosa pontificação nas paragens onde abria os braços amplos a cruz triumphante.

E, então, se vos figura entrar num grande templo que estivesse deserto, perdido no infinito do continente, á espera do anthiste que traz nos labios a palavra da vida, o annuncio da era nova, a promessa do Deus intangivel, que vem assombrando, enchendo de mysterios, de alegrias ineffaveis a alma virgem do barbaro deslumbrado. E entráis nesse templo com o poeta, tremendo de surpresas, arrebatado de emoções estranhas... Ah! esse templo é o mais vasto que já construiu artista na terra; é o mais esplendoroso, é o mais admiravel, o mais cheio de maravilhas que se conheceu até aqui: Nelle se reuniram as magnificencias de Salomão, as sumptuosidades do templo pagão de Diana, a grandeza de S. Pedro, de Roma, a magestade de S. Paulo, de Londres. Nesse

templo, aos esplendores da plastica suprema, não faltam harmonias mais edificantes que as da Palestina, nem eloquencias mais victoriosas que as de Massillon: esse templo, esse templo incomparavel é a incomparavel natureza americana!

Pelas proporções do theatro póde-se imaginar a grandeza da representação. O poeta nos põe logo em presença de um altar dominado de alta cruz tosca e cercado de multidão de selvagens. Como é solemne esta abertura de scena!

E, agora, após a invocação á Musa, vem a invocação aos proprios manes do heróe:

Alma inspirada de Anchieta illustre!  
Espirito do Apostolo das Selvas!  
Sabio e cantor, luzeiro do futuro!  
Tu, que nas solidões do Novo Mundo  
Sobre as alvas areias, borrhifadas  
Das escumas do mar, traçaste os versos  
Do poema da virgem, e ensinaste  
Aos povos do deserto a lei sublime  
Que ao reino do Senhor conduz os seres;  
Ensina á minha Musa timorata  
A linguagem celeste que fallavas!

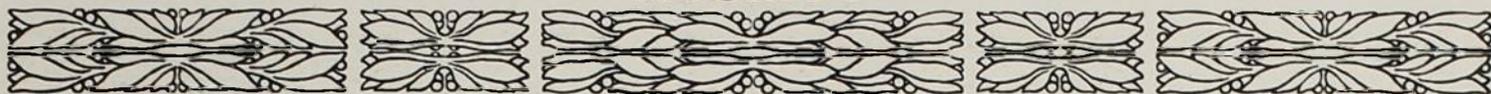
E, como se a coragem da fé precisasse de uma outra coragem que só os grandes artistas conhecem, o poeta não se desapercebe de sua função, e clama ainda para o irmão, que descança:

E tu, ó desditoso, eximio bardo,  
Cujo leito frial buscam debalde  
As abelhas das verdes espessuras  
Para o seu mel depôr, como as do Hymetto  
Do divino Platão sobre o urdimento...  
E cada novo estio o mar procuram  
E zumbem sobre as agoas mugidoras  
Que furtaram teu corpo ao patrio sólo!  
Grande Gonçalves Dias! Desses páramos  
Onde viver sonhava, e vive agora  
Tua alma gloriosa, envia oh mestre,  
Envia-me o segredo da harmonia  
Que levaste contigo!... Assim, apenas,  
Meu santo empenho vencerei contente.

E em seguida:

Reina fundo silencio. Passo a passo  
O homem do Evangelho se encaminha  
Para o meio das gentes reunidas...

Começa, então, a cerimonia. O apostolo se ergue no meio da tribu alvoroçada. A sua figura impõe-se, e um grande recolhimento indica que aquellas almas rudes presentem coisas invisíveis e esperam prodigios nunca vistos. Por toda a parte onde o autor conduz o thaumaturgo vereis como as opulencias da floresta dão realce ás grandes scenas que se vão succe-



dendo. Dirieis a Musa antiga do Oriente aqui exilada, e consolando-se do seu exilio com o pensamento de que ha um grande Deus a amparal-a sempre.

O luar, os crepusculos, as manhãs, dir-se-ia que tem para Varella alguma coisa de terra santa no novo esplendor mystico em que tudo lhe vai surgindo em torno. E é assim, que o canto de Anchieta é a expressão mais pura da alma christã renascida nas magnificencias da America.

E, depois que acompanhastes o poeta através das florestas, das montanhas, das payzagens do Novo Mundo, como ao cabo de uma longa peregrinação, chegais á ultima pagina transido de commoção, como se entrasseis na propria camara mortuaria do heróe. E, ahi, o poema termina com uma solemnidade de Agonia.

O cantor como que aspira exhalar a vida com o seu heróe.

Volve a teu negro exilio de amarguras,  
Oh! desgraçada Musa! A's turvas ondas  
Do temeroso mar, onde rebramam  
As furias das procellas populares!  
Entrega o pobre esquife, onde guardaste  
Teus mais formosos e adorados sonhos!...  
Adeus! Nossa missão está completa!

Adeus! nossa missão está completa! Grito amargo e commovente da Musa exilada, que anceia, como um precito, pelas consolações da patria distante!

Lêde, emfim, na ultima phase de sua vida de agonias e de lagrymas, esse dolorosissimo *Diario de Lazaro*, apavorante e terrivel como uma pagina dantesca!

A certos momentos, naquellas tremendas vicissitudes, a alma antiga, entusiasta e forte lhe desperta no meio dos quebrantos, e o misero exalça-se para as alturas. Do alto da Paránapiacaba ainda tem fibras para cantar:

Meu coração dilata se. Minha alma  
E' toda inspiração, júbilo, enlevo,  
Amor, entusiasmo!

E, mais tarde, junto á mulher amada, sente todas as delicias da vida, e canta o amor:

... Só a morte agora  
Póde a teia rasgar dos nossos sonhos!

Mas, ai! bem sabia o desditoso bardo que a morte lhe andava á espreita, e tanto que é um presentimento este gemido:

Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho medo  
Desta dita ineffavel que derramas  
Sobre a minha existencia em almos dias.

E alguns versos adiante:

Meu Deus! meu Deus! que dores me reservas!

Ah! misera creatura! cujo exilio é o mais pavoroso que na terra já se impoz a uma alma! Aquelle coração teve de morrer em vida para amor que o fazia viver. Seu espirito teve que se evoluar para a unica morada que lhe era digna.

Esse poeta, cujo coração foi um perpetuo 2 de Novembro da melancolia e da saudade, e cuja alma foi um crepusculo perenne de todos os soffrimentos humanos, teve um dia, para a sua consagração, o *placet* da alma feminina.

Ainda bem, porque essa sagração é o mais bello, o mais commovente, o mais santo de todos os protestos contra a sentença de morte lavrado á poesia por corações egoistas ou almas infecundas. Morta a poesia! morto esse hymno ou esse poema, do qual a mulher é a primeira nota ou a primeira estrophe: — ou seja a donzella illuminando com a aurora da bondade choupanas e palacios, ou seja esse ente quasi mysterioso e divino que recebe de nós o primeiro choro e nos absolve com a derradeira benção!

Não! não morrerá a poesia enquanto houver o amor e o soffrimento, que são as duas grandes eternidades sobre o mundo, enquanto houver uma lagryma e um riso, um berço e um tumulo; enquanto houver estrellas nos céos e flores na terra! Não! não morrerá a poesia num continente como o americano, que é um palpitante viveiro de cantores; não morrerá a poesia numa raça que ainda no seculo passado fallou a toda a eternidade dos tempos pela bocca de ouro de Victor Hugo; não morrerá a poesia numa patria que, tendo no Amazonas a lyra rugidora e catapultuosa de suas grandezas, é, ao mesmo tempo, Lethes para todas as lagrymas, céo para todos os sonhos e pallio para todas as almas!...

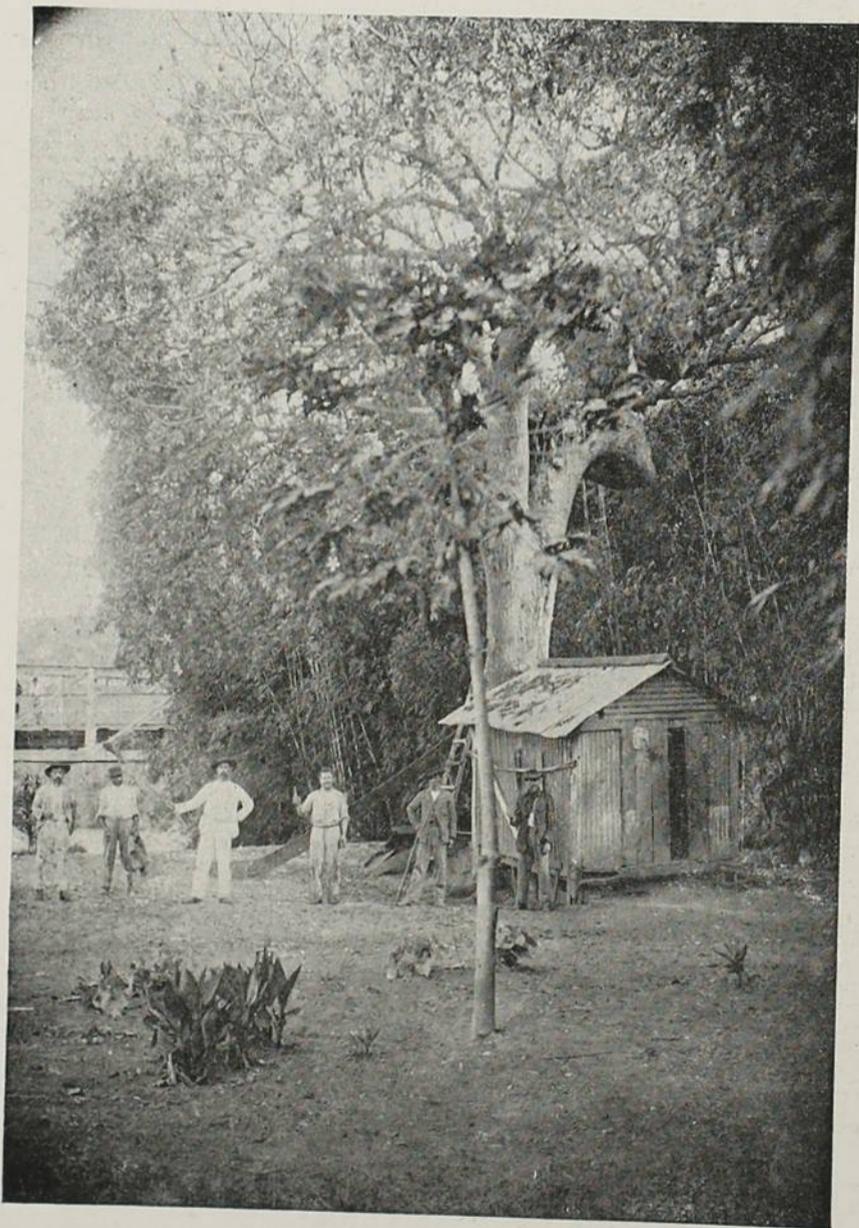
LEONCIO CORREIA.





## A Ponte de S. José do Rio Pardo

FUI construída em 1897 na cidade de S. José do Rio Pardo; e desabou toda dezenove dias depois de inaugurada. Para reconstruí-la foi nomeado o então engenheiro de 1.<sup>a</sup> classe das Obras Publicas de S. Paulo, Euclides da Cunha. A reconstrução exigia os seguintes e principaes trabalhos: desarticulação de todas as peças da ponte, cortando-se, a frio, mais de 8000 rebites; remoção para a margem esquerda; estudo de todo o material, classificando-se as peças intactas, excluindo-se as inutilizadas, separando-se as que poderiam ser concertadas. Restaurada a superstructura, proceder-se-ia á armação em terra, de toda a ponte. Como o desastre proviera essencialmente das más fundações do primitivo local, que deter-



RANCHINHO DE ZINCO ONDE O DR. EUCLYDES DA CUNHA DIRIGINDO A CONSTRUÇÃO DA GRANDE PONTE, ESCRVEU GRANDE PARTE D'OS SERTÕES

minara o desabamento de um dos pilares — houve que escolher-se outro, erigindo-se nelle, sessenta metros a montante do primitivo, novos pilares e encontros, sobre os quaes se acha hoje a ponte inteiramente renovada.

Este serviço durou tres annos e meio, re-inaugurando-se aquella construcção em Maio de 1900 — e foi de principio a fim dirigido pelo precitado engenheiro. Nos Relatorios da Secretaria de Agricultura encontram-se interessantes informações technicas acerca de um trabalho onde se reuniram muitos problemas de engenharia. Infelizmente não podemos resumil-os em poucas linhas — satisfazendo-nos com o dar, mercê das photographias expressivas que reproduzimos, uma idéa bem clara da sua importancia, a partir da propria enormidade da catastrophe que os determinou. O facto é que aquella ponte — um primor da industria allemã — longa de 100 metros — foi toda reparada em terra, com os mais imperfeitos aparelhos, e lá se acha, vai para oito annos, restaurada, integra e segura. Num de seus arcos, uma placa de bronze eternisa a gratidão da cidade de S. José ao engenheiro reconstructor.

Ha, desta gratidão, porém, um attestado muito mais expressivo e mais modesto. Quem chega, hoje, á bellissima ponte, nota ao lado do aterro, á sombra de magestosa paineira, um vulgarissimo casebre de taboas, coberto de zinco, e não comprehende, a par de tão correcto trabalho de engenharia, habitação, tão primitiva e desgraciosa. Sobe-lhe de ponto a surpresa ao saber que ella é, carinhosamente, conservada pela camara de S. José.

E' o antigo escriptorio do engenheiro Euclides da Cunha. Ali, num recinto estreito de pouco mais de 4 metros quadrados, elle atravessou todo o longo periodo dos trabalhos.

Ora, a photographia que hoje imprimimos, e nos foi gentilmente remittida de S. José do Rio Pardo, tem um titulo, que explica bem aquella veneração, ou aquelle carinho de uma cidade por um casebre. Diz:

Ranchinho de zinco, á beira do Rio Pardo, onde o Dr. Euclides da Cunha, escreveu a maior parte d'Os Sertões.

De facto ali se escreveu aquelle livro, nos intervallos de folga da vida agitada do engenheiro, no tumulto das ordens de serviço, no estrepito dos mallos e das marretas e no vozear de cento e tantos trabalhadores.



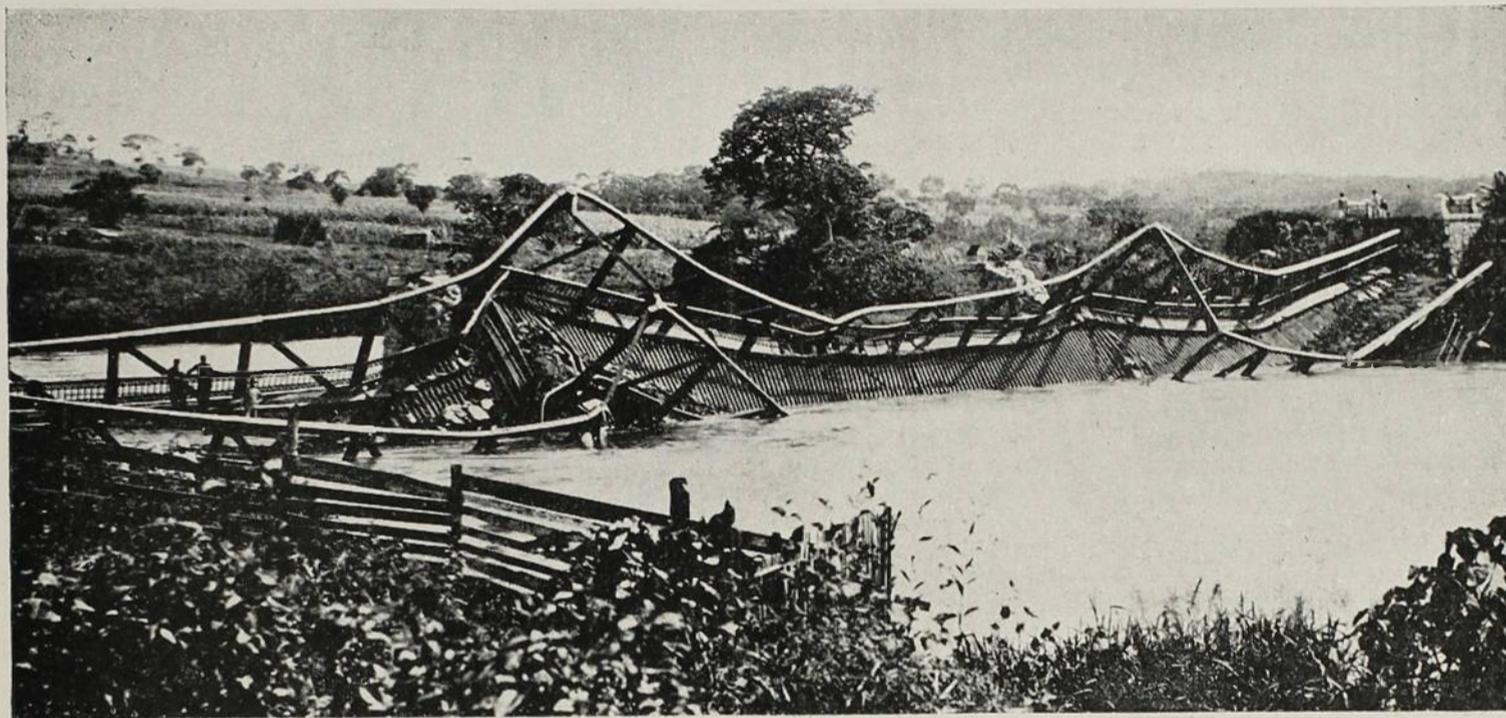
A' entrada da minúscula vivenda, escrevia-se, sinistramente, á zarcão:

*What shall do a man, but to merry...*

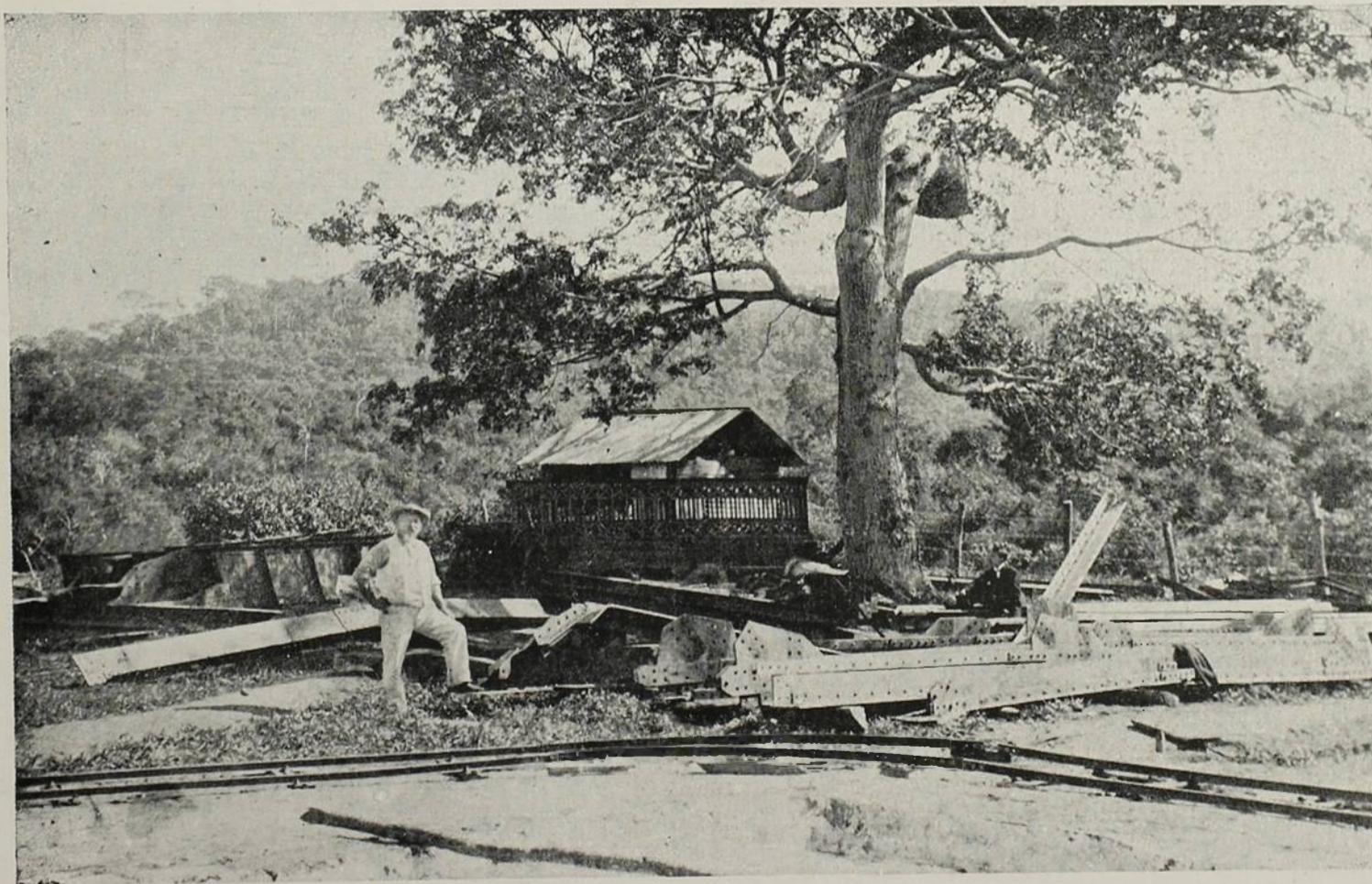
(Que ha de fazer um homem senão rir-se...) retratando esta desolada interrogativa de Hamleto, os desapontamentos do engenheiro a

quem se removera para uma cidade do interior a braços com semelhante tarefa. Mas em contraposição com o distico adoptado surgiram, ao mesmo tempo, o severo trabalho de engenharia, e a tragedia-dos Sertões.

Y.



ASPECTO DA PONTE, DEPOIS DA CATASTROPHE



PEÇAS DESMONTADAS DA GRANDE PONTE DE S. JOSÉ DO RIO PARDO, SOBRE UMA DELIAS VÊNDÓ-SE, SENTADO, O DR. EUCLYDES DA CUNHA



## A ESCOLA MILITAR

RUIO de todo, inteiramente desfeito, destelhado, coberta a coberta, demolido, parede a parede, soterrando a tradição e acordando a saudade que dir-se-ia se evolar, pulverulenta e fina, na caligem elevada á queda de cada cimalha abatida, o velho, o extenso, o veneravel edificio que, ha meio seculo, murava toda uma area da primitividade historica da cidade, no extremo tranquillo e afastado de um bairro, entre a Urca e a Babylonia, junto á salsugem o ao espoucar continuo e plangente do mar.

Quem, sob aquellas altas, monasticas arcadas interiores, como as de um claustro, diaria mente passou, pisando as lages largas, a caminho das aulas, do rancho, do lavatorio geral ou dos banheiros, vestindo a *tunica* de canhões azues com pequenos castellos symbolicos na gola e á cabeça o kepi de alumno; quem, através dos gradis d'aquellas largas janellas quadrangulares, muita vez, entristecido e saudoso, contemplou a vida attrahente do arrabalde que, lhe ficava fronteiro, á distancia, e o movimento dos tramways que lá se succediam, lembraria, de certo, vendo aos poucos cair desmantelado o vetusto edificio, um velho marechal de antiga vida alegre e ruidosa que agonisava agora, levando para o olvido e para a paz eterna todo o alarido alacre de uma época, todo um romance doirado e glorioso de cincoenta annos.

Cada trecho desmoronado abatia em lápide, cobrindo uma recordação e quando a poeira espessa, rarefeita pela aragem, abria, como um velario que se descerrasse, o rasgão feito na murada larga e fórte era uma chaga ampla sangrando a saudade...

No rumor surdo da demolição, ao bater do aço impiedoso das ferramentas, fallavam vozes mortas do passado pela bocca rememorativa da Tradição, citando nomes, narrando factos, lembrando incidentes e ao ouvido attento e aos olhos immoveis da memoria os nomes cantavam e os vultos se esbatiam, já os dos mestres, já os dos condiscipulos das gerações que ali viveram, das gerações que ali passaram e que d'ali se foram... Por vezes a bocca sorria quando ao nome citado se unia um pittoresco anedoctico da existencia academica e, outras vezes, se confrangia em um rictus de dôr, velada em um crépe de magua, quando lembrava o nome de quem já se partira, pela sombria brecha estreita de um tumulto, para caminhos mais largos e para paragens mais tranquillias.

Desde Polydodo até Costallat e Travassos, os commandos passavam — aqui Severiano da Fonseca, ali Cantuaria e José Clarindo, Luz, Girard, Teixeira Junior...

Depois eram os lentes, desde os dos *prepas* aos dos cursos superiores e eram o Felisberto, o Lino de Andrade, o Malheiros, o Moreira Pinto, o Rabello, o Uflaker, o Licinio Cardoso, Benjamin Constant, Carneiro da Cunha, Amaranthe, Tromposwki, Alvaro Machado, Pego Junior, Serzedello e tantos e tantos... E, dentre elles, um se avolumava maior, crescia mais alto na tradição: era o Mamouth, como o humor academico o appellidara — figura sympathicamente inapagavel, enmoldurada na memoria de quasi todas as gerações que ali cursaram.

O seu vulto se debuxava, em gouache tenue, na nuvem densa da caligem que o desmoronar de um velho muro erguia, com as suas curtas calças caricatas, com o frack justo e igualmente curto, com a sua phonia de flageolet, a phisionomia austera e a sua phrase penetrantemente ironica, finamente caustica, reunindo a satyra ao saber e á modestia, tornando gemeos o atticismo e o merito.

Ah! o Mamouth! Essa antonomasia, afinal inoffensiva, é bem um pequeno trecho risonho d'aquella trefega mocidade de todos nós...

Ex-alumnos de hoje que o acerado estylete da sua ironia em fina esgrima mordaz por vezes innumeradas ferio, esses mesmos, guardam-o ainda, grata e amigamente, na recordação com a estimativa com que se conserva uma lembrança presada. E se a casualidade os reúne e na palestra travada a reminiscencia escolar sciutilla e faúlha, o seu nome e o seu vulto em pouco surgem enquadrados nas citações e assim como o ouvido infantil attende embalado ao preludio das narrativas ingenuas das *bás* e das avós velhinhas: — era uma vez um rei... assim elles se absorvem e risonhos ouvem quando um dos presentes narra e recorda: — uma vez o Mamouth...

Leonidio Galvão — esse nome nos fica na vida como uma marca de pagina no livro ingenuo e d'ouro da nossa primeira mocidade...

Em seguida vinham os instructores: Tamborim que a morte, ha muito, levou, fornido, obeso quasi, com o monoculo quadrado cravado eterno na orbita; Valladares, Marinho, Travassos, Servilio, Digno Freire e outros e outros e, logo, os da *tige* e da esgrima, desde o velho Mathieu e o velho Gama até Servilio Gonçalves com o olhar fito e allucinado e o golpe brusco e imprevisto e Luiz Furtado, o *d-y-*, mestre agil da destreza das ultimas gerações escolares.

Após, os funcionarios da administração: á frente o velho Pinto, especie de Sybilla academica por ser o autor dos pequenos e pavo-



rosos papeis que seriam tirados á sorte nas urnas negras e designativos dos *pontos* para os exames; o velho Zé Luiz, o patriarcha dos bedéis, integralizando a tradição como se fôra, elle proprio, a tradição; e o Borja, o espectro terrivel e muitissimas vezes bondoso, das *chamadas* nas aulas.

Tanta gente!... Tanto tempo!...

E desfilavam, em cortejo, os quadros, as scenas todas bulhentas da pilheria academica que a inventiva da escola creou e manteve através das decadas: os *trotés*, os impiedosos e gargalhantes *trotés* das epocas de matriculas; a *barca da habilitação*, o supplicio dos recém-matriculados, em Junho; os *carnavaes* ruidosos, rubros e terriveis, os selvagens e celebrisados *carnavaes* em que a escola era vista de Botafogo como um incendio fantastico e invencivel, enquanto, ao clarão vermelho dos archotes e dos fachos, os gritos em falsete, soltos por centenas de veteranos hybridamente mascarados, estrugiam nos alojamentos, nos corredores e no campo, ao tempo em que os clarins e cornetas vibravam forte e as caixas de guerra batiam, sem cessar, o alarme! O *carnaval* escolar, esse pesadêlo do calouro, esse terror do *bicho*!

E desfilavam, tambem, as diversões: o *gallo*, jogado a botões de fardas; a *petéca*, prima-irmã do *lawn-tennis* e do *foot-ball*, batida valentemente a pés que inchavam no esforço das pancadas e dos impulsos; o *pas-de-geant*, o grande circulo humano giratorio no campo interno da escola e os exercicios da *capoeira*, da *savata*, do *jiu-jitsu*, da *lucta romana*; as excursões, pelas *férias*, ao Pão de Assucar; os convescotes no barracão da Urca com as galinhas e os cabritos roubados á noite e pela madrugada; as récitas da Dramatica Escolar em que as *ingenuas* e *soubrettes* dos dramas e das comedias se distinguiam pela grossura das cinturas e pelas vozes masculinas; os *caroços*, os afamados *caroços*, denominação dada pela tradição aos *choros* em que cavalheiros e damas eram unicamente alumnos; as sessões de anni-

versario litterarias da Amor e Trabalho, cuja magnifica bibliotheca não se sabe ao certo que destino teve; as grandes festividades com baile da collação de gráo aos doutorandos; as ceias, as inesqueciveis ceias no *bodegão* e, finalmente, todos os dias, os *bonds*, os tradicionaes *bonds* da escola que nada mais eram que os grupos formados para a palestra e em que a *trepção* dominava, a *trepção* mordaz que nada esquecia, que cousa alguma poupava. A *trepção* era uma verdadeira instituição na escola e não foram poucos os que ali se popularisaram como bons *trepadores*.

Desfilavam, ainda, os vocabulos academicos, todo um dictionario de gyria, todo um Larousse de argot, todo um idioma de criação da Escola Militar, desde o já hoje sancionado *Bilontra*, incluido por Moraes, com fóros de vocabulo em uso, em seu repositório portuguez, até o *coió*, o *estupefacciente*, o *circumscisflautico* e outros.

.....  
.....

Havia ainda um resto de muralha resistindo tenaz ao ataque diario e persistente das turmas demolidoras; a lucta não cessava, desde o primeiro sol das 6 horas ás sombras cerradas da noite alta e mesmo, então, eram vistas ainda, á luz tremulante e exposta de candeias portateis, as silhuetas dos operarios cavalgando a lombada esboroadá d'aquelle ultimo refugio invencivel, a continuarem o ataque raivoso da destruição final.

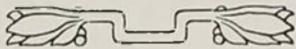
Tornou-se necessaria a colera esfaceladora da dynamite e quando o nuvedo compacto e negro, erguido pela explosão, se desfez, o que fôra solido, unido, firmado inabalavelmente, ao proprio peso, no terreno largo e campal, de montanha a montanha e junto ao espoucar continuo e plangente das aguas, era agora, apenas uma reminiscencia, uma recordação fugitiva do passado...

LIMA CAMPOS.





## EMBOABAS



III

**D**ESTERRADO Manoel Nunes Vianna para as suas fazendas do alto sertão, investido por procuração de d. Izabel Maria Guedes de Britto de plenos poderes sobre as suas terras, 160 leguas ás margens do S. Francisco, possuidor de enormes cabedaes nas Minas que administravam prepostos seus, parentes e apañiguados, cercado de escravos e indios a seu serviço, a sua influencia era ainda enorme, fazendo-se sentir entre os seus antigos commandados não deslembados dos tempos em que eram senhores e dominadores do territorio riquissimo, conquistado ao selvicola pelos paulistas e a estes, após um periodo de lutas encarniçadas, pelos novos occupantes emboabas.

Em torno de Manoel Nunes Vianna se congregavam todos os reinóes que lhe eram gratos porque á sua firmeza fora devida a relativa tranquillidade de que gosavam, senhores agora de viver e prosperar nas Minas, vencido e humilhado o elemento paulista que se oppuzera á entrada dos emboabas nos territorios por elles desbravados e que continuando a mergulhar no sertão desconhecido descobriam agora as novas e riquissimas lavras de Goyaz e Matto Grosso.

Regiões extensas continuavam ainda sob o dominio e influencia dos paulistas. Mas em outras, importantes centros de povoação, o reinol predominava, inconteste a sua influencia com a occupação dos principaes postos nas Camaras.

E desde que se assenhoreavam assim de uma região, como que em revindicta, tratavam de expellir toda e qualquer influencia que não fosse dos filhos do reino.

Dahi as explosões de nativismo, constantes e sanguinolentas.

Antigos alliados dos reinóes contra os paulistas, os filhos do norte do paiz — *bahianos* — como eram indifferentemente appellidados, concentravam-se cautos e desconfiados sob a chefia dos seus antigos commandantes nas lutas dos emboabas.

E comprehendendo por fim que o portuguez era mais perigoso elemento do que os humilhados paulistas, voltavam-se contra aquelles, procurando principalmente abalar e prestigio dos seus chefes incontestados Paschoal da Silva Guimarães na região da Villa Rica Manoel Nunes Vianna no alto Sertão, e Ma-

noel Rodrigues Soares, primo e socio do segundo em Villa Real do Sabará.

Bem comprehendeu o papel por Manoel Nunes desempenhado em defesa dos interesses da metropole o Marquez de Angeja, vice rey do Brasil. Mas foi elle o unico, tambem.

Em 1715 dirigindo-se á Côrte propunha a nomeação de Manoel Nunes Vianna para Capitão-Mór de um dos Districtos do Rio S. Francisco, e pedia fosse-lhe conferido o Habito de uma das Ordens militares e fôro de fidalguia em retribuição de serviços prestados á Corôa.

O marquez de Angeja era muito considerado pessoalmente pelo Secretario de Estado. E tal consideração merecia que sua correspondencia se fazia directamente com este, sem passar pelo Conselho Ultramarino o que era motivo para muitas queixas e agravo da corporação incumbida de todos os negocios do Ultramar.

Grande fidalgo, politico de mais largo descortino do que os seus antecessores, foram innumeradas as vezes que se achou em conflicto com o Conselho Ultramarino com cujas opiniões raras vezes concordava, governando conforme lhe aprazia, desrespeitando mesmo as leis estabelecidas e os regimentos dos governadores.

E mercê de sua influencia e apezar das queixas do Conselho, jamais a Coroa tomou qualquer providencia contra a Marquez.

Em 2 de Março de 1816 tendo de dizer sobre a proposta de Angeja com referencia a Vianna, opinava o Conselho Ultramarino:

« Pareceu ao Conselho que Vianna foi culpado nos motins e alterações que houve nas Minas, como cabeça principal delles e supposto no principio teve algum fundamento para entrar nellas e nisso se possa considerar algum serviço, comtudo não deixou no progresso de fazer alguns excessos de que foi arguido neste Conselho e por essa causa foi necessario mandal-o retirar das Minas e aproveitar-se elle do perdão que Vossa Magestade concedeu aos cumplices das taes alterações e que nestes termos que servirá de escandalo que dos delictos que commetteu não só consiga o perdão mas mercês tão relevantes como são o fôro de fidalgo e Habito de Christo quanto mais constando neste Conselho se acha culpado em outros crimes de que não consta estar livre ».

Vianna, no sertão, poderosissimo e temido, era uma especie de senhor feudal, de alta justiça. Alem do extremado affecto que lhe voltavam os patricios que a elle recorriam constantemente, encontrando-o sempre benevolo ás suas necessidades, gosava da sympathia ardorosa do elemento clerical, valiosissima como em todos os tempos. Já se viu o papel repre-

sentado pelo celebre frade trino Fr. Francisco de Menezes, salvando-lhe o prestigio mais de uma vez no mais forte das lutas com os paulistas. Elles o defendiam perante os governadores, perante o Vice-Rei e mesmo na Corte de Lisboa. E' que prohibida sob severas penas o ingresso dos frades em territorio das Minas, e tentados apezar de tudo, somente pelas terras de Manoel Nunes Vianna, onde eram acolhidos com affecto, podiam burlar a vigilancia dos guardas e impunemente penetrar no territorio que lhes era defeso.

Em 26 de Outubro de 1715 o governador das Minas d. Braz Balthazar da Silveira que succedera a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, recebeu uma carta de Sebastião Pereira de Aguiar, Mestre de Campo de um Terço Auxiliar do Districto, bahiano e dos que tendo estado com Vianna no principio do seu governo o haviam abandonado desgostosos por verem os principaes postos do exercito confiados unicamente aos reinóes; servia a carta de apresentação de um certo padre portador de graves novas do que se passava no Rio das Velhas.

A noticia era de uma conspiração urdida por Manoel Nunes Vianna e seu primo Manoel Rodrigues Soares com o fim de depor as principaes autoridades da comarca. Vianna estava nos curraes da Bahia, mas os seus amigos andavam alerta, de modo que ao mesmo tempo quasi, o governador recebeu denuncias do Ouvidor da comarca Luiz Botelho de Queiroz, contra Luiz do Couto morador no Caethé e José de Seixas Borges, no seu entender organisadores do movimento. O Ouvidor era amicissimo de Vianna e Soares e encarniçado adversario de Couto e principalmente de Borges por ter este quando servira de Procurador da Coroa denunciado Soares como desencaaminhador de varias arrobas de ouro, fraudando o Fisco Regio, insinuando a cumplicidade da autoridade da comarca.

Embaraçado ante duas tão differentes versões, D. Braz resolveu enviar ao local o Tenente-General Felix de Azevedo. (\*)

Na noite do dia em que partira no desempenho de sua commissão o official, chegaram á villa e pediram audiencia ao Governador, Luiz do Couto e Seixas Borges, offerecendo-lhe suas forças para reppellir a gente que Vianna e Soares congregavam para invadir a comarca.

Agradeceu a offerta D. Braz, despedindo-os affavelmente.

(\*) Consulta do Conselho Ultramarino de 8 de Dezembro de 1716. (Bib. Nac.)

Voltando o official commissionedo para estudar os acontecimentos *in-loco* trouxe a noticia de que os parciaes de Vianna e Soares de um lado e de Couto e Seixas Borges do outro estavam em armas para resistirem a possiveis violencias, accusando-se mutuamente da tentativa subversiva.

O Ouvidor Luiz Botelho de Queiroz em carta escripta a 10 de Dezembro do mesmo anno de 1715 accusa veementemente como autores das perturbações ao Religioso mercenario Frei Iodoco de Seixas, seu irmão José de Seixas Borges, Luiz do Couto e José Corrêa Borges e Cêa.

D. Braz Balthazar da Silveira, espirito eminentemente conciliador coagiu em vista do inquerito feito Luiz do Couto e Borges a sahirem da comarca, julgando assim terminado o incidente. Isso porém não convinha ao Ouvidor que desejava o completo exterminio dos seus inimigos. Pelo que organizou um sumario de testemunhas todas desfavoraveis aos dous bahianos. Ainda quiz D. Braz intervir para salvar os dous accusados. Mas a absoluta independencia dos magistrados naquella epocha mallogrou seus esforços. O Ouvidor officiou á Corte e reteve os dous adversarios de Vianna em prisão.

Por essa mesma época e em carta que capeava todos os documentos relativos a essa projectada sublevação, o Marquez de Angeja insistia com a Corte para recompensar Manoel Nunes Vianna, dizendo:

..... «tendo varias conferencias com elle sobre as Minas e socego dellas e do Rio S. Francisco em tudo o achara muito capaz e de se attender á sua conservação e que mostrara a experiencia que com a sua ausencia se experimentara logo a falta que fazia naquelle Districto e que lhe encarregara a guerra contra o gentio barbaro que tinha infestado aquelles contornos, e destruido muitos sitios de gados para o que o nomeara por Mestre de Campo da dita guerra.

..... e que com elle tambem conferira muitas vezes os meios de se cobrarem exactamente os Quintos e que muitos apontára pondo a todos grandes difficuldades que a todo o arbitrio havia de preferir sempre o pôr Vossa Magestade aquellas terras obedientes ás suas reaes ordens e se respeitassem a seus Ministros e que emquanto esta obediencia não estivesse firme todo o methodo que se escolhesse havia de ser inconstante ».

Insistia depois para que o Rey o honrasse, recompensando os seus serviços, propondo honras identicas para o famigerado Francisco Gurgel do Amaral facinoroso celebre entre os mais celebres.



O Conselho Ultramarino em consulta de 8 de Dezembro de 1716 disse:

«O terceiro (ponto) é sobre Manoel Nunes Vianna; quanto a elle dizia que não sabia quaes são os seus serviços com que elle requer; porque se não lembrava que respondesse a elle como Fiscal e que porem se lembrava por varias informações que hão de estar no Conselho que he elle um grande Regulo daquelles certões, poderoso para si e para fazer mal e se já estava trocado seria um grande milagre e que em outras occasiões respondera elle que seria muito conveniente tiral-o do Certão, para o Povoado ainda que fosse convidando-o com algum pretexto honesto para ficar desassombrado o Certão e não haver occasião para elle crescer mais e tanto que desse maior cuidado.

(Voto do Procurador da Coroa).

Que já havia conflicto aberto entre o Conselho Ultramarino e o Vice-Rey, prova-o o trecho seguinte:

«..... da carta do Vice-Rey se vê que elle solicita que Vossa Magestade honre e premeie dous homens criminosos o facinorosos e não pode o Conselho deixar de dizer a Vossa Magestade sem ser movido de alguma sombra de espirito contraditorio que seria de grande escandalo para com Deus e para com os homens que depois de Vossa Magestade perdoar muitos e atrozos delictos os haja de honrar e premiar sem haverem feito depois do perdão serviço algum a Vossa Magestade; mas esta contradicção aos dictames do Marquez não obstante ser tão natural e evidente lhe desagrada de sorte que o faz romper em injurias tão atrozos contra o Conselho não advertindo que esta mesma impugnação resulta ao mesmo Conselho grande credito e mostra bem o zelo e incorruptibilidade pois se oppõe ás pretensões de dous homens mais ricos e poderosos daquella Conquista».

Não teve despacho essa consulta como a anterior a não tivera. Eram tão contraditorias as opiniões sobre o mesmo individuo manifestadas pelo Vice-Rey do Brasil de um lado e do outro pelo Conselho Ultramarino formado por magistrados altamente conceituados, que o Rey nada deliberou a respeito, dilatando a resolução.

O Marquez não se satisfez porem. Fez com que Vianna tirasse folha corrida e remetteu-a á Corte. Submettida ao parecer do Conselho (\*) opinou o Procurador da Coroa: «que elle não se admira de nellas o ver sem culpa porque ninguem se havia de atrever a o culpar em

devassas ou querellas e ainda que estivesse com culpa formada naquellas Villas não havião os Escrivães ter valor para falar a folha com culpa por ser homem muito poderoso e costumado a vingar-se como é opinião commum que delle se tem nem por devassas se hão de saber as suas culpas mas por informações secretas.»

Disse o Conselho: «que não póde deixar de se admirar que o Vice-Rey escolhesse dous homens dos mais escandalosos que tem o Brasil (Vianna e Francisco do Amaral) para os proteger com todo o empenho que Vossa Magestade lhes faça mercê por meios extraordinarios faltando-se á observancia do Regimento.»

Se no governo da Bahia tinha Manoel Nunes Vianna um grande amigo na pessoa do Vice-Rey Marquez de Angeja, era pelo contrario muito mal visto pelo governo de Minas.

D. Braz Balthazar da Silveira não o supportava conhecendo e sentindo o efeito de suas machinações. Demais Vianna com assento no sertão tornou-se o verdadeiro senhor das passagens entre as capitancias de Minas e Bahia, pelas suas terras passando todo o gado que descia do norte para o consumo dos mineiros e ainda do peixe salgado das pescarias do S. Francisco muito utilizado pela população pobre da Capitania.

Longe das justiças das Minas, poderoso e temido, Vianna embaraçava quanto podia a acção dos governadores. E sentindo-se mais forte ainda com a protecção do Vice-Rey, tornou-se audacioso chegando a prohibir a engorda do gado que para Minas descia nas pastagens das terras ribeirinhas de S. Francisco. Em suas propriedades reuniam-se os frades que o então Governador D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar expulsava em cumprimento ás ordens regias das terras do seu governo.

Com a ordem regia mandando estabelecer as casas de fundição, rebentaram conflictos de que Vianna foi evidentemente o instigador.

D. Pedro de Almeida, irritadissimo com a resistencia que sentia a todas as suas ordens queixou-se ao Rey descrevendo com as mais negras cores a situação das Minas e de Manoel Nunes Vianna dizendo «Regulo, tyranno cruel, matador, ladrão nunca visto, orgulhoso por se lhe não ter dado castigo quando usurpou a jurisdição real, pensava até que tinha feito um grande favor a S. Magestade por lhe devolver o governo de Minas e não se ter declarado independente numa republica absoluta.»

Terminava pedindo a S. Magestade que ordenasse ao governo da Bahia o ajudasse a lançar fora das Minas um tão insolente vassallo.

Sucedera ao Marquez de Angeja no governo da Bahia, Vasco Fernandes Cesar de

(\*) Consulta do Conselho Ultramarino de 24 de Janeiro de 1718. (Bib. Nac.)

Menezes. Elle por sua vez escrevia para a Côte « que as crueldades tyrantias e violencias continuam e se multiplicam de maneira em Manoel Nunes Vianna que se equivocam umas com outras e supposto receia que de sua diligencia lhe possa resultar algum damno á sua liberdade nem por isso deixará de passar pelos seus arrayaes com a comitiva que baste para a sua defeza e a falta de coacção faz com que este regulo viva á lei da natureza mas fie Vossa Magestade do meu cuidado que não perderei occasião em que consiga os desejos com que me acho de o ver castigado, á proporção dos seus delictos. »

O Conselho Ultramarino em consulta de 31 de Março de 1723 sobre esse assumpto disse: (\*) « Pareceu ao Conselho no que respeita a Manoel Nunes Vianna que o mande processar citando por editos e resultando do seu processo ser condemnado á morte e banimento, se ponham editaes publicos para que a pessoa ou pessoas que o matarem ou trouxerem a sua cabeça á presença do Juizo que se lhe dará metade de todos os seus bens que lhe pertencerem por este serviço, por ser este o meio de afastar dos vassallos de V. Magestade um tão máo homem, tão pernicioso e prejudicial á republica »

Conforme promettera em sua carta o Vice-Rey fez sentir a Vianna o peso da justiça pois em carta de 2 de Novembro de 1723 communicava a El-Rey ter remettido preso para Lisboa a Francisco Gurgel do Amaral, e ter conservado preso na Bahia a Manoel Nunes Vianna em quanto mandava abrir inquerito no sertão sobre as suas culpas, tendo-o feito depositar a quantia de 6.000 cruzados que perderia em favor das obras da Ribeira das náus caso se retirasse da cidade antes de 5 mezes.

Na mesma data Manoel Nunes Vianna dirigia á Corte uma representação, demonstrando o seu zelo e fidelidade no serviço regio. Allegava que inimigos seus, creados pela exacção no comprimento dos seus deveres imputavam-lhe culpas levantando-lhe accusações de que requerera justificar-se ao Vice-Rey, dando uma fiança de 20.000 cruzados para não sahir da Bahia emquanto tal se fizesse Pedia a El-Rey em vista dos documentos justificativos que juntava, ordenasse a restituição dos 20.000 cruzados e lhe concedesse licença para ir para sua casa.

O Conselho discutiu longamente essa representação em 1 de Fevereiro de 1725. (\*)

O Procurador da Coroa fazendo um historico da vida de Vianna e lembrando accusações contra elle levantadas opina « que Vossa Ma-

gestade lhe perdôe os crimes commettidos athé agora sem prejuizo dos interesses das partes offendidas com obrigação de morar na Bahia emquanto Vossa Magestade houver por bem ou no termo daquella cidade e não hir para o Certão salvo por breve e limitado tempo com licença dos governadores a qual não será por mais de 4 mezes e não todos os annos com condição que não fazendo assim não terá vigor o dito perdão e por esse mesmo feito incorrerá na pena de confiscação de todos os seus bens, privado de todos os postos e dignidade que tiver e será tratado como rebelde e por esse modo se conseguirá tiral-o do Certão que é o que sempre se pertendeo, pois é quasi impossivel averiguar judicialmente as suas culpas, para o castigar condignamente »

O Conselho mudara já de opinião a respeito do celebre reinol. Milagres da opulencia talvez, não sendo indifferentes os Conselheiros aos presentes que Vianna distribuia fartamente para ageitar a benevolencia dos poderosos na Corte.

assim que decide por maioria de votos: « Pareceu ao Conselho que o Vice-Rey obrou bem no expediente que tomou de conceder a Vianna o indulto a que podesse vir para a Bahia e que se deve louvar muito que elle mostrasse a sua sugeição em querer assistir naquella Praça onde a Relação conhece das culpas de que era arguido dando bem a entender por este meio a confiança que fazia das acções e innocencia da sua pessoa, e muito mais a sua confidencia; *pois certamente se elle não quizesse buscar este recurso não seria facil o ter-se contra elle coacção alguma por ser um dos homens mais opulentos e de maior poder que vive nos Certões daquelle Estado e mui respeitado nelles pelo grande sequito que tem ajudando-se a sua authoridade do grande numero de escravos e indios de que se compõe a sua casa, circumstancias todas que indicão ser elle um fiel vassallo, desta Coroa, o que já se comprovou pelo que se vio no que fez nas Minas Geraes pois a elle se deve a quietação a que as reduziu e se apaziguarem as disorders que havia entre Paulistas com os do Reyno, removendo a repugnancia que estes mostravam em acceitarem as justiçaes que hoje nellas estão estabelecidas fazendo os Ministros livremente a administração della áquelles Póvos.*

Propõe o Conselho que o Vice-Rey lhe restitua a fiança, deixe-o ir para onde quizer e Vossa Magestade o premeie attendendo aos seus serviços quando elle requerer a remuneração delles.»

Apezar desses calorosos elogios o Rei achou mais prudente não seguir o conselho e despachou:

« Como aponta o Procurador da Coroa — 9 de Fevereiro de 1723 — Rey. »

(\*) Consultas do Conselho Ultramarino. (Bib. Nac.)

(\*) Consultas do Conselho Ultramarino. (Bib. Nac.)



Não descansou porém Manoel Nunes Vianna e movendo os maiores empenhos conseguiu que lhe fossem concedidas as recompensas que por tanto tempo reclamara.

Obteve com effeito «mercê de cem mil réis de tença effectiva em um dos Almojarifados do Reyno em que couberem, sem prejuizo de terceiro e não houver prohibição com o vencimento na forma da ordem de S. Magestade dos quaes serão de sessenta mil reis para elle Manoel Nunes Vianna, tendo-se com o Habito de Christo que lhe tem mandado lançar e quarenta mil réis para o filho que dentro de um anno nomear dos quaes logrará tambem o titulo de Habito de Christo que lhe mandará lançar e para elle Manoel Nunes Vianna da Alcaidaria Mór da Villa de Maragogi e de propriedade do officio de Escrivão da Ouvidoria do Rio das Velhas...» Em 5 de Abril de 1727.

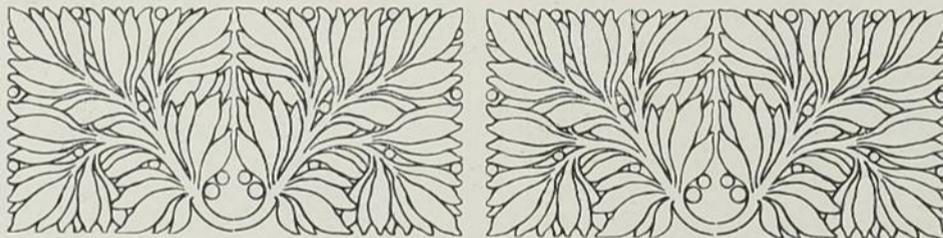
Por esse tempo já estava Manoel Nunes Vianna no Reyno, de onde partira jovem e pobre.

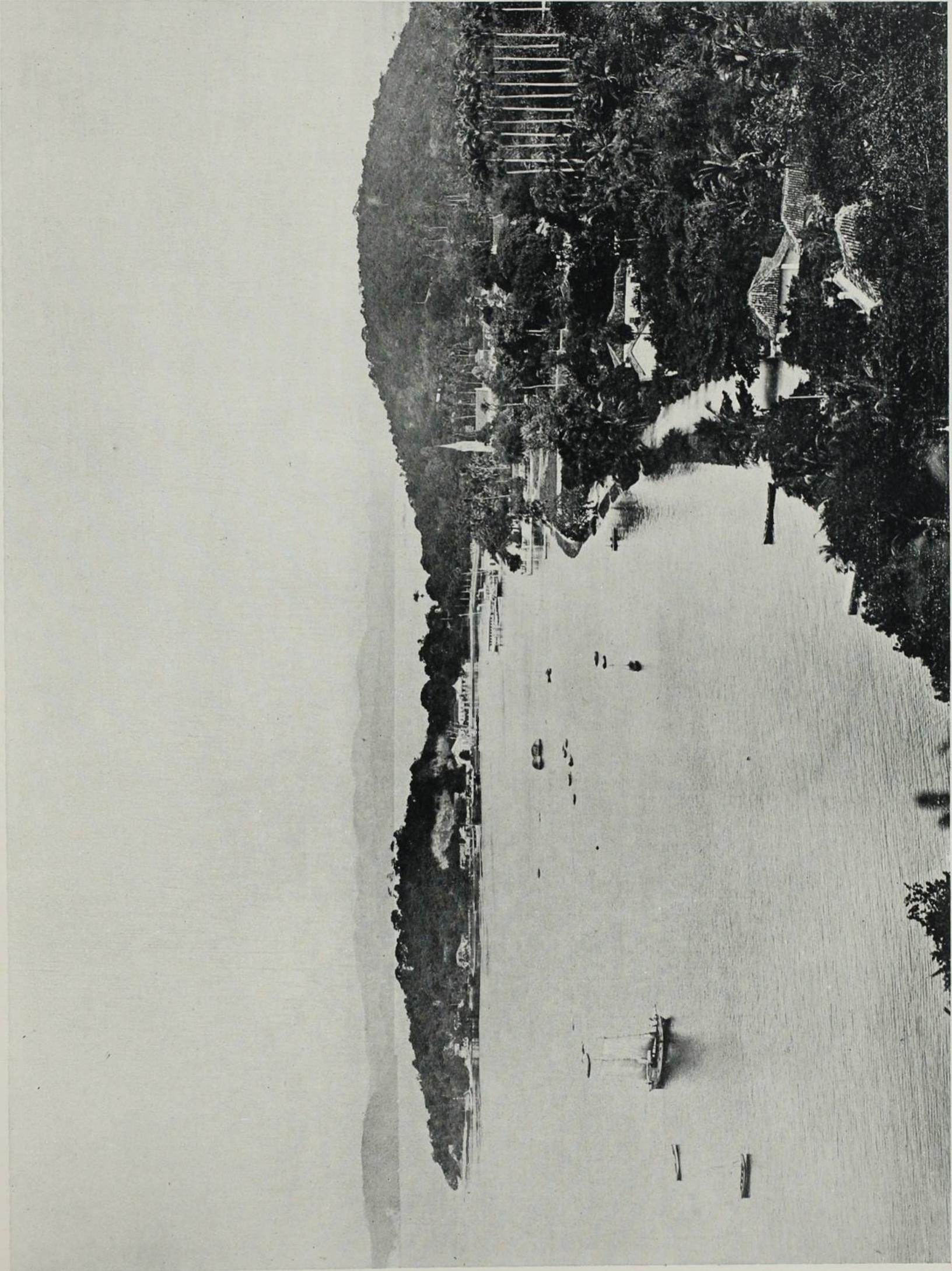
Na sua vida accidentada, se colhera desgostos, se decepções soffrera, esse consolo supremo lhe coubera; voltar á sua terra, elle que fora perseguido pelo odio de poderosos inimigos, accusado e detratado e conseguir afinal mercê do prestigio dos seus largos cabedaes as honras por tão longo tempo almeajara e sempre vira recusadas. Fim de vida aliás, pouco tendo sobrevivido a essas honrarias que repartiu com os filhos.

Mas como por uma ironia do destino, a esse vencedor dos fidalgos paulistas que lhe desprezavam o sangue plebeu, o ouro que conseguira arrancar da terra mineira vencendo-os em sanguinosos lances bellicosos serviu mais tarde para com elles hombrear, conquistando os foros de que elles se orgulhavam adquiridos no serviço d'El-Rey, devassando os enormes sertões mysteriosos do Brasil central.

1908.

MARIO BEHRING.





ILHA DE PAQUETÁ - RIO DE JANEIRO





# Helios Seelinger

Na sua exposição de Janeiro de 1908, realisada no « Museu Commercial ».

**A** ARTE forte, livre, impressionantemente pessoal de Helios Seelinger, de um intuito perscutante e symbolico, variada no seu conjuncto, já fixando pontos de paisagem, logo desenvolta com a fantasia, tem levado muita gente a desencontradas interpretações da sua esthética, uns filiando-o, desastradamente, aos rebuscamentos gozzolianos e or-cagnescos dos P. R. B. (*pre raphaelite — brothers*); outros, e com igual impropriedade, á maneira botticelista do *mythic painter* Burnes Jones, e mais alguns aos delirios fantasistas do germanico Franz Stuck.

Sem duvida que são esses os que la-deam o acerto, porque Franz Stuck foi mestre de Helios e numa idade em que se imita inconscientemente os professores queridos.

Ponha-se tambem na linha de conta a origem germanica de Helios, por ambas correntes consanguineas; e a influencia exercida na sua emotividade artistica por uma geração de habilissimos manejadores de lapis e pinceis, como os Julius Diez, Walther Georgi, Hans Rossmann, Max Bernuth, que, em Munich, espatifaram á força de talento e audacia os canons da grave Plastica Academica.

Mas, deixando de lado esta parte commum da critica ensobrecasacada, circumspecta, e doutoral, vejamos que é, de facto, essa obra que nos prende a contemplal-a e nos sacóde os nervos com a sua variedade eclectica de assumptos, e o ruido polychromo de suas côres.

Não é que ella se force nos ambáges d'exotismos pasmadores, que delicias o *snoob* nas bizarrices crêspas do seu guindado gosto a *des*

*Esscintes* postiços, e estupideficam a mais, se é possivel o maximo, os farçantes do amadorismo que se empavesam e se repimpam com o xarel da nobiliarchia.

Não! Ella é sincera dentro da sua manifestação, e se realça pela originalidade do seu modo de ser em improvisos de concepção.

Porque é nessa intensa propriedade sua, de abaladora nota original, que está o chanfro da propria relevancia com que se alteia da superficie corriqueira dos contemporaneos, e, se nada mais tivesse para o seu destaque, bastar-lhe-ia a inconfundivel feição dos assumptos para salvar-a da vassourada impiedosa do Tempo ao termo de uma geração exgotada.

A' alguns parece que a esthética desse novo

artista se funda no vigorismo sadio da vida, que o impelle para a irradiação pagã dos campos onde cabriolam capripedes faunos e impudicas nymphas; mas, notada, em conjuncto apurado, a sua obra de hontem e de hoje, ella me dá, a mim, diferente comprehensão. Julgo vê-la sob um amplo véo translucido, como tecido em fios irisados de madreperola, em que tudo tem reverbercs estranhos conforme os momentos de claridade ou sombra percebidas em cada motivo isolado.

Assim, o que se me inculca mais caracteristicamente á visão é a tendencia para o corpo feminino, não na pureza linear da sua estructura bellica, de que resultou

a magestade eterna dos contornos da Venus de Milo; não na harmonia integral, se bem que impassivel, da procurada perfeição do Renascimento, nem mesmo na graça e leveza da embonecada arte do segundo imperio; mas, sim na representação multiplice da *faunesse*, seja em *maillot* de cantarina de café-concerto, seja no desnudamento do seu typo mythologico, na ronda guinchante e aphrodisiaca dos satyros.

A mulher que Helios pinta, e lhe é predilecta como assumpto, não tem a envergadura physica da procreadora, o tronco robusto, de



SALAMMBÔ E A COBRA



mammas turgidas, a bacia larga e as pernas musculosas das mulheres rubenescas; parece, antes, a terrível *loupeuse*, envenenada pelo satanismo da luxúria, que arrancou ao lapis de Félicien Rops a serie magistral da sua obra erotica. E ainda que se lhe não possa applicar o verso de Paul Redonnel:

*De son corps précieux fait un nid de péchés,*  
ella traz a inquietação da grande hysteria ou a immobilidade tragica das mordidas do sadismo.

Vejam, por isso, as duas *Salammbôs*, "Salammbô e a lua", "Salammbô e a cobra". Deante desses dois quadros, que nos captivam, perguntamos, a nós mesmos, se ali está a extraordinaria virgem channeana reconstruida pela microcosmica, fecunda imaginação de mestre Flaubert, a pallida e formosa carthagineza, filha do poderoso Hamilcar Barca? E procuramos, com certa afflicção pela tardança mne-monica, recordar as scenas em que a desejada de Narr'Havas e Mâtho, o libyo, se apresente tão perturbadoramente núa sobre coxins som-brios, envolta a virgindade calida do seu régio corpo numa preciosa rêde de largas tramas d'ouro, ou assim, repousada sobre os artelhos, em extase de prece nocturna, lubrica e asiaticamente bella sob o transparente tecido escuro de uma tunica que lhe pende da barbara ourivessaria de sob os seios...

Não é, ao certo, a carthagineza revivida pela fantasia estu-penda do grande artista da prosa, esta que ali está! Porque Salammbô, quando a serpente, firmada a cauda no solo, se ergue retesada, e seus olhos, mais rutilantes do que escarbunculos, dardejavam sobre a virgem, tinha se desfeito dos seus brincos, do collar, dos bracelêtes, da sua longa samarra branca, e des-novellado os cabellos.

Mas, que importa isso? A Salammbô que Helios nos apresenta, nesses dois pequenos quadros, prende-nos pela singularidade do seu typo, pela *belleza moderna* de suas fórmulas, pela

lubricidade dessorante do seu corpo. E' uma Salammbô que criamos por associações anachronicas, não se contestará, mas satisfatorias á nossa fantasia morbida de homens do «seu tempo», ás nossas crueis extravagancias de ego-tismo, porque esse typo se confunde entre uma vaga imagem lendaria de um perdido passado e a figura inquietante, sinistramente suspeita, observada dia a dia no scenario costumeiro da irrequieta, agúda, absorvente e destruidora existencia contemporanea. E para o julgar collocado na sua época remóta, para nos dar a sensação de que é realmente como teria sido, contentámo-nos com o perceber-lhe a bocca escarlata, sangrando num desesperado desejo, e os olhos terrivelmente languorosos,

a que o antimonio empresta o tom pisado de segredos ardentes, e a gomma, o musgo, o ébano, e o felpeo velludoso das patas mutiladas ás moscas de Mé-gara, alongam e afilam as sobranceiras como laminas negras de alfangens minusculos, curvas, em guarda de serrallo, sobre a communição silenciosa dos olhares...

Vejam outros quadros, outras télas quaesquer em que a *fémima* se esboce levemente, seja uma sombra, um vaporoso esbatimento de sonho, apenas contorno recordativo, silhuêta, diluencia de visualidade, e ainda ali teremos a carne trememente ao *frisson* da Volupia, que nos arrepiam a epiderme pela

apprehensão do pustulento peccado de que está saturado o seu sangue, de que está embebida a sua carne e lhe dá esse ar quasi indefinivel de louca e sécia, essa maneira serpentina e rebolante de andar, esse aspecto *faisandé* que provoca o instincto saciado de iguarias fastientas.

Será uma perversão?... Mas a vida é assim. Que a venha salvar a messianica philosophia de uma reforma lustral, e esperemos, a rir e folgar, enquanto os rheumatismos nos não entrevam e as congestões nos não abatem para



CABARET AO AR LIVRE — PARIZ



a bocarra das cóvas. Riamos, que a grande purificadora ha de vir! Talvez no dia em que soar a trompa fatal no valle de Josaphat..

O que é, porém, extraordinario é que essa natureza lavrada pela febre satyrisiaca da modernidade feminina, a vampirica modernidade



FRISA CARNAVALESCA (Parte)

que inventou o *devant droit* e descollou dos hombros o decóte em bórdos de vaso, a cantharidal modernidade que imaginou nas sob-saias a espumarada excitante das rendas em que a sêda das meias e o tom da epiderme se tornam deleitosamente estimulantes, ... disia eu: é extraordinario que essa natureza surda intacta do visco epispático do mundanismo provocador e distrúa na sua obra, ou pelo menos dissimule, a licenciosidade que, por modos varios, a nudez hystericizada e velutinesca lhe pudesse acarretar.

E assim é porque essa obra não chega ao impudor. Ha nella um designio tão intenso, que se lhe attende mais ao intuito expressivista do que ás attitudes lascivas das figuras. D'ahi o symbolo que a reveste, e que a ardorosa imaginação do artista, transforma numa fascinante combinação de linhas não vulgares, e de ora vivo, ora escambrado colorido, mixto de natureza e fantasia, harmonisado em longes neutros e em toques luminosos de luz espectral.

Nisso está marcada a sua tendencia decorativa, mas decoração repassada dum pensamento symbolico, que, por vezes, desperta ineditismos chocantes, como o dessa *Victoria Régia*, em lago europêo, de aguas remançosas e com sentinellas extaticas de cyprestes geometricos.

E' extranho! Tambem eu o acho. Mas, dentro desse quadro, que poesia! que sonho! que idealismo! *Victoria Régia* é simplesmente um motivo para o encurvar de uma folha enorme, batida de luz apotheosica, na qual se corporifica, em intangibilidade de apparição, a

fórma languida de uma mulher soberba levada na corrente mansa por genios cupedineos, como ella vagos, quasi delidos..

E ainda mesmo que cingido á realidade, pela força commovedora dum assumpto real, seu temperamento leva-o a exceder-se da vulgaridade. E por prova, temos o grande quadro — *O Fogo*, tão ferozmente vivo no impeto devastador do incendio, que não é mais do que uma representação dolorosa da vida, em que um operario pae, enlouquecido com a noticia, corre ao fóco das chammas de onde um bombeiro, cuja cabeça é uma belleza de força e bravura, arranca o corpo em deliquio de uma rapariguita doente... Ahi está a sua visão artistica. E temol-a assim em tudo que seus pinceis tocam e deixam a imagem.

Conclue-se do exposto, se é que me não transvio da observada verdade, que a natureza só o impressiona e attráe para o necessario estudo da fórma fundamental; o artista tem uma concepção propria e procura no real a transmutação do quanto idealisa. Nesse ponto aproxima-se de Tyra Kleen, a singularissima pintora ingleza, que compôz as mais perturbadoras illustrações para o *Filho Prodigio*.

Ha, por tanto, na natureza artistica de Helios uma impulsiva tendencia para a decorativa. E assim deve ser, attendendo-se á sua ardente imaginação, porque não ha especialidade em que se póssa dar maior largueza á fantasia do que esta, sobre todas as applicações da plastica, livre, audaciosa, criadora e deslumbrante arte!

Já desde muito tempo, elle nos deu provas cabaes de sua habilidade decoradora. E não só



FRISA CARNAVALESCA (Parte)

no desenvolver e combinar de volutas e vegetaes de puro ornamento, como na difficil e suggestiva composição de assumptos animados, a sua dextra obedece passivamente, e com poder vivificante, o que lhe ferve e tumultúa no cerebro. Aqui temos a *frisa carnavalesca*, que



é bom exemplar, e onde a successão de posturas tem o clownismo das mais exdruxulas cabriolas, uma desenvoltura macabra de contorsões grutescas como numa epelepsia de prazeres.

Em geral nota-se que os decoradores possuem a fibra caricaturista, pela habilidade do exaggero. Essa feição, que é, como eu disse, commum aos fantasistas da fórma, expande-se na arte de Helios Seelinger por innumerous cartões, vinhêtas e paginas de album, que elle enche a lapis e aguarella; mas, como a característica dominante da sua individualidade artistica, está numa intenção subjectiva, que a distingue pelo symbolo, a caricatura que lhe sáe das mãos não se estreita no hilare do deformado, attinge á generalidades sociaes, resume philosophias applicativas de *legendas* que prescindem da phrase escripta.

Repare-se, pois, no *Amac-vos*, nesse typo desgarrado de Christo, ingenuo e admirado, perdido num *boulevard* onde o vicio passeia a ironisar com a esterilidade das fraudes a grandeza benefica da sua ordem sacramental. E' acerba, esta ironia; mas é toda uma verdade colhida na *vie frènetique* das ruas

Como Steilen, como Forain, Helios Seelinger propende para os assumptos da vida contemporanea; a sua maneira, porém, arrasta-o para as composições synthéticas, generalizando as intenções. O seu burguez não é um typo, é uma instituição; a sua rameira não é uma desgraçada, é a desgraça. A visão do artista duplica-se com a visão do philosopho. E onde o facto se isola, com determinado meio, Helios percebe mais, penetra mais fundo, pormenorisa as almas.

O *Tribunal dos Barbaros*, dado em estampa num numero da *Atheneida*, que foi um pedaço da mocidade do Trajano Chacon, em 1903, esse *Tribunal dos Barbaros*, é um romance inteiro num triptyco:

O artista, no trabalho exhaustivo da sua gloria, fica esmagado sob o pulso brutal de um corpo que não tem cabeça, porque não pensa, porque é «todo o mundo».

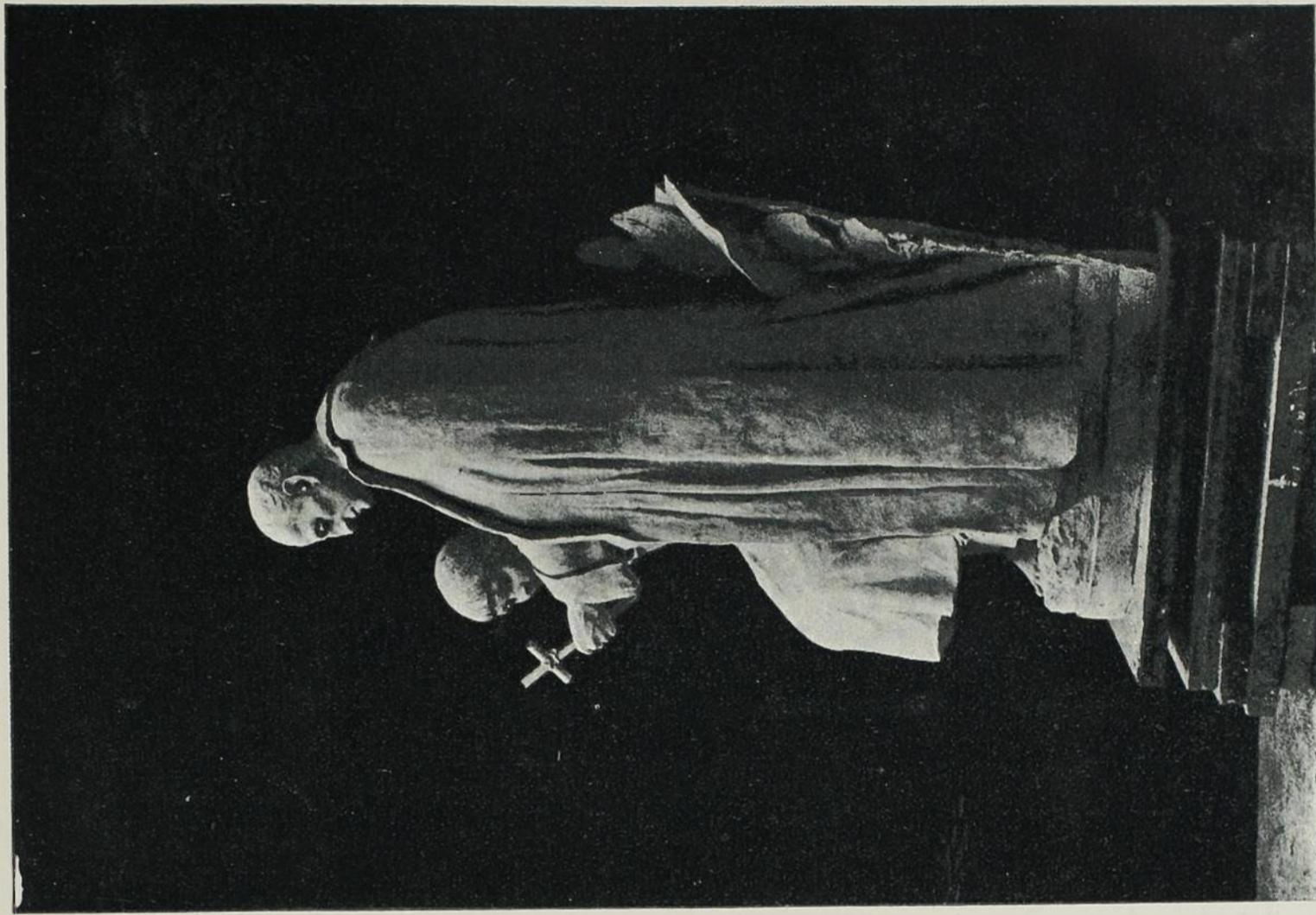
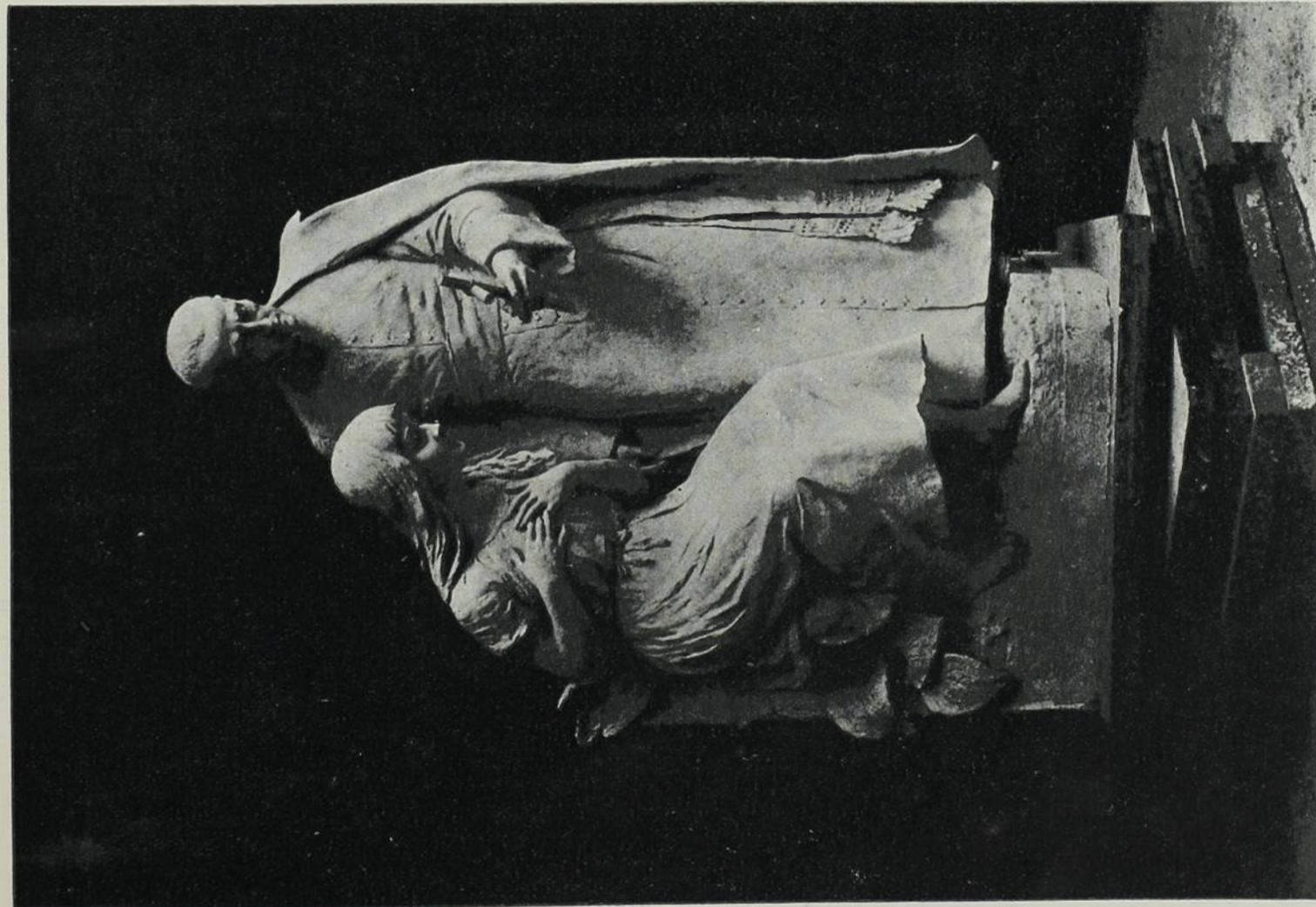
E esse immenso mundo é o burguez, que se banquetela animalmente, depravadamente, com pesadas mulheraças escalavradas de vicios; a arte serve-lhe de irrisão, elle a prende pelos pulsos, elle lhe dá por throno um caixote vazio, onde manda accender velas de sebo em gargallos de garrafas, e a entrega á bruteza dum boçal assalariado, que a insulta em meio do deboche estúpido, donde sáem bebedos a cambalear e para onde entram barregãs cobertas de joias, ostentando sedas, rejuvenescidas a polvilhos, a tinturaria, e lustrosas de graxas perfumadas. Mas a lucta não pára. O artista não descança. Trabalha sempre. A febre o prosta, elle trabalha; a miseria o róe, arruina, e elle trabalha! Encarcera-o, com supplicios, a muralha do desespero. E lucta. Um dia a fome o assassina. Então, na sua mansarda entre o braço de «todo o mundo» a glorifica-o na morte...

E' um artista quem isso faz! E, posto que seja uma pagina de cinco annos passados, ainda do tempo em que o desenhista sabia objectivar a idéa, mas não lhe era dada a firmeza de hoje, ella ficará unida á sua obra mais recommendavel, porque Helios, progrediu nesses quatro annos de trabalho na Europa, mas não perdeu a sua individualidade. O Helios, que tanto fez vibrar os nossos nervos com o seu incontado talento de rapezelho carioca, vindo de Munich, é o mesmo Helios de agora na mocidade de espirito e na perseverança e fé do trabalhador.

*Fevereiro de 1908.*

GONZAGA DUQUE.





## MONUMENTO A FLORIANO PEIXOTO

POR EDUARDO SÁ

As duas gravuras representam um dos grupos desse monumento que ornamentará a sua base. Este, que reproduzimos de face e de perfil, é inspirado no *Evangelho nas Selvas*, do poeta fluminense Fagundes Varella, e acha-se pronto para ser fundido em Paris.





# POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 10 DO ANNO IV)

## CAPITULO IX

### Historia evolutiva dos Entomostraca, Cirripedes e Rhizocephala

A SECÇÃO dos Branchiopodes encerra dous grupos diferentes até no proprio desenvolvimento — os Phyllopoda e os Cladocera. Os ultimos animalculos, providos de seis pares de patas foliaceas e pertencentes principalmente á agua doce, estão diffundidos sob formas semelhantes por todo o mundo, deixam o ovo com o numero de membros completo. Os Phyllopoda, ao contrario, cujo numero de patas varia entre 10 e 60 pares, e entre os quaes alguns certamente vivem nos lagos de saturadas aguas salobras e de soda, só tendo um genero divergente (*Nebalia*) encontrado no mar (1), soffrem uma metamorphose.

Mecznicokow observou recentemente o desenvolvimento de *Nebalia*; e concluiu de suas observações «que *Nebalia*, durante a vida embryonaria, passa pelos estados de Nauplius e Zoa que nos Decapodes occorrem parcialmente (em *Peneus*) no estado livre.» Por isso, diz elle, eu considero *Nebalia* como um Decapode Phyllopodiforme.»

As larvas mais novas (dos Phyllopoda) são Nauplius que nós já encontramos excepcional-

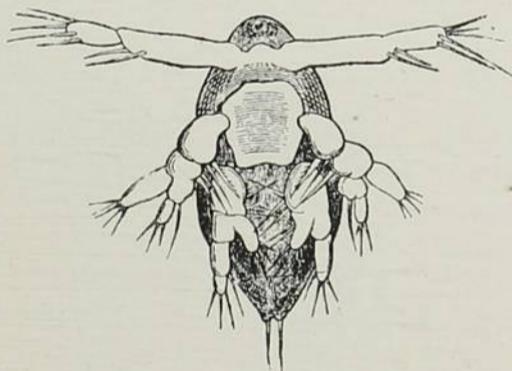


FIGURA 53  
Nauplius de Copepode, 90 diametros

mente n'alguns camarões e que, poderemos encontrar reproduzidos aqui, quasi sem excepção. Os segmentos somaticos e as patas que são, ás vezes, tão numerosas, se formam gradativa-

(1) Se os Phyllopoda podessem ser considerados como os mais proximos aliados dos Trilobitas, elles forneceriam, com *Lepidosteus* e *Polypterus*, *Lepidosiren* e *Protopterus*, um outro exemplo da preservação, n'agua doce, de formas de ha muito extinctas no mar. A occurrencia das *Artemiae* nas aguas supersalinas, ao mesmo tempo mostraria que ellas não fugiam á destruição por meio da agua doce, mas em consequencia da menor concurrencia que ali encontravam.

mente de diante para traz, sem a indicação de quaesquer regiões do corpo, intimamente discriminadas, seja pelo tempo do seu apparecimento, seja pela sua forma. Todas as patas são construidas essencialmente do mesmo modo e, se assemelham ás maxillas dos mais elevados crustaceos. (1) Devemos considerar os Phyllopoda como Zoaes que não chegaram á formação de um abdomen ou thorax peculiarmente caracterisado e, em vez destes tem repetidamente reproduzidos os appendices que primeiro seguem os membros de Nauplius.

Dos *Copepodes* — alguns dos quaes, vivendo em estado livre, povoam as aguas doces e em muitissimas e variadas formas o oceano, enquanto outras, como parasitas, infestam os animaes das mais diversas classes e, frequentemente, se tornam deformados de um modo admiravel, — a historia evolutiva, como toda a sua historia natural, esteve, até pouco, em um estado não satisfactorio.

E' verdade que, de ha muito nós sabemos que os *Cyclopes* das nossas aguas doces, foram excluidos da forma — Nauplius, e que travamos conhecimento com alguns outros dos seus estados jovens; nós aprendemos, em Nordmann, que a mesma forma primitiva pertencia a muitos crustaceos parasitas que haviam antes passado, quasi universalmente, por vermes; porém, as formas intermediarias de de ligação que, nos teriam permittido referir as regiões do corpo e dos membros da larva ás do animal adulto, estavam ausentes. As comprehensíveis e cuidadosas investigações de Claus preencheram essa lacuna do nosso conhecimento e tornaram a secção dos Copepodes, uma das melhores conhecidas em toda a classe. As seguintes constatações são derivadas dos trabalhos deste habil naturalista. Da abundancia de material valioso que elles contem, eu escolho só aquelles que são indispensaveis para a comprehensão do desenvolvimento dos Crustaceos em geral, porque, no que se refere aos Copepodes especialmente, os factos já foram collocados na devida luz, pela representação dos mais recentes investigadores e devem apparecer, á quem-quer que tenha os olhos abertos, como importante evidencia em favor de Darwin. (2)

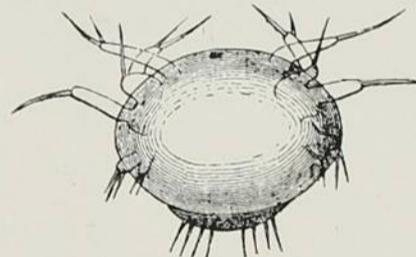


FIGURA 54  
Nauplius de Copepode, augmento  
180 diametros

(1) As maxillas das larvas dos Decapodes são uma especie de pata de Phyllopode.

(2) Ainda não conheço a ultima e maior obra de Claus, mas certamente o mesmo deve ser itdo della



Todas as larvas dos Copepodes investigadas por Claus, tem, no periodo primitivo, tres pares de membros (as futuras antenas e mandibulas); a anterior com uma serie dupla de

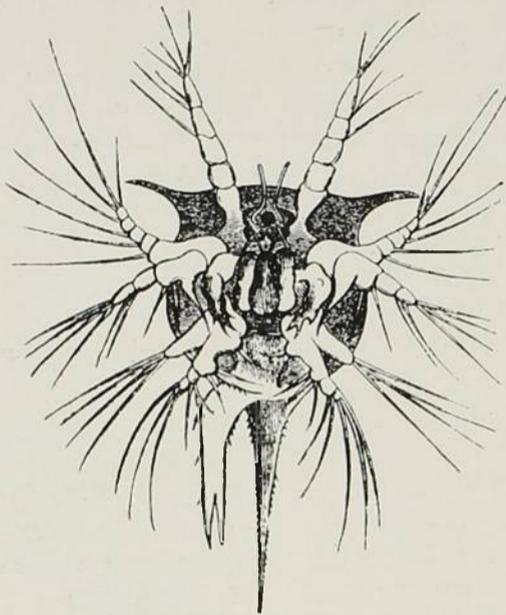


FIGURA 55

Nauplius de *Tetractita parosa*, primeira muda, 90 diametros. Vê-se o cerebro em torno dos olhos donde se originam os filamentos olfactivos e posteriormente alguns delicados musculos da coifa oral.

juntas ou branchias. Os olhos impares, o labrum e a bocca, já occupam suas posições permanentes. A porção posterior que é communmente curta e destituida de membros, tem duas cerdas terminaes, entre as quaes fica o anus.

A forma embryão Nauplius é extremamente vária - ás vezes lateralmente comprimida, ás vezes chata, ás vezes alongada, ás vezes oval, ás vezes redonda ou mesmo mais larga do que longa e assim por diante. As mudanças que os primeiros estados larvares soffrem durante os processos de crescimento, consistem, essencialmente, em uma extensão do corpo e no brotamento de novos membros. «O estado seguinte já desdobra um quarto par de extremidades, as futuras maxillas.» Seguem-se, então, de uma vez, tres novos pares de membros (os maxillipedes e os dous pares anteriores de patas natatorias). A larva continúa ainda como um Nauplius, visto como os tres pares anteriores de patas, representam patas remadoras; na muda proxima, ella é convertida no mais novo estado *Cyclopiforme*, quando elle se assemelha ao animal adulto, na estrutura das antenas e dos órgãos oraes, ainda que o numero de membros e segmentos somaticos seja muito menor, porque só os rudimentos do terceiro e quarto pares de patas natatorias fizeram a sua apparição, sob a forma de tuberculos franjados de cerdas; e o corpo consiste no cephalothorax oval, no segundo, terceiro e

quarto segmento thoracico e, n'um longo articulo terminal. Nos *Cyclopidae*, as antenas anteriores perderam o seu ramo secundario e as mandibulas expelliram, completamente, as patas natatorias que existiam antes, enquanto que em outras familias, estes appendices persistem mais ou menos alterados. «Além d'este estado de desenvolvimento livre, não passam muitas formas dos *Copepodes* parasitas, taes como *Lernanthropus* e *Chondracanthus*, pois que ellas não adquirem o terceiro e quarto pares de membros, nem realizam a separação do quinto segmento thoracico do abdomen; outros (*Achtheres*), descem ainda á um gráo inferior pela perda subsequente dos dous pares de patas natatorias. Mas todos os *Copepodes* livres, e a maior parte dos Crustaceos parasitas, passam por uma serie mais ou menos longa de estados de desenvolvimento, em que os membros adquirem um mais alto gráo de divisão em articulos de sequencia continua, os pares de patas posteriores são desenvolvidos e os ullimos segmentos thoracicos e os diversos segmentos abdominaes, são, successivamente, separados da parte terminal commum.» Só há uma cousa mais á indicar, na historia evolutivo dos Crustaceos parasitas - á saber que alguns d'elles, taes como *Achtheres percarum*, deixam, com certeza, o ovo como o resto, n'um estado Naupliiforme, porquanto o gordo corpo oval e astomata, têm dous pares de simples

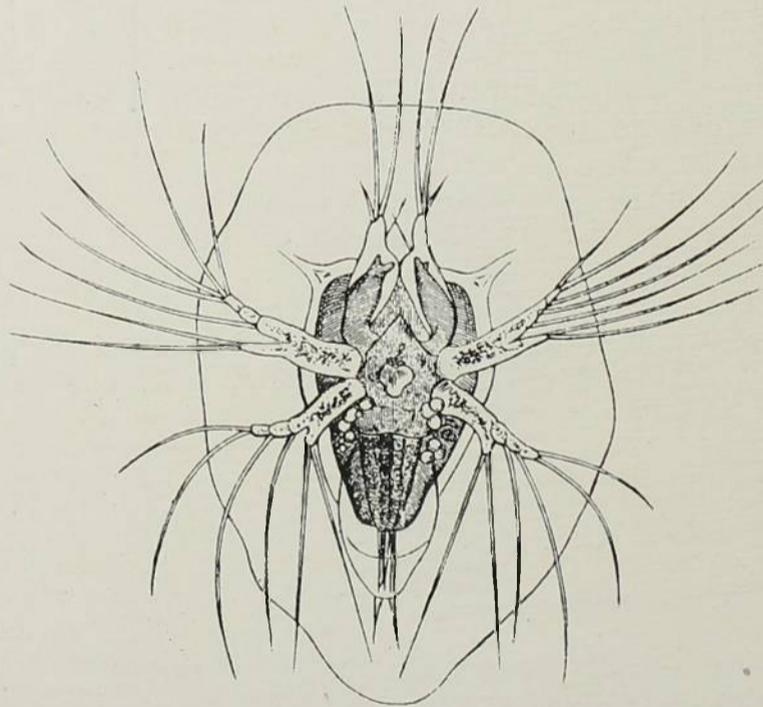


FIGURA 56

Nauplius de *Sacculina purpurea*, pouco antes da segunda muda, 180 diametros.

No primeiro par de patas estão os futuros membros adherentes, na parte posterior do corpo 6 pares de as patas nadadoras providas de cerdas longas.

patas natatorias e atraz d'estes, como traços do terceiro par, duas dilatações providas de uma longa cerda; mas que, debaixo desta pelle Nau-



pliiforme ha uma larva muito differente, depressa prompta, em poucas horas rompendo o seu grosseiro envolucro e então, apparecendo n'uma forma «que se assemelha, na segmentação do corpo e no desenvolvimento das extremidades, com o primeiro *estado de Cyclops*.» (Claus). Toda a serie do estado de Nauplius porque passou o Copepode livre, é neste caso transposta d'um salto.

Uma secção final e muito peculiar dos cruceos é formada pelas duas ordens de Cirripedes e Rhizocephalos. (1)

Nestes tambem o embryão nasce na forma de Nauplius e promptamente se despoja da sua pelle larvar primitiva, distincta pela ausencia de peculiaridades dignas de nota. Aqui, tambem, encontramos a mesma forma de pêra no corpo indiviso, o mesmo numero e a mesma estrutura das patas, a mesma posição dos olhos medianos (que, contudo, faltam em *Sacculina purpurea* e, segundo Darwin, em algumas especies de *Lepas*); e a mesma posição da «coifa

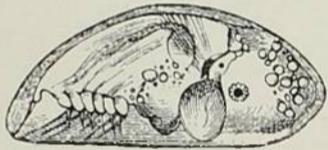


FIGURA 57  
Pupa de um Baladideo (*Chthalamus*?) 50 diam. As patas adherentes estão encolhidas na parte anterior um pouco opaca da valva.

oral», como nos Nauplius dos lagostins e Copepodes. Dos ultimos são distinctos os Nauplius dos Cirripedes e dos Rhizocephalos, pela posse de um escudo dorsal ou carapaça que, ás vezes (*Sacculina purpurea*) se projecta muito além de todo o contorno do corpo; e são distinctos não sómente dos outros Nauplius mas, tanto quanto eu saiba, de todos os outros Crustaceos, pela circumstancia de que as estruturas por toda a parte combinadas com os dous membros anteriores (antennas), occorrem aqui separadas d'elles.

As antenas anteriores dos Copepodes, dos Cladoceros, dos Phyllopedes (Leydig, Claus), Ostracodes (ao menos as Cypridinas), Diastylideos, Edriophthalmos e Podophthalmos, com poucas excepções referentes á animaes terrestres ou parasitas, tem filamentos peculiares que eu já mencionei por diversas vezes, como «filamentos olfactivos.»

Um par de taes filamentos emerge, nas larvas dos Cirripedes e Rhizocephalos, directamente do cerebro.

(1) As mais diversas opiniões prevalecem sobre a posição dos Cirripedes. Alguns attribuem-lhe um posto subordinado, entre os Copepodes; como Milne-Edwards (1852). Em opposição directa á esta noção paterna, Alph. Milne-Edwards colloca-os (como *Basinotas*) oppostos á todos os outros crustaceos (*Eleutheronotos*). Darwin encara-os como formando uma sub-classe peculiar equivalente aos Podophthalmos, Edriophthalmos, etc. o que me parece mais conveniente. Eu não combinaria os Rhizocephalos com os Cirripedes, como o fez Liljeborg, mas collocar-os-hia em opposição como equivalentes, como os Amphipodes e Schizopodes. A estreita relação entre os Cirripedes e Ostracodes, é tambem proclamada, mas a semelhança entre as ditas «larvas Cypriformes» ou pupas Cirripedes, como Darwin as denomina e *Cypris*, é tão meramente externa, mesmo no que se refere a concha, que a relação me parece apenas maior do que a que existe entre *Peltogaster socialis* (fig. 59) e a familia das salsichas.

Nos Decapodes, a chamada «glandula-verde» tem a sua abertura na base das antenas inferiores; nos Macruros, no extremo do processo conico. Semelhante processo conico, atravessado por um ducto efferente, é muito frisante na maioria dos Amphipodes.

Nos Ostracodes, Zenker descreve uma glandula, situada na base das antenas inferiores e se abrindo na extremidade um «espinho» extraordinariamente longo. Nos Nauplius de *Cyclops* e *Cyclopsina*, Claus encontrou «glandulas coquiligeras» que começam no par de membros intermediario (as antenas posteriores). Por outro lado, nos Nauplios dos Cirripedes e dos Rhizocephalos, a «glandula coquiligera» se abre no extremo processo conico, ás vezes do mais notavel comprimento, que emergem dos angulos da larga margem frontal e, foi interpretado ás vezes como antenas (Burmeister, Darwin), e ás vezes como simples «chifres da carapaça» (Krohn). A connexão das «glandulas coquiligeras» com os processos frontaes foi reconhecida de modo irrefutavel nas larvas de *Lepas* e, realmente, a semelhança dos processos frontaes com os processos conicos, nas antenas inferiores dos Amphipodes, é completa em tudo. (1)

Não obstante sua semelhança n'esta importante, peculiaridade, os Nauplius d'estas duas ordens apresentam differenças materiaes em muitos outros respeitoes. O abdomen do joven Cirripede é prolongado sob o anus, em um longo appendice em forma de cauda que é furcada na extremidade; e sobre o anus ha um segundo processo longo e spiniforme. O abdomen, nos Rhizocephalos, termina em duas pontas curtas — em uma «bifurcação caudal movel, como nos Rotatorios» (O. Schmidt). Os jovens Cirripedes têm bocca, estomago, intestino, e anus, e seus dous pares posteriores de membros, são cercados de multiplos dentes, cerdas, e ganchos que, com certeza auxiliam á aquisição do alimento. Tudo isto falta nos jovens Rhizocephalos. Os Nauplius dos Cirripedes sofrem muitas mudas emquanto n'esta forma; os dos Rhizocephalos, sendo astomatas, não podem, por consequencia, viver muito tempo n'essa forma; e no decurso de poucos dias se trans-

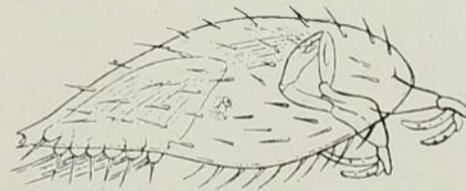


FIGURA 58  
Pupa de *Sacculina purpurea*, 180 diam. Os filamentos dos membros adhesivas podem ser a origem das futuras raizes.

(1) Em connexão com isso, deve ser mencionado que, nas femeas de *Brachyscelus*, em que as antenas posteriores faltam, os processos conicos com que os atravessa são com tudo retidos



formam em «pupas», como Darwin as chama, igualmente astomatas.

A carapaça se dobra, de modo que o animalculo adquiere o aspecto de uma concha bivalva, os membros anteriores muito peculiares

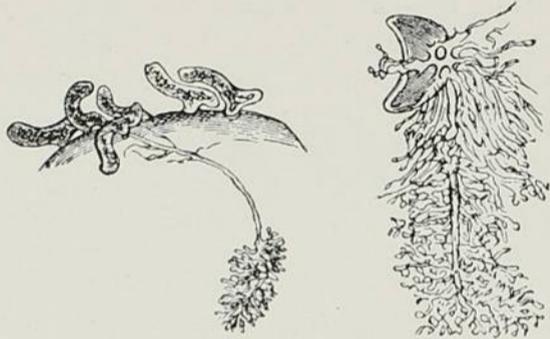


FIGURA 59

Fig. 59. — Jovens de *Peltoaster socialis*, sobre o abdomen de um pequeno *Pagurus*; em um d'elles vê-se as raízes fasciculadas no figado do Crustaceo. Animal e raízes de côr amarella intensa.

FIGURA 60

Fig. 60. — Joven de *Saculina purpurea*, com as suas raízes; animal vermelho purpureo; raízes de côr verde-gramma escura. 5 diametros.

(antennas prehenseis — Darwin), e os dous pares seguintes se transformam em patas adherentes, são expellidos, como os processos frontaes.

No abdomen, seis pares de poderosas patas natatorias (1) com longas cerdas formadas sob a pelle de Nauplius; e por traz d'estas, ha dous curtos appendices caudaes, providos de cerdas. (Fig. 58).

As pupas dos Cirripedes (Fig. 57) que são igualmente astomatas, se parecem completamente, em todas estas partes, com as dos Rhizocephalos; mesmo nos menores detalhes da segmentação e provimento de cerdas das patas natatorias, tornam-se distinctos delles, especialmente pela posse de um par de olhos compostos. A's vezes, tambem parecem persistir os traços dos processos frontaes. (2)

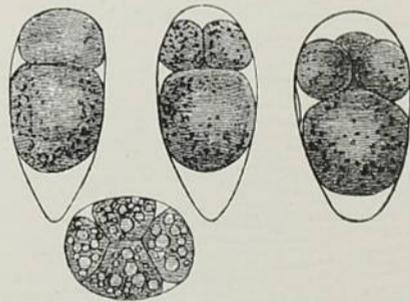
Como então os Cirripedes e Rhizocephalos se assemelham muito mais entre si do que no seu estado de Nauplius, o mesmo se dá com os membros individuaes de cada uma das duas ordens.

Em ambas, as pupas se ligam por meio de patas adherentes, as dos Cirripedes ás rochas, ás conchas, ás tartarugas, ás estacas, aos navios, etc., — as dos Rhizocephalos ao abdomen dos Carangueijos, das *Porcellanas* e dos *Paguros*. A carapaça dos Cirripedes se converte,

como é sabido, em uma casca peculiar por causa da qual elles foram a principio collocados entre os Molluscos; e as patas natatorias crescem em longos cirros que, conduzem a nutrição á bocca, então aberta. Os Rhizocephalos ficam astomatas; perdem todos os seus membros completamente e tomam as formas de linguças, de saccos ou de excrescencias discoidaes de seus portadores, cheias de ovos (Figs 59 e 60); do ponto de adherencia, tubos cegos, ramificados como raízes, mergulhão no interior de seu hospedeiro, trançando-se em torno do intestino deste ou, se diffundindo pelos tubos em sacco do seu figado. A unica manifestação da vida que persiste nestes *non plus ultra* da serie de Crustaceos, retrogradamente metamorphoseados, são as poderosas contracções das raízes e as expansões e contracções do corpo, em consequencia das quaes a agua flue na cavidade ovariana e é ainda expellida por um largo orificio. (1)

Alem de muitos Cirripedes que são anormais, tanto na estrutura como no desenvolvimento, deve ser aqui mencionado *Cryptophilus minutus*; Darwin encontrou-o em grande quantidade na ilha Chonos, nas conchas de *Concholepas peruviana*.

O ovo que é á principio elliptico, logo depois, segundo Darwin, se torna mais largo na extremidade anterior e ali adquiere as aspas claviformes, uma em cada angulo anterior e um posterior; nenhuma parte interna pôde, ainda, ser percebida. Subsequentemente, os processos



FIGURAS 61 64 62 63

Figs. 61 á 63. — Ovos de *Tetracitella porosa*, em segmentação 90 diamts. A maior das duas espheras de segmentação primeiro formadas, está sempre virada para o extremo pontudo do ovo.

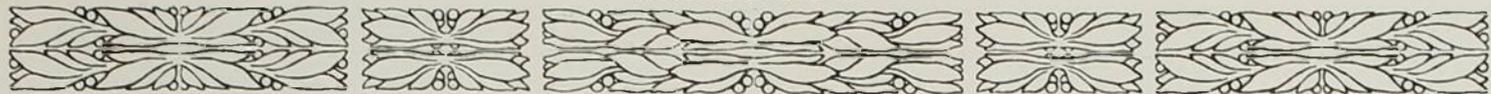
Fig. 64. — Ovo de *Lerneodiscus porcellanae*, em segmentação. 90 diametros.

posteriores desaparecem e as patas adherentes se deixam reconhecer dentro das anteriores. D'esta «larva-ovo» (Darwin diz della. « Não sei

(1) Compare-se a figura dada por Darwin (Balanidae, Est. XXX, fig. 5) das primeiras patas de *Lepas australis*, com a de *Lerneodiscus porcellanae*, publicada no "Archif für Naturgeschichte," (1863, est. III, fig. 5). A unica differença é que, na ultima, só ha 3 cerdas no extremo do ramo externo, enquanto que nos Cirripedes ha 4 no primeiro e 5 nas seguintes patas natatorias, o que bem pôde ser devido á um erro de minha parte.

(2) Darwin descreve como "orificios acusticos," pequenas aberturas na concha da pupa dos Cirripedes que, frequentemente cercadas por um rebordo, são situadas, em *Lepas pectinatus*, sobre curtos processos ceratiformes. Tenho muito poucas duvidas em considerar as aberturas como as das "glandulas coquilíferas," e os procesos ceratiformes como restos das aspas frontaes.

(1) As raízes de *Saculina purpurea* (fig. 60), parasita de um pequeno *Sacurita*, são utilizadas por dous Isopodes parasitas, á saber um *Bopyrus* e o já mencionado *Cryptoniscus planarioides* (fig. 42). Estes estabelecem sua morada debaixo da *Saculina* e produzem-lhe a morte, interceptando a nutrição assimilada pelas raízes; estas, contudo, continuam á crescer, mesmo sem a *Saculina*; e atingem, não raro, extraordinarias extensões, especialmente quando é um *Bopyrus* que dellas auferem os proventos.



bem como a deva chamar») é directamente produzida a pupa. Sua carapaça é apenas ligeiramente comprimida sobre os lados e villosa como em *Sacculina purpurea*, as patas adherentes são de tamanho consideravel e as natatorias faltam, como, no adulto, os cirros correspondentes. Segundo aprendi de Spence Bate, o estado de Nauplius parece ter sido transposto e a larva abandona o ovo, em estado de pupa, no caso de um Rhizocephalo (*Peltogaster?*) encontrado pelo Dr. Powel, em Mauricius.

Concluirei este escurso geral com algumas palavras sobre os primeiros processos no desenvolvimento dos Crustaceos. Até bem pouco, éra considerada regra geral a formação do disco germinativo pela segmentação parcial do vitellus e n'aquelle, corresponder a uma superficie ventral do embrião uma bandeleta primitiva. Sabemos agora que, nos Copepodes (Claus),

nos Rhizocephalos (Fig. 64) e, posso addicionar nos Cirripedes (Figs. 61 e 63), a segmentação é completa e os embryões ficam esboçados na sua forma completa, sem bandeleta primitiva alguma. Provavelmente será sempre este ultimo o caso, quando os jovens sáham como verdadeiros Nauplius (e não providos de meia pelle de Nauplius, como em *Achtheres*). Os dous modos de desenvolvimento podem occorrer em animaes estreitamente alliados, como ficou provado por Achtheres entre os Copepodes. (1)

FRITZ MULLER.

(1) Não mencionei os *Pycnogonida* porque não os considero Crustaceos; nem os *Xyphosurus* e *Trilobitas* porque, jamais havendo eu proprio investigado sobre elles, sei muito pouco a seu respeito; e sobretudo porque não estou ao par dos detalhes explicativos, dados por Barrande, sobre o desenvolvimento dos ultimos. Segundo Spence Bate, "os jovens dos *Trilobitas* são da forma *Nauplius*."



## A ROMÃ

Mal se confrange na haste a corolla sangrenta  
E o puniceo vigor das petalas descóra,  
Já no ovario fecundo e entumescido, augmenta  
O escritorio em que retem, os seus thesouros, Flora!

E eil-a exsurge a Romã, fructa excelsa e opulenta  
Que, de accesos rubis, os lóculos colora,  
E á casca orbicular, aurea e erythrina, ostenta  
O ouro do entardecer e o paunasio da aurora!

Fructa heraldica e real, em si, traz a corôa  
Que o calice da flôr lhe pôz com o mesmo afago  
Com que a Mãe Natureza os seres galardôa!

Porem na fórma hostile, de arremesso e de estrago,  
Lembra um dardo mortal que o espaço crusa e atrôa  
Nos prelios ancestraes de Roma e de Carthago!

EMILIO DE MENEZES.





## BUENOS AIRES

NO RIO DA PRATA — O PRIMEIRO ASPECTO DA  
CIDADE — NO CORAÇÃO DA CAPITAL ARGENTINA

I

— Já esteve em Buenos Aires?

— Ainda não.

— h! é preciso vêr Buenos Aires.

Sim, é preciso vêr Buenos Aires, como é preciso vêr o Rio de Janeiro, porque uma das causas principaes de reprovaveis desintelligencias é o pouco conhecimento que nós Americanos temos uns dos outros. «E' preciso vêr Buenos Aires,» é uma fraze que os Argentinos dizem sempre aos Brasileiros durante as boas relações e agradável convivio que fazemos nas travessias do Atlantico. Elles conhecem o Rio de Janeiro, — porque desembarcam durante algumas horas e percorrem o centro da cidade ao acaso.

Os Brasileiros que viajam vão a Paris; só mesmo quem tem negocios vem ao Prata, de modo que temos uns dos outros uma vergonhosa ignorancia. Parece, porém, que agora os Portenhos pensam ter mais contacto com os Cariocas. Ha dias, durante o baile carnavalesco do Club Uruguay, um Argentino referia os projectos de compatriotas seus e fazia uma pergunta muito curiosa. Não ha nem uma indiscreção em reproduzir uma e outra coisa, pois hoje, com o forte partido de aproximação que felizmente se forma nas duas grandes capitales seria uma hypocrisia querer esconder essa aparente desintelligencia fomentada pelos exploradores irresponsaveis de todas as aguas turvas. Dizia, pois o Argentino:

— Eu não posso explicar esses constantes beliscões (authenticos) que as imprensas do Rio e de Buenos Aires mutuamente se dão! Nós não somos absolutamente dois paizes rivaes pela simples razão de que não temos rivalidade de interesses nem de limites. A producção argentina não é a producção brasileira; a nossa industria não é a dos senhores; os nossos mercados não são os seus. Porque, pois, essa irritante tolice? Que rivalidade pode haver por Buenos Aires ter mais de um milhão de habitantes e o Rio menos de um milhão, si o Brasil tem vinte e cinco milhões, e... — O Sr. conhece o livro de Mansilla, *Un pais sin ciudadanos?*..., e a nossa provincia apenas cinco milhões? Que importa que os hoteis de Buenos Aires sejam melhores do que os do Rio de Janeiro, si os senhores não vivem nos nossos

hoteis nem nós nos seus? A natureza do Rio de Janeiro é estupenda? Melhor para o Rio de Janeiro! O curso de Palermo é comparavel ao do Bosque de Bolonha? Melhor para o curso de Palermo! Bom proveito! Eu não vou brigar com um amigo porque a gravata delle é mais bonita do que a minha nem elle comigo porque eu sou mais rico. De maneira, meu caro senhor, que nós andamos de ponta unicamente porque habitamos duas capitales confortaveis e civilisadas. E chegamos assim á esta conclusão idiota: que os jornaes cariocas e os jornaes buonairenses viveriam na melhor paz do mundo si Buenos Aires fôsse uma tapera e o Rio de Janeiro uma aldeiola!...

— Realmente a sua deducção é clara.

— Logica, meu caro senhor, logica. E como eu, pensa toda a gente sensata da Republica Argentina. E' pena que a gente que assim pensa não tenha um jornal para dizer o que eu lhe estou dizendo. Ora, eu nunca encontrei um Brasileiro (e tenho encontrado muitos) com quem não fizesse as melhores relações. O senhor acaba de citar entre os seus conhecimentos de Buenos Aires e da provincia as mais distinctas familias do paiz. E assim somos todos. Ha excepções... Claro que ha! Em toda parte ha gente malcreada. Si individualmente somos amigos, porque não o seremos de paiz a paiz? Porque parte das duas imprensas não quer? Que importa a imprensa! E' um crime sujeitar dois grandes paizes, naturalmente e historicamente alliados, ao bom ou máo humor do jornalista que fez bem a digestão ou tem uma preocupação que lhe tira a calma e o discernimento. Pois não acha?

— Que duvida! Mas qual é o projecto?

— Ah! E' verdade! E' que no inverno proximo, em vez de irmos ao Paraguay como costumamos fazer, pretendemos ir ao Rio de Janeiro.

\*  
\* \*

Como tudo quanto ahi fica eu já tinha ouvido de muitos Argentinos, foi com inilludivel emoção que vi o navio se aproximar de Buenos Aires.

Eram seis horas da manhan de um lindo dia de Janeiro; o sol que nascia dava chispas prateadas á agua barrenta do rio, que de margem á margem, margens ainda invisiveis a olho nú, era uma infindavel esteira d'agua, cortada por dezenas e dezenas de vapores de todas as nacionalidades, já navegando com bandeira hasteada. Depois, com o sol que caminhava, as margens se foram aproximando, uma linha esfusiante e branca apareceu pela prôa, e sem transição de paizagem, começou a surgir a cidade de Buenos Aires. Eram ao principio cha-



minés e muralhas, torres, zimbórios, campanários, todos esses vistosos chapéus armados das cidades. Nem uma elevação do solo: uma vasta, uma extensa planície admiravelmente aproveitada. Numa grande linha marginando o caes crescia uma interminável floresta de mastros; e em breve o transatlântico também foi encerrado e amarrado em uma caixa do dique, como um doido dentro da sua camisa de força. Mas então da cidade todo panorama era invisível, com o horizonte tapado pelos galpões da Alfandega e os elevadores hydraulicos.

As bellas cidades são como aquellas princezas vaidosas dos contos de Perrault que, vestidas com sumptuosidade regia, envolviam-se em velhos mantos que depois de despojados ainda mais realçavam a belleza e o luxo. Quem chega a Paris pela gare do Norte ou de Lyon, e por esta ultima principalmente, tem de atravessar bairros sujos e escabrosos antes de vêr as bellezas da Praça da Concordia e de toda a margem direita do Sena; o viajante que desembarca em Madrid pelas Delicias encontra-se num bairro afastado, cheio de mendigos e desocupados; pela estação de França em Barcelona o aspecto é identico: e nós todos ainda nos lembramos do que era o desembarque no Rio de Janeiro, antes de ajardinada essa esplendida praça do caes Pharoux de que todo Carioca se deve orgulhar. Em Buenos Aires o contraste ainda é mais flagrante. Depois da Alfandega (oh! uma formalidade apenas!), entra-se numa especie de esplanada, povoada de carros, de carroças e de carregadores. Roda o carro, dá uma volta, duas voltas, entra no Paseo Colon extraordinariamente movimentado (movimento commercial), um dos poucos trechos de Buenos Aires onde ainda existem velhas construcções coloniaes. A curiosidade é grande; quanto mais o carro avança mais trabalha o espirito estudando, discernindo, anciando pelo que a cidade tem de soberbo. De subito uma ladeira, á uma esquina o grandioso edificio do Palace-Hotel, mais uma volta, mais uma rua, e abre-se diante dos olhos uma linda, vasta, arejada e ajardinada praça, que é a Plaza de Mayo. Ao fundo, dando costas ao rio, e olhando a estatua da Victoria, alinha-se de extremo a extremo o Palacio do Governo, geralmente chamado *Casa Rosada* como em Washington se chama *Casa Branca*. E' um dos edificios historicos de Buenos Aires, porque Juan de Garay quando fundou a cidade em 1580, fazendo a distribuição de terrenos destinou o da Casa Rosada á uma fortaleza. O governador Zabala começou a obra em 1595; essas muralhas de defeza foram demolidas em 1853; até 1894 o terreno foi ocupado pela alfandega velha. Os ladrilhos das paredes dão-lhe um aspecto alegre e gracioso, ainda mais avivado pelas per-

sianas de côr que durante o dia guardam do sol as salas que deitam para a praça. E' realmente a *Casa de Gobierno*: o palacio do Presidente da Republica, os Ministerios e o Congresso, este ultimo provisoriamente, enquanto não se termina o sumptuoso edificio em construcção no fim da Avenida. Dos dois lados da praça erguem-se varios edificios notaveis, como a Bolsa, a Cathedral (uma bella reproducção da Magdalena), o Banco Italiano, o Banco da Nação Argentina, o Palacio Municipal e outras casas de menor importancia architectonica. E sahindo da praça é a Avenida de Mayo, longa e arborizada, fazendo um suave declive como os Campos El seos, ostentando edificios magnificos como a *Prensa* e o *Club Progreso*, em estylo Luiz XVI. Vendo a, rodando no seu asfalto pensei nessa mania de comparações que tudo alinha e compara, mesmo as coisas heterogeneas. Quem foi que se lembrou de comparar a Avenida de Mayo á Avenida Central? Que disparate! Comparal-as entre si apenas porque ambas são duas vias de comunicação urbana é tão insensato como comparar um padre italiano a um soldado turco, — porque ambos são homens. A Avenida de Mayo vae de uma praça á outra como a dos campos Elyseos em Paris, e a nossa vae de mar a mar como... como a de nem uma outra cidade. A construcção da Avenida de Buenos Aires segue a uniformidade das grandes vias europeas, e a do Rio de Janeiro é variada, original, bizarra, com um caracter proprio e fisionomia sua. A Avenida de Mayo, após um longo trabalho, foi inaugurada em 1894, e como os seus terrenos são dois terços mais caros do que no Rio de Janeiro, ainda conserva vastos e repetidos claros habilmente disfarçados com annuncios artisticos. A Avenida Central tem uma historia: ella representa o primeiro susto da velha cidade colonial para a linda cidade moderna, a reacção do bom gosto contra o carancismo que nos desmoralisava, uma onda purpurina de pudor nas nossas faces amarellecidas pelo respirar constante dos miasmas de todas as vielas da antiga S. Sebastião. Nós seguimos o louvavel exemplo que veiu de Buenos Aires, porque foram os Argentinos que inauguraram essa reacção, que abriram essa época de progresso, belleza, hygiene e conforto na America do Sul; e só assim se explica essa febre salutar de trabalho na capital do Brasil, só assim se explica esse nobre entusiasmo que arcando contra a ironia dos impotentes, a raiva dos invejosos, a estupidez irritante dos scepticos, a critica dos desocupados, produziu o milagre de fazer surgir de demolições e de escombros, em tres annos, uma esplendida avenida bordada de palacios, arborizada, incomparavelmente bem illuminada, com as suas lojas, os



seus cafés, os seus terraços ao ar livre, impondo-se ao amor dos Cariocas, á admiração dos estrangeiros, entrando pela vida nacional como um hausto de ar novo, educando o bom gosto, modificando os costumes.

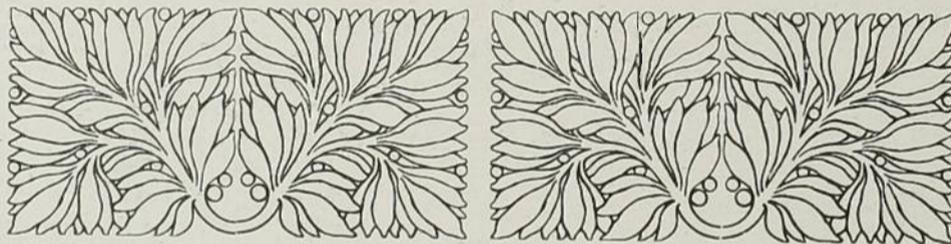
Assim pensava, olhando a Avenida de Mayo de uma das janellas do hotel, pasmando para o extraordinario movimento de carruagens e de automoveis, á certas horas do dia comparavel ao dos grandes boulevards de Paris. E como Paris a esplendida capital argentina ia aos poucos, á proporção que o dia augmentava, assumindo esse character de cosmopolitismo no ruido da multidão nas ruas, na pressa do trabalho febril, na curiosidade vagarosa dos touristes, até nos annuncios ambulantes que mais do que todos os outros põem em evidencia o estrépito brutal da luta pela vida. Passavam carros, automoveis, bicycletas, peões, operarios, gente rica, negociantes, ociosos, e tirada por quatro cavallos ricamente ajaezados uma grande carroça conduzindo um bombo

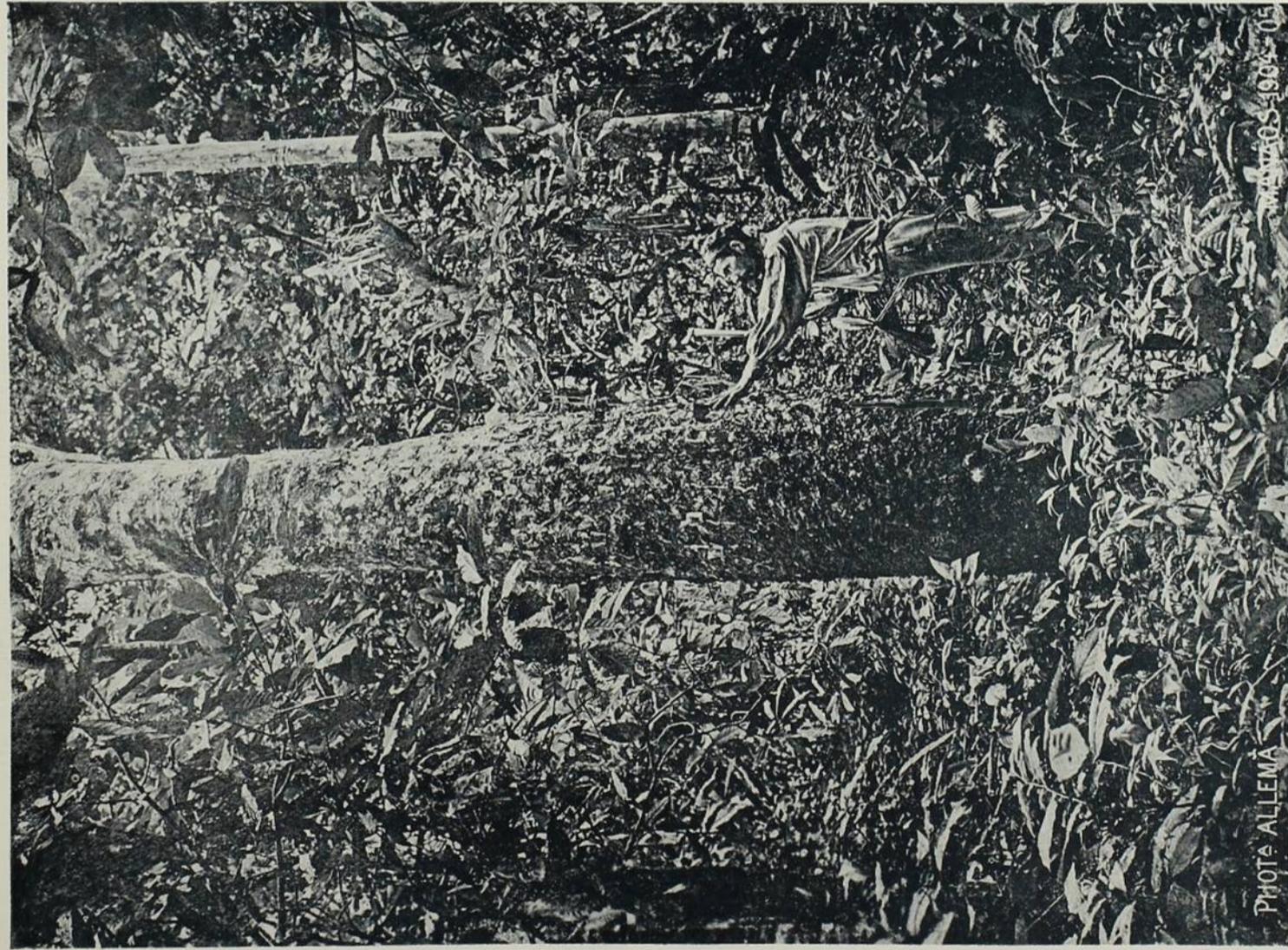
colossal que de minuto em minuto resoava annunciando uma nova marca de cigarros, e que era como o symbolo das industrias florescentes clamando por mercados, pondo em campo a concorrência, — concorrência, esse sangue novo de todas as organizações sociaes que cura e retempera os sulcos envenenados do monopolio.

Nesse instante volvi os olhos para o passado; e lembrando-me das descripções dos jornaes e dos amigos, vi a Avenida de Mayo toda florida e empavesada, com as bandeiras ao vento e a multidão abrindo alas, enquanto entre as alas e sob as bandeiras, passava um prestito triumphal aclamando em delirio no Presidente Campos Salles e no Presidente Roca os emissarios sinceros e expontaneos da paz e da confraternidade entre o Brasil e a Republica Argentina.

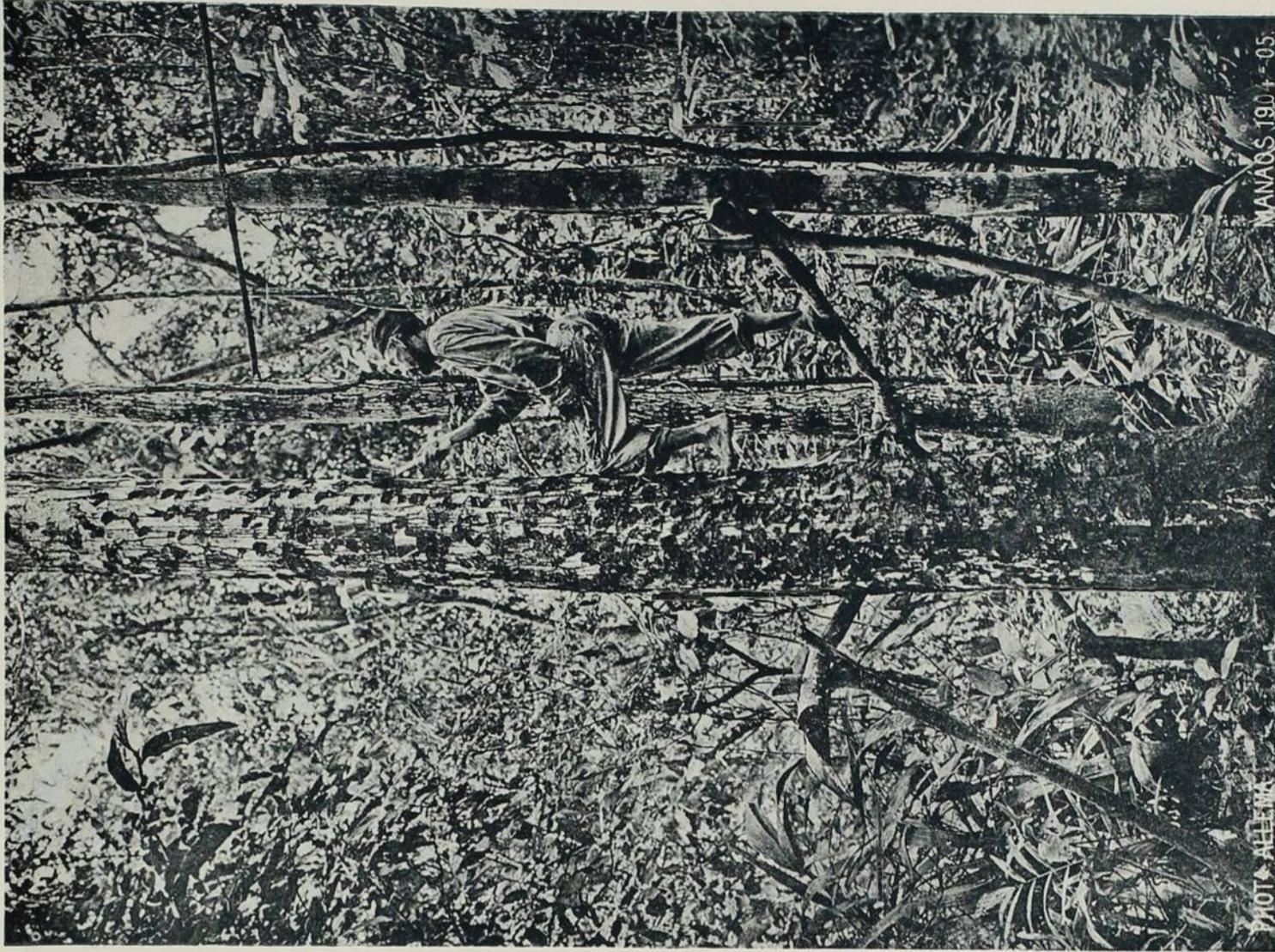
*Montevideo — Março — 1908.*

THOMAZ LOPES.





CORTAR A SERINGUEIRA E COLLOCAR TIGELINHAS



FAZENDO OS CORTES POR MEIO DE UM ANDAIME (MOITÁ)

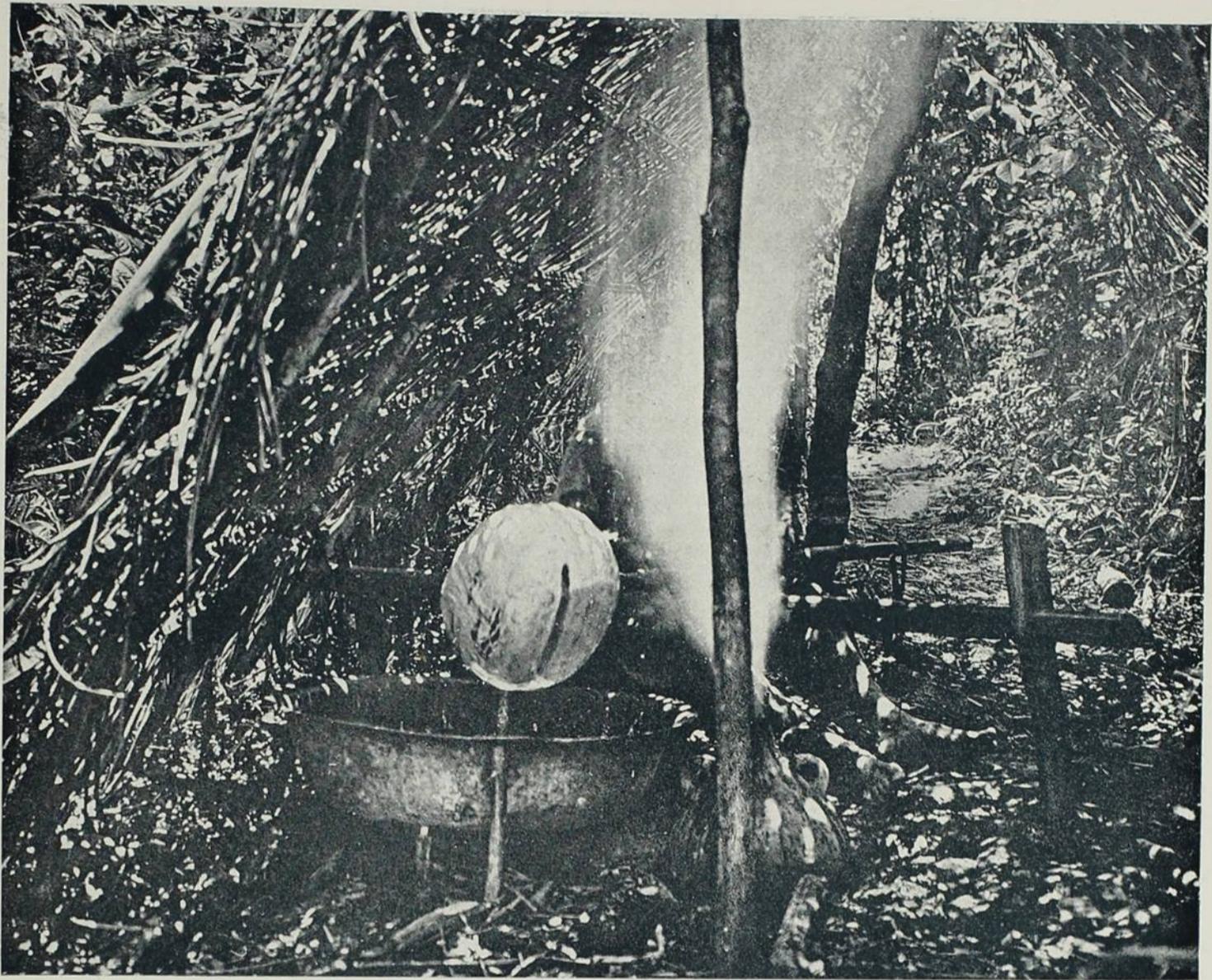


BENEFICIAMENTO DA BORRACHA EM MANAÓS



BENEFICIAMENTO DA BORRACHA EM MANAÓS

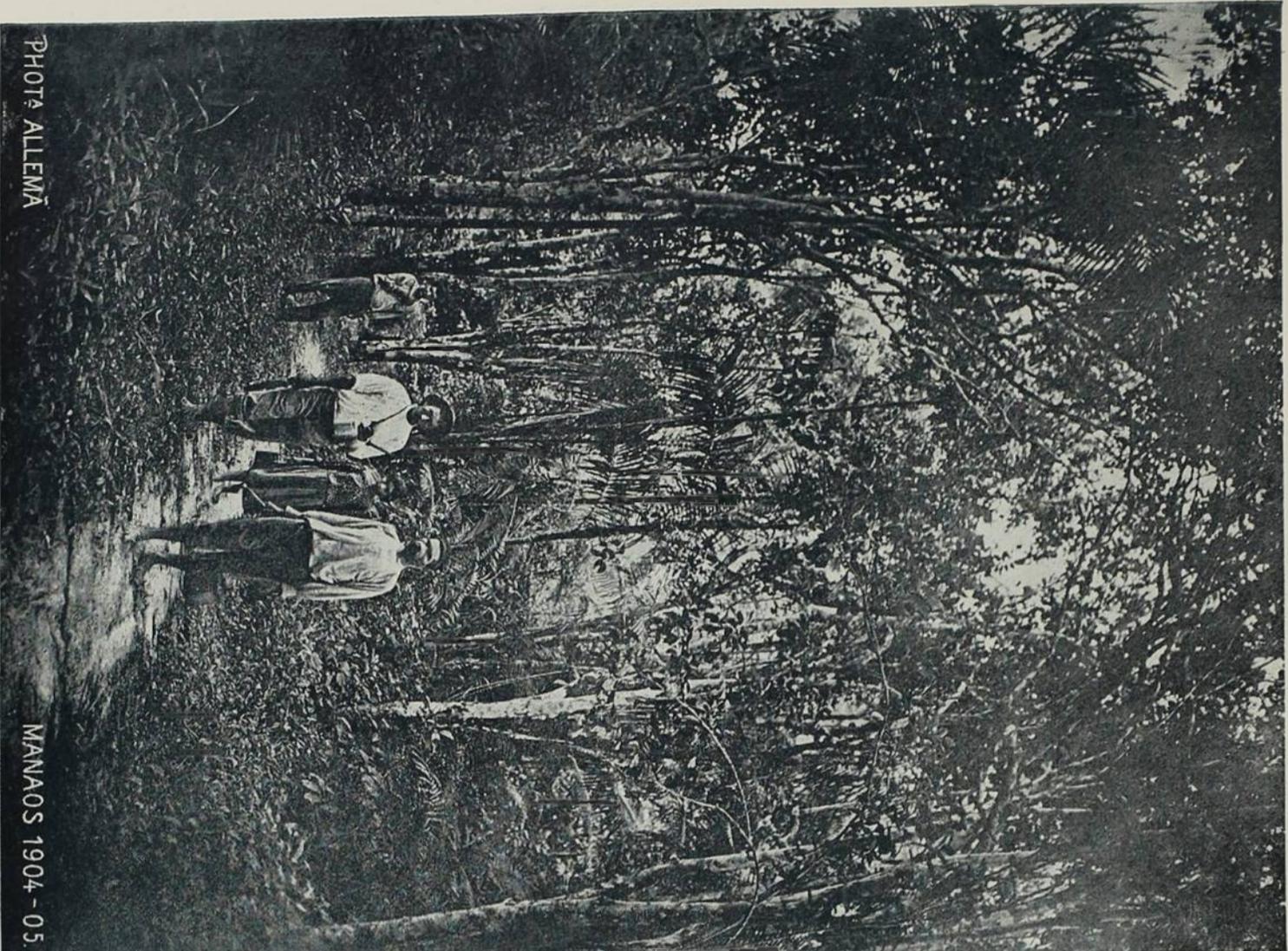
A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NA AMAZONIA



O DEFUMADOURO DO LEITE DA SERINGUEIRA



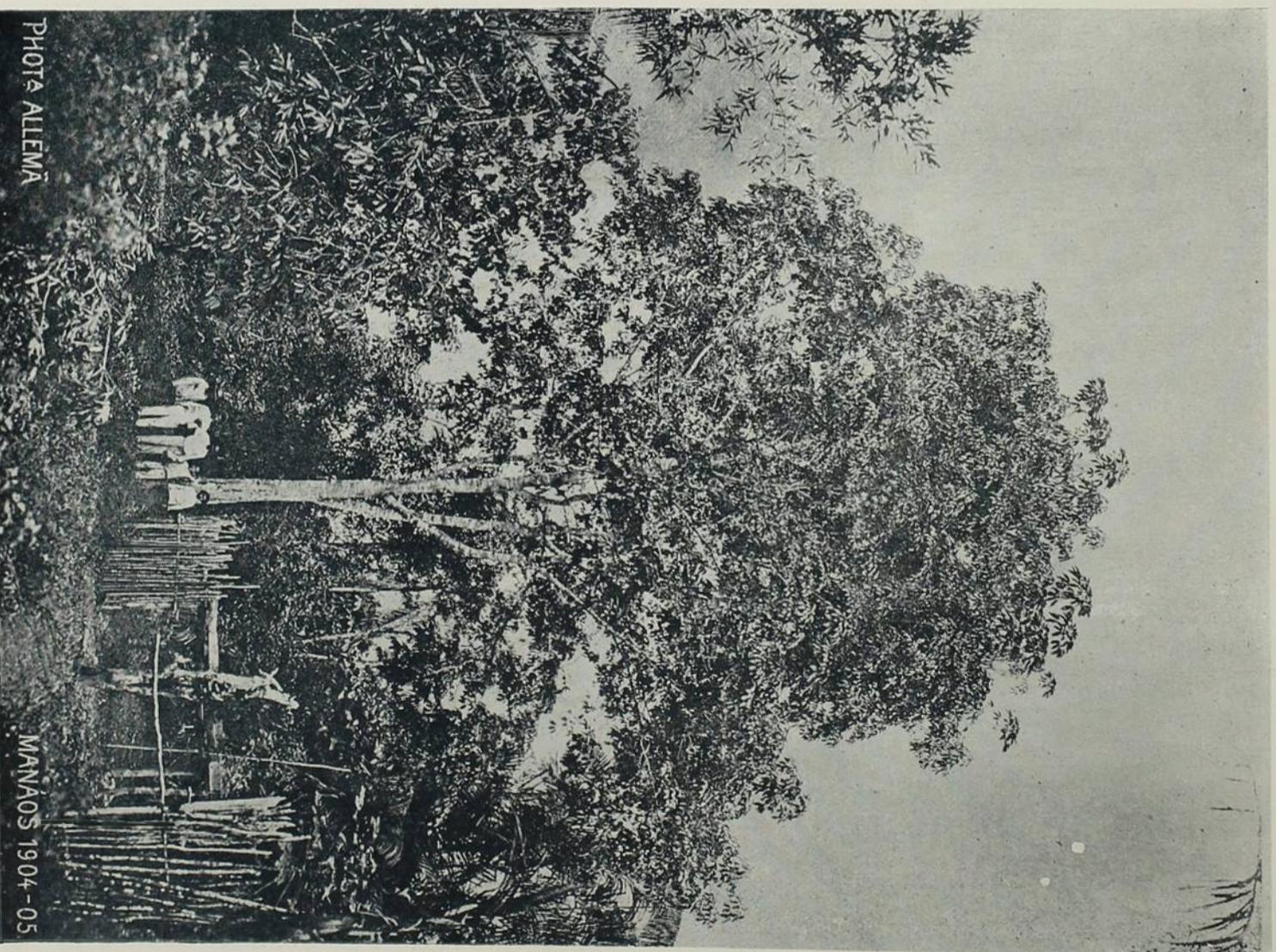
O DEFUMADOURO DO LEITE DA SERINGUEIRA



PHOT. ALLEMA

MANAOS 1904 - 05.

SIRINGUEIROS VOLTANDO DA ESTRADA



PHOT. ALLEMA

MANAOS 1904 - 05

A SIRINGUEIRA



## Carta a um Bacharel

EMFIM, ao cabo do seu lustro de synopses fastidiosas e sabbatinas apavorantes, póde V. adornar-se com a laurea academica e esperar calmamente a evidencia de uma defesa na roça ou a delicia de uma promotoria no Acre. Dessa viagem ao redor do *Corpus Juris*, cuja extensão lhe evocava tantas vezes a desmedida grandeza do imperio romano, trouxe apenas V. uma abreviada noticia dos systemas infindaveis ou monumentaes, que gerações de pensadores andaram construindo sobre uma cousa tão simples na sua essencia, como seja o principio de associação humana. O lapis do reporter, noticiando, faz prodigios maiores de graça e de saber: cinco minutos de improvisação genial valem mais que cinco annos de furioso galope atravez do *jus publicum* e do *jus privatum*, os hemispherios desse obscuro planeta habitado pelas sombras anonymas e fatidicas dos glosadores da escola de Bolonha.

A' força de esmiuçar os direitos alheios, reconhecê-los e classificar-los na diversidade dos casos e dos typos, V. adquiriu, entretanto, o direito inalienavel de affirmar com Guerra Junqueiro que *é como toda a gente um bacharel formado*. Ineffavel compensação, tanto mais delectosa e appetecida quanto o seu conceito excede o das pulverulentas Ordenações revalidadas pelo sr. duque de Bragança — o reles desconto de uma divida a outra... Para ser formado e, o que é mais, como toda a gente, nada fez na realidade o venturoso bipede que, durante cinco annos, dependeu a energia e a mocidade dos seus nervos sobre massiços compendios francezes ou italianos, e atravessou as mais tormentosas noites de insomnia e de pavor enquanto os seus semelhantes bebiam ou amavam sob a guarda tutelar das leis que o suppliciavam, a elle, e sentiu o calafrio das provas oraes gelar-lhe a espinha em face do Desconhecido de uma banca examinadora.

A fortuna, que para os outros homens lampeja instantaneamente no gyro de uma roda, prendeu-a V. num canudo! Bom catholico romano, adstricto aos dogmas e aferrado ás bullas, tremendo de justo medo (não vá confundir o *justus metus* que entre os romanos já viciava o consenso das partes com esse terror salutar das penas do inferno), quando o padre Julio Maria dardeja o seu raio, do pulpito da cathedral, recebe o meu amigo um sacramento novo, que o purifica sobre a terra e que o exalta na graça do Senhor. Pois não disse o Padre-Mestre José Maria Eça de Queiroz, o glorioso cabula

da universidade de Coimbra, que o bacharelato é nos paizes latinos um complemento do baptismo? Dissociando-se embora da religião, desprendendo-se das cousas divinas para attentar melhor nas cousas humanas, o direito ainda lembra com orgulho a magestade sacra do seu berço. Ah, o collegio dos pontifices em Roma, quando a sciencia agora ultrajada pela nossa rabulice tinha o encanto e a aureola de um mysterio inviolado! Toda ella apparecia aos leigos sob o prestigio das formulas e dos symbolos. O acto subordinava-se á palavra, o interesse á forma, e de tal sorte que Ihering decifrou no portico da historia do direito essa legenda: IN PRINCIPIO ERAT VERBUM.

Seja um acto complementar do baptismo a sua formatura, e com elle rejubilará certamente o velho direito dos canones, que outr'ora legislava e codificava embrullhado na purpura cardinalicia. Daqui estou a vel-o, meu amigo, pallido e grave, recebendo a sagração bacharelatica entre flores e festas, nessa quaresma bipartida pelos neologistas carnavalescos, emquanto o abençoam como invisiveis paranympnos os 66 Bispos que, no 4º concilio de Toledo, compozeram o terribilissimo *Fuero Juzgo*, sob o qual muito generam e muito penaram os terribilissimos wisigodos.

Mas logo depois o imagino desalentado ou, melhor, succumbido, ao peso dos louros abundantes que lhe enramam e lhe esmagam a vida. Sim, eu comprehendo O seu bacharelato vae ser fulminado pela ironia dos grandes homens que desprezam o bacharel. Por seu mal, V. ainda não evoluiu até á sabedoria de Macaulay, para quem esses grandes homens, casualmente empoleirados numa bella altitude, gosam apenas mais cedo que os outros o calor e o brilho dos raios solares, que, sem elles, abrasariam da mesma sorte a planicie onde vagueia a especie. V. tem por esses individuos eminentes o culto reflectido de Stuart Mill, o culto apaixonado de Emerson, toda a sorte de cultos, mas, ou eu muito me engano, ou as figuras authenticamente representativas acodem pelos nomes de Shakespeare, Gøthe, Novalis, etc., quando não se chamem Newton ou Darwin. De que lorangeira da Gavea cahirá sobre nós uma nova lei universal? Em que morro se delineia o perfil da nova tragedia? Ou pretenderá V. fazer-me acreditar que a todo o momento, de extremo a extremo da avenida, entre o *fon-fon* dos automoveis e o tilintar dos bonds electricos, nos derriba e nos aturde o possante bater das azas de uma aguia? De resto, as aguias não devem aterrar-nos: ellas não caçam moscas. E como nos falta uma debandada de glorias aquilinas sobre o relevo orographico da nossa bahia, contentemo-nos por enquanto com a indulgencia dos gaviões reaes que por ali passeiam,



mais ou menos enplumados. Raramente um Gomes Leal (a quem poderíamos cognominar desde logo o *crû*, na dynastia litteraria dos portuguezes), se debruça á *Janella de Naná* e pede a sorrir o exterminio dos bachareis, depois de haver trucidado com fereza sanguinaria os deuses e as deusas no *Anti-Christo*:

“Passam vinte, cem, mil... Dizem doutrinas serias  
Que reinam as bacterias  
E os bacillos gentis, dos quaes somos o hotel...  
Mas quando ha de um Koch, um Yersin, um portento,  
Achar o grato invento  
- De um *sôro*, que nos livre, a nós, do bacharel?”

Não amaldiçoemos o gentilissimo bardo anarchista, cuja lyra tem repousado frequentemente á sombra do Limoeiro, na capital da sua patria, mesmo porque a satyra mais violenta consegue apenas escorchar a epiderme dos individuos e a carapaça das instituições. O throno de Napoleão III nunca esteve tão solido, como quando açoitado pelo vendaval das estrophes hugoanas.

Certo, o que lhe repugna é a insolencia dos peraltas, dos casquilhos, dos sécios educados na alta escola das elegancias cariocas, arremettendo e ganindo contra um honesto labor de cinco annos. Não ha pelintra que, em veia de chalaça ou em dia de camoéca, se abstenha de morder o bacharel, esticando o focinhito agudo de roedor ou estadeando a sua *pose* de summidade balofa. Ahí tem V. o diploma esfrangalhado, a formatura escarnecida, toda a sciencia juridica em farrapos, e a grande não romana despedaçando-se de encontro a um banco de jardim publico, sobre o qual se repimpam dous ou tres patites insignes. Que recurso ministrará o direito contra as perturbações desse genero ao exercicio da sua posse? Que juiz nos ouvirá, quando articularmos timidamente o nosso libello deduzido de factos dessa natureza? Talvez o espectro de Papiniano, se algum dia reassumir a presidencia do tribunal de York. Mas, não cogitando a formalistica processual de appellação ou de agravo para Deus, melhor é invocar desde logo o Diabo, num alexandrino phosphorescente de satanismo:

“Oh Satan, prends pitié de ma longue mlsère!”

Este verso arrepiará talvez os seus nervos de bacharel catholico romano, mas não lhe dê o meu amigo maior attenção que aos versos de Gomes Leal ou ás heresias juridicas dos autos onde vae estrear a sua dialectica balbuciante: é apenas uma flor do Mal, colhida nas estufas d’el-rei Beaudelaire.

Os medicos, no tempo em que era grato aos poetas chacotear os doutores armados de seringa e lanceta, soffreram tanto quanto os

frades a acção corrosiva dos epigrammas bocagianos. Medicos e frades prosperam, engordam, triumpham hoje no seu officio, aviando sollicitamente grossas encomendas para o Outro Mundo. Bocage não resuscitou na litteratura portugueza, e os bachareis nem sequer podem gabar-se de haver dado materia a um epigramma genial.

Se alguma cousa deve acabrunhal-o, portanto, é a sobrecarga de tradições e responsabilidades da sua classe, a mais eminente e fulgurante neste miraculoso paiz da bananeira e do ipé. Todo o systema das nossas forças historicas, a datar de 1822, se desloca e se completa em volta do bacharel, que legisla, discursa, administra, ensina, commanda, e sobrepõe ainda ás outras manifestações intellectuaes da nacionalidade a sua cultura juridica, desbordando na obra imperecedoira de Teixeira de Freitas para a codificação argentina ou atravez da eloquencia de Ruy Barbosa para os novos moldes da vida internacional. Na orbita da sua classe é que se geram todas as nossas formas de liberdade, cultura e progresso; um bacharel consolida a nossa lei, outro reivindica a nossa terra, outro synthetisa no seu verbo as tendencias mais nobres da raça, e imagine V. agora o que seria o organismo nacional se lhe injectassem de repente uma bôa dose do sôro anti-bacharelatico.

Deixe crescer e viçar festivamente, pois, o seu melindroso bacharelato. Que elle aprofunde e avigore as delicadas raizes nas entranhas maternas do Digesto; que os principios em flor desabotem por entre as folhas amarellecidas, as folhas dos codices e dos tratados. Faça V. de todo o seu dia um litigio, de toda a sua existencia um archivo judiciario. Em vez do Padre Nosso, murmure ao despertar uma petição inicial, e á noite adormeça balbuciando candidamente uma treplica infantil. Quando lhe apertar o coração a saudade dos livros perturbadores, ouça com ternura e em silencio aquella voz que nos repete, aos trinta annos, o conselho da *Sagesse*:

“Homme, prudence! car c’est bon pour une fois...”

E, se a vida lhe é inconcebivel sem um bocado de poesia, medite sobre os escombros da Lei das XII Taboas, lendo Savigny ou Maynz, como Lamartine meditava sobre a ruinaria do circo, lendo Tacito, e possa emfim a sua alma embeber-se de toda a poesia virtual do direito, ao recordar que a evolução do *Kósmos* juridico possui — já um Mestre o ensinou — a magestade e o rythmo do sereno curso das estrellas. Deixa-o neste momento e neste recanto de *Kósmos* o seu collega

CELSONO VIEIRA.

# L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

## LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas  
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria  
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

**SABBADO, 18 DO CORRENTE**

160-30.

Por 3\$200

**50:000\$000**

Por 3\$200

CAIXA POSTAL N. 41

**38 — Rua Primeiro de Março — 38**

RIO DE JANEIRO

Agentes *NAZARETH & C.*

Rua Nova do Ouvidor, 10

# NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Alfido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japoneza



Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

RIO DE JANEIRO



# O 1º RELOGIO DO MUNDO

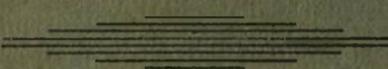
LA 1<sup>re</sup> MONTRE DU MONDE



## CHRONOMETRE ROYAL

Vacheron & Constantin - Genève

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

**CASA STANDARD**  **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER



Inscrições na

CASA STANDARD

Ouvidor 72

12\$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL